

ARRANCA PRÉ-CAMPANHA DA APU

Por uma grande e imediata acção de esclarecimento e propaganda

As operações demagógicas do PS, PSD e CDS, as furiosas campanhas de diversão e intoxicação conduzidas pela comunicação social controlada ou afecta ao PS, PSD e CDS, as discriminações contra o PCP e a APU tornam desde já a acção de esclarecimento do nosso Partido um aspecto central da intervenção eleitoral do PCP e da APU.

O mês de Agosto deve ser intensamente aproveitado para dinamizar audaciosamente esta acção de vital importância política e eleitoral, fazendo chegar ao maior número de portugueses — estejam a trabalhar ou em férias — a informação verdadeira sobre a situação e os problemas nacionais, a denúncia justa das responsabilidades da política de direita e dos partidos — PS, PSD e CDS — que a têm promovido, a resposta vigorosa e pronta às suas mentiras, a enunciação serena e responsável das propostas do PCP e da APU para a solução dos problemas nacionais, para garantir um novo rumo para Portugal.

Nesse sentido e com vista a apoiar centralmente a acção das organizações e militantes do Partido, foram já editados — além de outros materiais de propaganda — um jornal de parede, uma exposição impressa (em duas placas) e uma folha de férias (separata deste número do «Avante!» distribuída separadamente) que constituem uma boa ajuda para esta tarefa de esclarecimento em que cada militante deve participar.

Ao trabalho, pois, para uma grande presença em todo o País!

**Falharam todas
as coligações
PS, PSD e CDS
São eles
os responsáveis
pela situação
do País**

**É URGENTE
NOVO RUMO
para a política nacional**

VERÃO '85

O segredo
finalmente revelado!

DOPA: a face oculta
de uma política

**sete governos
em nove anos
PS/PSD/CDS**

Falharam

**são eles
os responsáveis
pela situação
do País**

**É URGENTE
UM NOVO RUMO
PARA
A POLÍTICA
NACIONAL**

COM O PCP COM A APU

APU
POVO UNIDO

**PS/PSD/CDS
Falharam!**

**o País não pode
esperar mais**



**PELO TACAMENTO
DOS SENARIOS**

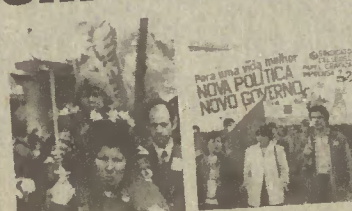
**7.800
A REFORMA**



**Um novo rumo
para o País com o trabalho de todos**

APU
POVO UNIDO

**com a APU
um Novo Rumo para Portugal**



**Com a APU
O trabalho de todos para salvar o país**

APU
POVO UNIDO



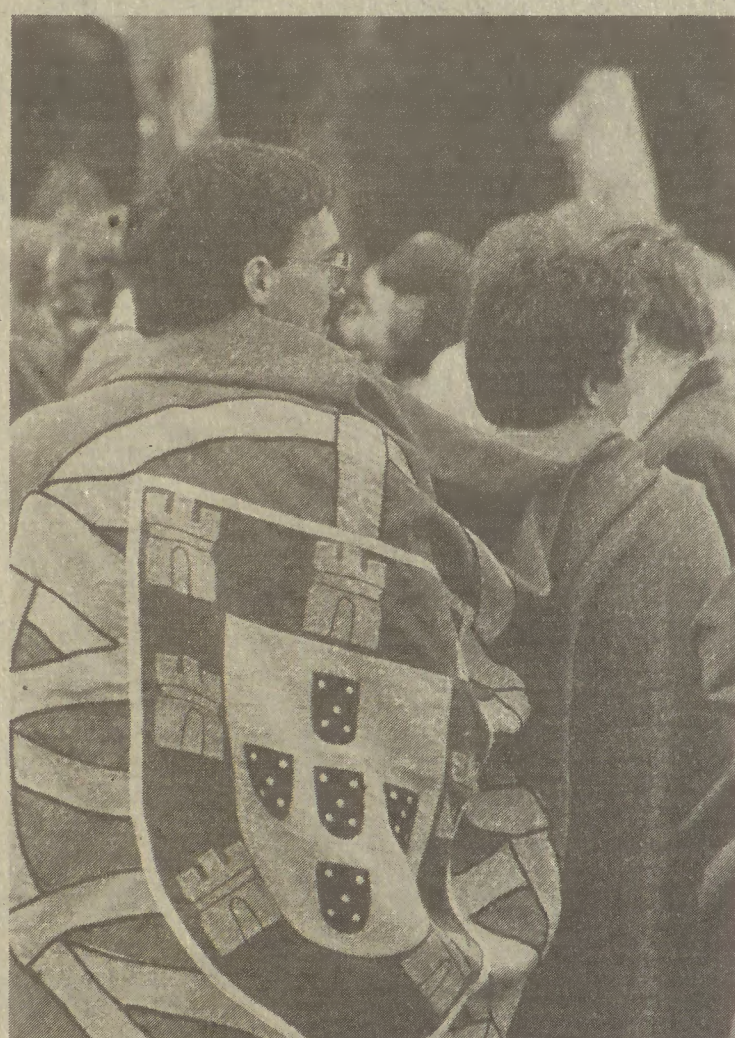
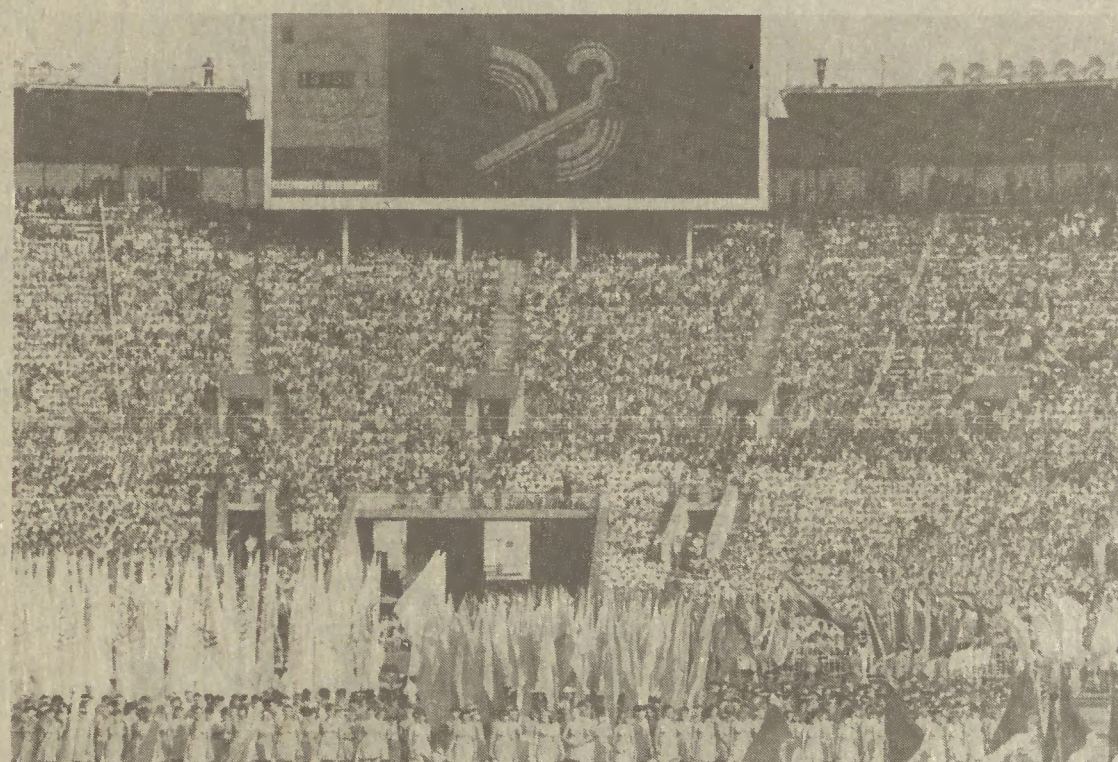
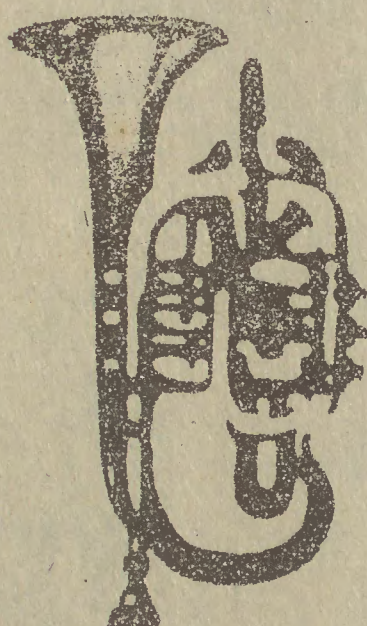
ENCONTRO DE ÁLVARO CUNHAL COM MIKHAIL GORBATCHOV

Regressa hoje a Lisboa o secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, vindo da União Soviética.

Durante a visita, o camarada Álvaro Cunhal assistiu às cerimónias de abertura do Festival da Juventude que decorre em Moscovo e teve um encontro com o secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, camarada Mikhail Gorbatchov. O encontro, a que o «Avante!» se referirá mais detalhadamente no próximo número decorreu em ambiente de amizade fraterna e solidariedade características das relações entre o PCP e o PCUS e constituiu oportunidade para uma troca de informações sobre a actividade dos dois partidos, assim como sobre problemas internacionais.

**Festas
Fim de Semana**

**Sines
Carrasqueira
Olhão
Monte do Trigo
Casebres
Moita
Sesimbra**



**Está
a decorrer
em Moscovo
o XII
Festival
da Juventude
e dos
Estudantes**

Desde sábado que jovens de mais de 150 países entre os quais Portugal discutem em Moscovo os seus problemas, apontam resoluções e trocam ideias.



Avante!
Director
António Dias Lourenço
SUPLEMENTO N.º 3
1 de Agosto de 1985
Não pode ser vendido
separadamente

ALTO DA AJUDA • 6, 7 E 8 SETEMBRO

Um governo de gestão exorbitante e indesejável

Tomar rápida consciência do significado, profundidade e consequências imediatas e à distância das alterações produzidas em Portugal nas últimas semanas e nos últimos dias, assim como das possibilidades reais que foram abertas para se imprimir um novo rumo à política nacional, é uma exigência que se coloca com força a todos os portugueses cientes da gravidade e complexidade dos problemas da hora actual, nos planos da unidade, da convergência de acção, da iniciativa política.

Com a ruptura da coligação PS/PSD, a demissão de Mário Soares e de todo o Governo, a dissolução da Assembleia da República e a marcação de eleições legislativas antecipadas, a direita governante (incluindo o PS) sofreu uma pesada derrota, o processo contra-revolucionário foi interrompido nas suas formas mais perigosas, condições novas e mais favoráveis surgiram para uma alternativa democrática.

A rápida tomada de consciência destes factos é tanto mais exigente quanto a solução cabal dos gravíssimos problemas nacionais criados pela desastrosa política da coligação PS/PSD nos dois anos de governo implica e reclama a participação criadora e activa de todos os patriotas e cidadãos que desejam a continuação de Abril e a edificação de uma Pátria livre, próspera democrática e independente.

Saber no momento actual onde politicamente nos encontramos e para onde queremos, devemos e podemos ir, quando os inimigos da democracia e do 25 de Abril se esforçam por semear a confusão política, por se «branquearem» das responsabilidades que têm nos aspectos mais angustiantes do drama do povo e darem continuidade, na nova situação criada, ao projecto da contra-revolução é uma questão de suma importância para o enfrentamento e a resolução vitoriosa das tarefas imediatas da nossa democracia.

Neste sentido uma conclusão essencial deve extrair-se dos últimos actos do Governo de gestão chefiado por Mário Soares, da descarada exorbitância das suas funções, da violação frontal do limite dos seus poderes e da escandalosa manipulação que está fazendo do aparelho de Estado e dos dinheiros públicos para fins eleitoralistas.

O Povo português não pode nem deve aceitar que as forças derrotadas — o Governo de gestão PS/PSD — prossigam impunemente a sua obra nefasta, que invadam áreas de actuação política de fundo que lhes são institucionalmente vedadas e que continuem, sob uma demagogia de fachada, a servirem rasteiramente os interesses e objectivos políticos, sociais e económicos dos monopólios, do imperialismo, das grandes multinacionais.

Constitui um flagrante atropelo das chamadas «regras do jogo» a grosseira manipulação dos órgãos de comunicação social estatizados — em particular da RTP e da RDP — para a promoção eleitoralista de Soares, do PS e dos partidos da direita que só ou coligados rotundamente faliram como directos responsáveis pela administração do País nos últimos nove anos.

Se tal manipulação é um crime — e é — como justamente a classificou há dias o Presidente da República, é então preciso agir em consequência, castigar os criminosos, privando-os para já dos instrumentos do crime.

Não se pode aceitar que um primeiro-ministro — ainda que de um Governo de gestão — principal responsável pela política de desastre dos últimos dois anos, desenvolva, com as suas funções de gestor dos negócios correntes do Estado e utilizando-as em benefício das suas ambições pessoais de poder, as actividades propagandísticas da sua declarada candidatura às eleições presidenciais deste ano.

É um dever democrático indeclinável desalojar tal gente das posições que ocupam no Poder, a partir das quais exorbitam no seu mandato. Numa palavra, é um imperativo de democraticidade dos actos de um Governo de gestão, correr com a actual equipa do PS e do PSD e substituí-la urgentemente por um governo de portugueses isentos, de provada idoneidade política, respeitadores das regras elementares do Estado democrático e da Constituição.

Naturalmente mais graves que as actividades «eleitoralistas» do Primeiro-Ministro, que o têm coberto de ridículo, são os actos de exorbitância dos poderes de gestão do Governo PS/PSD nos últimos dias, em simultâneo com o visível agravamento da situação social dos trabalhadores e dos pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais, golpeados em cheio pelos efeitos da crise económica, da brusca diminuição do poder de compra do povo e pela continuação da ofensiva contra o sector público e nacionalizado, contra a Reforma Agrária, contra os direitos e liberdades dos trabalhadores e dos cidadãos em geral.

Tudo indica que o Governo PS/PSD tenta levar por diante, nas novas condições, o seu plano contra-revolucionário calendarizado pelos dois contra as conquistas de Abril. Cavaco e Silva, fora do Governo, é um activo defensor desse plano.

Com a dissolução da Assembleia da República caíram os chamados «pacotes» de leis inconstitucionais mas a recente aprovação pelos ministros «gestores» das alterações do Estatuto das Empresas Públicas é, na prática, um acto de execução do celerado «plano Veiga Simão» para restabelecer o domínio do capital privado sobre os sectores básicos da economia nacional.

Tais alterações, introduzidas sob uma pretensa dinâmica da integração de Portugal na CEE, são desde já uma ameaça concreta contra o nível do emprego e o direito ao trabalho de milhares de operários, empregados e quadros técnicos de algumas das principais empresas públicas e nacionalizadas.

As chamadas «medidas de viabilização» encaradas, implicam: na Lisnave o despedimento de facto de 680 trabalhadores, na Petrogal de 800 (do total de 6700 empregados), na Siderurgia de 600, na Quimigal de várias centenas. Em 45 empresas públicas, entre as quais a EPNC, a EPAC, a Covina, a Equimetal, a Sorefame, a Mompur e outras prevê-se a liquidação de 15 000 postos de trabalho a curto prazo.

O caso da Siderurgia é particularmente escandaloso: por exigências dos poderosos grupos siderúrgicos da CEE (integrados na CECA) não só o Plano Siderúrgico Nacional seria definitivamente enterrado e vendidos como sucata equipamentos novos no valor actual de 40 milhões de contos — há vários anos comprados numa negociação em que está envolvida a família do antigo ministro da Indústria da «AD» — trama-se a venda ao desbarato de custosos maquinismos que apodrecem e enferrujam nos terrenos adjacentes da empresa, ao mesmo tempo que se pretende impor um chamado «mini-plano» de redução da capacidade produtiva da SN no montante de 15 milhões de contos!

No têxtil multiplicam-se as falências; empresas das multinacionais — como a Grundig, de Braga, que ameaça despedir 1000 operários — estão em vias de encerramento.

O desemprego continua a subir e, segundo os números oficiais, apenas cerca de 80 000 (menos de 16% do total dos 600 000 desempregados) recebe subsídios de desemprego.

A escandalosa mancha dos salários em atraso alastra já a cerca de 160 000 trabalhadores, e em particular no sector vidreiro e na cerâmica cresce o número de trabalhadores que há longos meses não recebem salários.

Por outro lado nos 12% dos trabalhadores com contratos a prazo, sempre à mercê do despedimento, cerca de 65,9% incidem sobre as novas admissões, o que denota o agravamento da insegurança do emprego para cerca de 600 000 trabalhadores.

No sector da agricultura a perspectiva da «integração» na CEE é já um autêntico garrote sobre os pequenos e médios produtores agrícolas, um factor de agravamento da crise na agricultura portuguesa.

No Norte do País, designadamente no Minho e em Trás-os-Montes, os agricultores e os vinicultores debatem-se com a falta de escoamento da batata e do vinho e com as ruinosas importações de carne.

No Ribatejo, os seareiros de campanha do melão, depois das rendas leoninas que tiveram de pagar aos grandes proprietários de terras, vêem agora recusados os preços mínimos ao produtor, o que ergue sobre eles o espectro da ruína.

Muitos estão apanhando o melão ainda em verde e vários verão apodrecer sob a terra as suas produções.

Compreensivelmente alarga-se a mancha da miséria, da fome entre as classes trabalhadoras.

Mário Soares, que depois do seu encontro «histórico» de Valência de Alcântara com o seu amigo Gonzalez «carregou» para si dois helicópteros com enchidos e vinhos espanhóis de qualidade e que vai de helicóptero para a sua «mansão» do Vau para não se cansar nos engarrafamentos da Ponte, não vê — com a sua mulher e candidata a «primeira dama» — a fome dos trabalhadores, como com fria ironia salientou o Bispo de Setúbal.

Mas a dura realidade aí está a ilustrar a odiosa política do Governo PS/PSD dirigido por Soares até à sua demissão em 12 de Julho, aí está a exigir a urgente

Resumo

24

Quarta-feira

A CGTP alerta contra a ameaça de despedimentos de 15 mil trabalhadores em 45 empresas. ■ A CT da Petrolgal instaura processo-crime ao CG e quadros anunciam greve. ■ Os trabalhadores da António Jesus de Sousa estão em greve pelo pagamento de salários em atraso e retroactivos de Março a Setembro de 84. ■ A SIP do PCP divulga os nomes dos candidatos que encabeçarão as listas da APU nos 18 distritos do Continente. ■ Cinquenta mil portugueses residentes em Espanha estão em risco de expulsão imediata. ■ O PSD em Rio Covo quer silenciar gravidade dos problemas, denuncia em comunicado a APU de Rio Covo. ■ Acabar com a maioria PS que tem corrompido a Câmara de Braga, é o objectivo apontado pela Comissão Concelhia do PCP. ■ Na África do Sul foram feitas mais de 650 prisões segundo um comunicado policial de Joanesburgo. ■ Em Genebra os dados da ONU revelam que o auxílio da URSS à Etiópia atinge 173 milhões de dólares. ■ O deputado angolano Paulo Jorge Teixeira é eleito 1.º secretário da Assembleia do Povo de Angola. ■



A reforma agrária vencerá!

25

Quinta-feira

O chefe do governo espanhol, Felipe Gonzalez encontra-se com Mário Soares em Lisboa. ■ APU divulga cabeças de lista pela emigração. ■ Segundo Eurico de Melo, o PSD concorre sozinho às eleições legislativas. ■ Patronato do Porto deve dois milhões de contos a 16 mil trabalhadores, denuncia a USP. ■ Advogados da Reforma Agrária revelam que dos 303 acordãos dos STA favoráveis às UCP's/Cooperativas nem um só foi executado. ■ Termina a greve de quatro dias dos trabalhadores ferroviários. ■ Dois mil educadores de infância ficarão no desemprego no próximo ano. O Sindicato dos Professores do Norte responsabiliza o ME pela situação. ■ O Conselho de Segurança das Nações Unidas debate sanções contra a África do Sul. ■ A OPEP aprova, em Genebra, a redução do preço do petróleo. ■ Na Índia, sikhs e hindus festejam o acordo estebelecido pelo primeiro-ministro Rajiv Gandhi e o mais importante partido sikh, o Akali Dal.



Lisnave: a luta diária

26

Sexta-feira



O Provedor de Justiça admite a existência de abuso de poder no caso do subsídio à Lisnave. ■ A OIT considera insuficiente a segurança nas minas portuguesas. ■ O Presidente do Parlamento Madeirense corta direitos à oposição, segundo denuncia o PCP. ■ Mário Soares reafirma que não há fome em Portugal... ■ A Câmara Municipal de Loures realiza um colóquio com o lema «Municípios — zonas livre de armas nucleares». ■ O avião de transporte soviético «AN-124-Ruslan» bate recorde mundial de levantamento de carga. ■ EUA recusam conversações com Nicarágua e financiam contra-revolucionários. ■ Mil prisões e 16 mortos na África do Sul. ■ Em Atenas, o novo governo grego, chefiado por Andreas Papandreu, toma posse. ■ Nos Estados Unidos um acordo legislativo preliminar autoriza o Pentágono a fabricar novas armas químicas.

27

Sábado



XII Festival começa em Moscovo Assembleia da República. ■ Álvaro Cunhal encontra-se em Moscovo com Mikail Gorbachev. ■ A Associação de Reformados de Lisboa comemora 11.º aniversário. ■ «É possível fazer vingar uma alternativa democrática no Governo e na política do País», afirma Carlos Brito, membro da Comissão Política do CC do PCP, em Portimão. ■ O Provedor de Justiça denuncia a «mentalidade militarista da PSP». ■ Golpe de Estado derruba governo do Uganda. ■ EUA e Inglaterra impedem sanções obrigatórias contra Pretória. ■ O porta-voz do Ministério nicaraguense do Interior informa que foi desmantelado plano terrorista contra depósitos de combustíveis. ■ Abre em Moscovo o XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. ■

28

Domingo

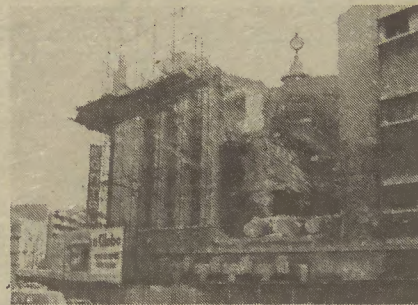
Governo e Soponata querem comprar petroleiros no estrangeiro, indo contra os interesses dos trabalhadores, que defendem projectos e construções portuguesas. ■ Cavaco Silva impõe as suas listas no Conselho Nacional do PSD. ■ Administradores hospitalares anunciam greve de zelo. ■ Presidente da Câmara de Ovar apresenta suspensão do mandato. ■ «É possível acabar com governos anti-Abril», afirma Blanqui Teixeira num comício, em

Faro. ■ Vereador do CDS pede demissão, na Câmara Municipal da Batalha. ■ Polícia britânica prende pacifistas em Malesworth. ■ O embaixador francês em Pretória abandona a África do Sul. ■ Partidários do deposto presidente Milton Obote e unidades ligadas ao movimento desencadeado pelo general Bazílio Olara Okello trocam tiros durante todo o dia na capital do Uganda.

29

Segunda-feira

O PCP denuncia o facto de o Governo e câmaras dos Açores gastarem verbas para «segurar» votos dos descontentes. ■ Lucas Pires diz que quer coligação pós-eleitoral com o PSD. ■ Os trabalhadores da Equimetal e Torralta estão em luta pelo pagamento de salários em atraso. ■ A APU propõe, em conferência de imprensa, critérios para a intervenção urbanística no Saldanha e Avenidas Novas. ■ A APU declara o escandaloso caso de uma enorme série de entregas irregulares de casas a protegidos e familiares de Abecasis e governantes. ■ A União Soviética anuncia a sua decisão de suspender unilateralmente todas as explosões nucleares. ■ O General Tito Okello é empossado presidente do Uganda. ■ O bispo sul-africano Desmond Tutu, prémio Nobel da Paz, propõe reunir-se com Pieter Botha.



E agora, sem Monumental?

30

Terça-feira

No decorrer de um encontro com a Comissão Pró-Sindical da PSP o Provedor de Justiça promete que dará a esta estrutura «todo o apoio que é possível dar a uma causa justa num Estado que se proclama ser «Estado de direito»». ■ Os Sindicatos da Função Pública repudiam a lei que cria contratos a prazo no sector. ■ A CGTP-IN afirma que o Governo está a exorbitar os seus poderes de gestão e reclama uma «imediata e decisiva intervenção das instituições democráticas». ■ Pescadores da Aguda deslocam-se à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia para protestar contra a tentativa de encerramento da Casa dos Pescadores. ■ Chega a Lisboa um primeiro grupo de pescadores portugueses que estiveram abandonados durante quatro meses no Alasca na sequência do apresamento por dívida do barco em que trabalhavam. ■ George Schultz, secretário de Estado norte-americano responde com um discurso de guerra fria à decisão unilateral da URSS de suspender as explosões nucleares. ■ O novo governo gperuano decide suspender as operações bancárias, financeiras e de câmbio em todo o país. ■ A polícia sul-africana assassina mais três negros, elevando para 21 o número de mortos desde que foi decretado o estado de emergência no país.

Avante!
Proletários de todos os países UNÍ-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 — Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
Av. Santos Dumont, 57-3.º,
— 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira,
SARL, Serviços Centrais: Av. Santos
Dumont, 57 - 2.º — 1000 Lisboa
Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do
Século, 80 — 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora:
Alcárcova de Baixo, 13 — 7000 Évora
Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro:
Rua 1.º de Dezembro, 23 — 8000 Faro
Tel. 24417

Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 578 — 4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 — 3000 Coimbra
Tel. 28394

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º
— 1000 Lisboa. Tel. 76 84 02

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 — Venda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL:
Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B
— 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50
Porto — Rua do Almada, 18-2.º Esq.º
— 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e Impresso na Heeka
Portuguesa — R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Junho: 39 665

Praticamente concluída a preparação das listas APU

1. No dia 29 de Julho esteve reunida a Comissão Política do Comité Central do PCP.

Durante a reunião foi apreciado o andamento dos trabalhos relativos à preparação das eleições legislativas do próximo dia 6 de Outubro.

Tendo analisado com particular atenção a preparação das listas de candidatos APU, nos diferentes distritos, a Comissão Política constatou estar praticamente concluída a elaboração das listas APU, em todos os círculos, tendo já sido feita a sua entrega no distrito de Castelo Branco.

A Comissão Política debruçou-se, ainda, sobre o andamento dos trabalhos de elaboração do programa eleitoral do PCP, onde se condensam e sistematizam as propostas do PCP para assegurar, na sequência das próximas eleições legislativas, um novo rumo à vida política nacional. O programa eleitoral — que será tornado público ainda antes da abertura da campanha eleitoral — apresentará um conjunto de propostas do PCP visando facilitar a convergência, o entendimento e a unidade de todos os democratas e patriotas na resolução dos gravíssimos problemas económicos, sociais e políticos que o país e os portugueses herdaram de 9 anos de sucessivas coligações de direita.

2. A Comissão Política do PCP apreciou, também, outros acontecimentos da vida política nacional, designadamente o comportamento da comunicação social estatizada no período pré-eleitoral que vivemos.

O escandaloso favoritismo de que o PS e o PSD têm sido alvo — nomeadamente na RTP e na RDP — bem como as sucessivas discriminações de que são alvo as iniciativas e acções de esclarecimento do PCP e da APU evidenciam, desde já, um grande entorse à livre expressão da vontade do eleitorado no próximo dia 6 de Outubro. Está assim criada uma situação manifestamente antidemocrática na televisão, na rádio e noutros órgãos de comunicação social a que urge pôr cobro no período pré-eleitoral. Simultaneamente, um tal comportamento, por parte dos principais meios de comunicação social estatizados, revelam a gritante falta de seriedade do Governo PS/PSD para assegurar, com isenção, a realização do próximo acto eleitoral. Por isso, torna-se uma vez mais evidente que, a permanência no poder do demitido governo de Mário Soares é manifestamente incompatível com o estrito respeito pela legalidade democrática em que deve decorrer o acto eleitoral para que expresse com verdade as opções do eleitorado.

29 de Julho de 1985

A SIP do PCP

Governo ofende os tribunais e a lei

● Escandalosa e maquiavélica manobra contra a Reforma Agrária

«O que está a passar-se com os acórdãos do Supremo Tribunal Administrativo sobre a Reforma Agrária é um processo verdadeiramente kafkiano, em que o Ministério da Agricultura, respeitando formalmente as decisões do tribunal, mantém as cooperativas privadas da terra que ilegalmente lhes foi retirada», afirma-se num documento subscrito por trinta advogados que têm representado a Reforma Agrária em casos relativos à entrega ilegal de reservas a antigos agrários.

Os advogados sublinham que neste caso — mas não só — «a máquina administrativa sobrepõe-se à máquina judicial, não acatando as suas decisões»; trata-se de uma situação «escandalosa que põe em causa o estado de direito» em que vivemos.

Dos cerca de 700 recursos relativos à entrega de terras que as UCP's/Cooperativas, representadas por estes advogados, apresentaram à apreciação do Supremo Tribunal Administrativo, 303, até dia 23 de Julho, tinham já obtido uma decisão favorável. Qual destes foi cumprido pelo Ministério da Agricultura? Só os mais desatentos poderão ainda ter uma réstea de esperança na boa-fé de todos aqueles que por lá têm passado ao longo destes anos. Nem um único parecer favorável às UCP's/Cooperativas foi posto em prática por um Ministério que se coloca assim à margem da lei.

À margem da própria lei que criaram

A Lei das Bases Gerais da Reforma Agrária, a tristemente célebre Lei Barreto, impunha como prazo-limite para a entrada de pedidos de entrega de reservas o dia 30 de Junho de 1978.

Estamos em Julho de 1985. Ainda hoje, chegam ao MAP/MAFA pedidos de entrega de reservas; ainda hoje, o MAP/MAFA dá seguimento a esses pedidos, pondo-se assim também à margem de uma lei que foi feita para servir os seus interesses, os interesses dos ex-latifundiários.

Dizem os advogados que «a Lei 77/77 (lei Barreto) atribui ao ministro da Agricultura poderes discricionários de tal forma largos que criou uma comissão a eleger pela Assembleia da República com poderes para controlar o mérito, a conveniência e a oportunidade das atribuições de reserva no uso de poderes discricionários».

«Mas o ministro da Agricultura — continuam —, ou o secretário de Estado em que delegou os poderes de atribuição de reserva, não obstante o largo poder discricionário de que dispõe para esse efeito, cometeu uma vasta gama de ilegalidades em quase todos os processos de atribuição de reservas com o objectivo de devolver aos proprietários dos latifúndios a maior parte da terra que lhes tinha sido expropriada e entregue às cooperativas agrícolas e pequenos agricultores.»

Estas ilegalidades podem ser de forma ou processuais, ou ainda de fundo ou materiais.

As primeiras consistem no «atropelo do normal andamento do processo de reserva, com o

objectivo de devolver depressa a terra aos antigos proprietários e de dificultar a defesa dos trabalhadores agrícolas e das suas cooperativas»; as segundas consistem na «infracção das normas legais em que se fundamenta o direito de reserva com a intenção de entregar o máximo possível de terras aos proprietários expropriados, aos seus cônjuges e parentes próximos».

O vício de forma

Tendo a plena consciência de se ter posto à margem da lei, o MAP/MAFA, fazendo-se valer das normas de funcionamento do Supremo Tribunal Administrativo, envia os processos com vícios de forma, ou seja, com irregularidades puramente burocráticas.

Como o STA tem por norma analisar primeiro os vícios de forma e só depois da reinstrução do processo analisar os vícios de fundo — aqueles que constituem atropelos à lei —, a estratégia do Ministério da Agricultura está à vista. Enquanto o processo anda de mão em mão, a terra vai continuando nas mãos dos agrários. Quando o STA pode finalmente debruçar-se sobre os vícios de fundo — se alguma vez o puder fazer

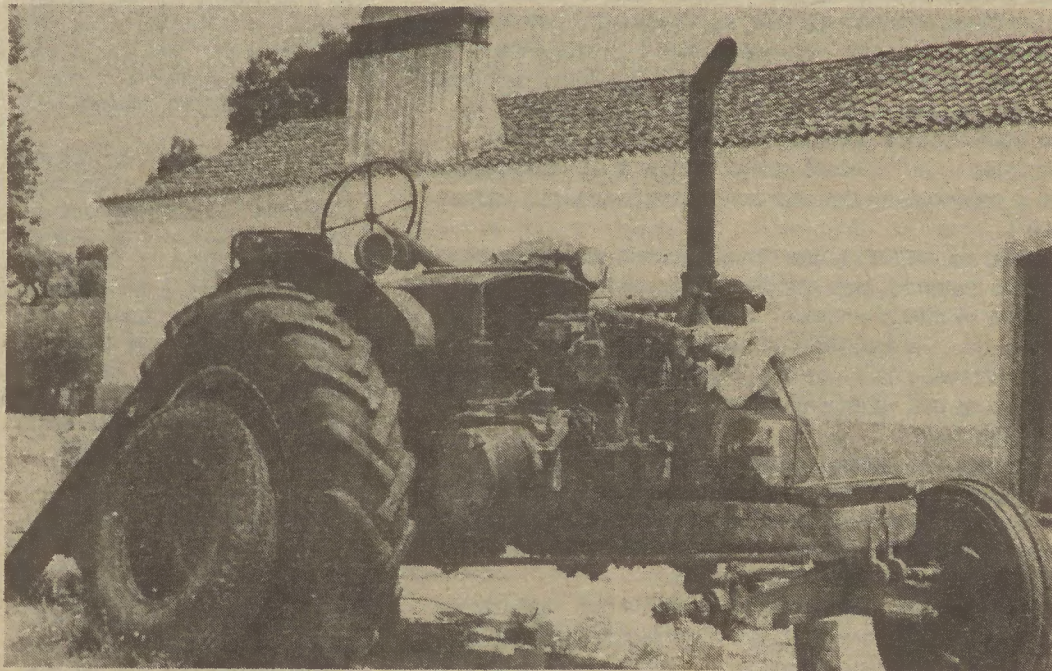
uma vez que um segundo ou terceiro documento pode conter mais e sempre vícios de forma; quando finalmente o STA der razão às UCP's/Cooperativas e mandar arquivar a entrega das terras, UCP's há que entretanto foram destruídas por este processo.

Temos assim que, do Ministério para o STA, do STA para o Ministério, entra-se num círculo vicioso, num corropio sem fim só possível dada a impunidade com que Administração Pública actua, «jogando com o tempo e não se incomodando, minimamente, com a legalidade; uma impunidade de que põe em causa o Estado democrático», num círculo vicioso de má-fé e arbitrariedade.

A prepotência levada ao extremo

Logo após a saída da lei Barreto (de que também Almeida Santos reclama a autoria), o Ministério da Agricultura ainda se dava ao cuidado de notificar as UCP's/Cooperativas de que iam ser expropriadas.

No entanto, assim que começaram a ser conhecidos os acórdãos favoráveis do STA, este Ministério e seus ministros



Esta é a imagem do que o Governo pretende que o Alentejo seja: terras por cultivar, máquinas abandonadas, o desemprego e a fome

Fundamental
para as suas férias

Campismo Férias e Turismo

JOAQUIM CAMPINO
Antigo dirigente campista

COLECCÃO DESPORTO
E TEMPOS LIVRES
DIRIGIDA POR JORGE MIGUEZ ARAÚJO

editorial
CAMINHO

Mudança?

O texto que o dirigente PS e membro do ex-secretariado António Guterres subscreve no último número do «Expresso» vem deitar alguma luz sobre perplexidades que se vinham avolumando na política portuguesa em torno do entusiasmo que se apossou do grupo de que faz parte, ora contemplado em posições várias das listas socialistas para as próximas legislativas.

Sendo certo que daquele sector tinham vindo ao longo do tempo críticas à actuação da direcção soarista do PS, no interior do partido e no governo, e que essas críticas haviam até conduzido os membros do ex-secretariado e seus apoiantes a recusarem integrar as listas para deputados em 1983, é natural que uma interrogação se colocasse: mudou o PS soarista ou mudou o ex-secretariado?

António Guterres começa por afirmar logo no início do seu texto o que gentilmente se pode designar por uma enormidade: «Nos próximos actos eleitorais vai (...) estar em causa (...) uma escolha (...) entre duas perspectivas, dois projectos e duas estratégias vincadamente diferentes, protagonizadas, respectivamente, pelo PSD e pelo PS.»

É o próprio Guterres que confessa logo de seguida que se trata de uma afirmação paradoxal (aparentemente, a seu ver...) dado esse robusto óbice de os dois protagonistas das tais duas perspectivas terem andado dois anos a protagonizarem aplicadamente a mesma — que conduziu o País ao estado que se vê.

Busca-se no seguimento do texto onde vai António Guterres buscar a explicação para afirmar por que razão o PS que protagonizou a política de direita passa agora a protagonizar outra coisa. É trabalho baldado.

Guterres invoca o seu distanciamento e as suas críticas à acção do vergonhoso executivo a que a luta popular pôs termo, tendo contudo a púdica preocupação de sublinhar que essas críticas tiveram da sua parte uma permanente «preocupação de não pôr em causa a solidariedade essencial com o partido e de não deitar achas na fogueira da instabilidade». Admitamos que a instabilidade de que fala não seja referência à luta popular que atirou abaixo o governo mais à direita dos últimos nove anos, pois muito lamentaríamos saber que António Guterres não só nela não participou, como defenderia até uma «estabilidade» que mantivesse ainda por S. Bento com plenos poderes o conúbio PS/PSD.

Admitamos ainda que António Guterres não acredite lá muito nessa história de «estabilidade» ou de «instabilidade» e, servindo-se apenas de tais conceitos para apagar o passado recente, faz uma aposta no futuro. Mas que vemos então dessa aposta? Guterres começa por afirmar que «o PS vai entrar num ciclo novo da sua existência».

Que «ciclo»? Que «novidade»?

Sendo certo que o autor do texto do «Expresso» pretende mostrar algumas distâncias entre o que «foi» e o que «deverá ser», adiantando que o tal «ciclo» que prevê deverá concretizar-se «não em resultado de fulanismos sem conteúdo mas na sequência de um debate político sereno e aprofundado», as coordenadas que mostra perseguir em nada o distanciam do que tem sido o discurso oficial do PS — em todas as circunstâncias, seja poder, por mal dos nossos pecados, seja «oposição». Isto é, propaganda...

Que faz, por outro lado, crer a António Guterres e aos seus amigos, que haverá no interior do PS — no momento em que Mário Soares pretende alçar-se ao cume das suas ambições — um «debate político sereno e aprofundado» de que o próprio autor do texto tem sido arredado nos últimos anos?

«Partido de projecto e não simples partido de poder», diz António Guterres. Mas nós já vimos como o projecto soarista se molda em poder. Já vimos o «modelo de sociedade», «a estratégia de desenvolvimento e modernização», já vimos a que levam com a actual direcção soarista os tais «princípios essenciais da justiça e da solidariedade».

Já vimos todas estas palavras escritas, já as ouvimos e até continuamos a ouvi-las com este Governo do PS (e do PSD) em funções de gestão, ultrapassando a gestão para aplicar, com o PSD, o tal «modelo de sociedade», a tal «estratégia de desenvolvimento e modernização».

Quando, por fim, António Guterres afirma que «apostar no PS hoje tem também, portanto, o significado profundo de assumir esta vontade de mudar», a mesma interrogação se coloca, sublinhada pelo conhecimento público da figura «indigitada» pelo PS para «ser» primeiro-ministro (um Almeida Santos que apenas prometeu mudar nas «viagens»): mudou o soarismo ou mudou o ex-secretariado?

O risco de que António Guterres se apercebe quando anuncia a sua aposta será suficiente para que o apostador tome consciência de que os «prémios de consolação» não valem nada?

■ L.M.

Não cumprindo as decisões judiciais

Governo põe em causa o Estado de Direito

deixaram de notificar as UCP's com antecedência, evitando assim que estas recorressem e que o STA suspendesse a execução da reserva.

Hoje, a notificação ou é feita através de telegrama que chega no próprio dia às mãos dos trabalhadores, ou então a reserva é-lhes apresentada como um facto consumado, só aparecendo a notificação depois de a reserva já estar na posse do latifundiário.

Afirmam os advogados que «a situação criada é tão escandalosa como seria se as corporações policiais se transformassem em quadrilhas organizadas de assaltantes. O Ministério da Agricultura, que como parte da Administração Pública goza da presunção de praticar os seus actos de acordo com a lei, passou a desrespeitar a lei de forma sistemática, sem vergonha e com a arrogância de quem, à sombra da presunção da legalidade, pode requisitar a GNR para espantar, e nalguns casos matar, os trabalhadores membros das cooperativas que se opõem à generalização da lei da selva, com «fumos de corrupção», nos serviços do Ministério da Agricultura».

A capa da legalidade

Com a sua constante preocupação de esconder a verdade do povo português, os diversos ministros, primeiro afirmavam que não existiam acórdãos finais do STA favoráveis aos trabalhadores, depois, começaram a dizer que eram só meia dúzia e, quando a ilegalidade era por demais evidente e impossível de esconder, afirmaram, todos eles, que a lei seria integralmente cumprida e as decisões dos tribunais respeitadas.

Agora, serve-se (Álvaro Barreto) dos vícios de forma para sustentar não haver ilegalidades de fundo nos processos. O que acontece, porém, é completamente diferente. A esmagadora maioria — quase todos — dos recursos apresentados pelos advogados da Reforma Agrária ao STA têm por base, não apenas os vícios de forma, como, essencialmente, os vícios de fundo.

A alternativa

Face a este rol de ilegalidades, de impunidade e de prepotência, tal situação só se poderá alterar com a luta dos trabalhadores da Reforma Agrária e do povo português.

Só se poderá alterar com uma política que prossiga Abril, com uma política cumpridora da lei.

Só se poderá alterar, com os trabalhadores, só se poderá alterar «quando a opinião pública impuser a legalidade».



A Reforma Agrária é sinónimo de produção, de trabalho e de futuro. De um futuro que ainda permanece vivo, mas que estaria a ser construído com muito mais força se não fosse este governo fora-da-lei

Um exemplo

A fotocópia aqui presente retrata a prepotência de um ministro que muitos pretendem fazer ver como um técnico e não um político; de um ministro que pretende estar ali para salvar a agricultura, como o «tecnocrata de cachimbo» chegou para salvar a economia.

A fotocópia que aqui vem é a primeira página de um parecer pedido por Álvaro Barreto à Procuradoria-Geral da República sobre a atribuição de uma reserva no Alentejo.

Álvaro Barreto tinha dúvidas quanto à matéria em causa e pediu a este organismo para as esclarecer. A resposta foi convincente. Nove pessoas votaram o parecer que publicamos. Duas pessoas votaram contra, uma das quais fez uma declaração de voto.

A dúvida estava portanto tirada. Só que o ministro — como se pode ver na margem superior direita — escreveu pelo seu punho que não concordava com o parecer e que portanto a dúvida que tinha não era dúvida alguma. Uma atitude semelhante à do condenado que se recusa a ir preso por não concordar com a sentença.

Assim sendo, ficou escrito que «em face do conteúdo do voto de vencido, com o qual concordo, não homologo o presente Parecer».

Mais um exemplo de um tristemente grande rol de arbitrariedades de um ministro apostado em destruir a agricultura do nosso país. Mais um exemplo

da prática governativa seguida ao longo de anos de governos de direita. Mais um exemplo de porque é que é necessária uma alternativa democrática.

1. Em face do conteúdo do voto de vencido, com o qual concordo, não homologo o presente Parecer.

2. Comunicar-se à DRAA a seguir ao fotocópia no S. Audiência Judicial.

A. Barreto
alves

Senhor Ministro da Agricultura,
Excelência:

1

1.1. No processo da reserva de FERNANDO MANUEL FRANCO BEBIANO CORREIA foi exarado o seguinte despacho:

1. Execute-se a proposta de atribuição das majorações técnicas e familiar.

2. Homologo a proposta de dedução das benfeitorias, devendo, porém, a reserva limitar-se a 700 ha, de acordo com o artigo 29º, alínea c), da Lei nº 77/77, de 29 de Setembro.

1.2. Suscitaram-se dúvidas de interpretação relativamente à área a afectar à reserva, tendo o Gabinete Jurídico da Direcção Regional de Agricultura do Alentejo, através da sua Informação nº 8/85 -MP, entendido que tais dúvidas «são reflexo das [...] levantadas pela in-

PCP

Em Sines, já no fim-de-semana

Programa para todos os gostos na Festa da Terra e do Mar

Com a sua actividade económica repartida fundamentalmente entre a pesca, a agricultura e mais recentemente a indústria, com uma costa acolhedora e selvagem que é fonte de descanso e prazer para milhares de forasteiros, o concelho de Sines vai estar em festa durante três dias.

Chama-se «Festa da Terra e do Mar», a iniciativa de a promover partiu da Comissão Concelhia do PCP e o seu início é já amanhã com um programa rico e variado que se prolongará até domingo.

Ao que nos dizem — opinião fundada na experiência de anos anteriores — vai ser uma festa bonita, recheada de motivos de interesse suficientemente amplos para satisfazer todos os gostos.

Essa é pelo menos a ideia

que se retira da leitura do programa, o qual contempla iniciativas que vão da música às actividades desportivas, das exposições aos colóquios e debates, passando por outras manifestações artísticas e populares como o fado e o folclore.

A abertura das portas do Castelo de Sines — local onde decorrerá a «Festa da Terra e do Mar» — está prevista para as 20 horas de sexta-feira (ocasião que os visitantes poderão aproveitar para contactar com os saborosos petiscos da região em restaurantes montados para o efeito), tendo a parte musical início às 21 horas com a actuação de José Jorge Letria, a que se seguirá a presença da música chilena através de Julian Del Vale e, pelas 23 horas, o mo-

mento do fado com Fernando Farinha.

No sábado, uma «Tarde Alentejana» retomará pelas 19.30 horas o programa da Festa, seguindo-se pelas 22 horas um comício que contará com a presença da camarada Zita Seabra, membro da Comissão Política do CC do PCP. Para encerrar a noite deste segundo dia de festa haverá baile com o conjunto «Feed Back» ao mesmo tempo que no «retiro do fado» a música será outra pela voz de vários fadistas amadores.

A apresentação do «Rancho Folclórico de Alte», pelas 19 horas, abrirá o programa de domingo a que se seguirá a apresentação dos acordeonistas Carla e Nuno e de um breve período

de música popular portuguesa com os «Aliémar» e os «Seara Nova». A Rão Kyao e à sua música caberá o encerramento da componente musical da «Festa da Terra e do Mar» — jornada anual de convívio e alegria já hoje uma realidade na vida cultural da região.



Sines em festa

Festa da Unidade na Carrasqueira

Um espectáculo em que participarão Fernando Farinha e Pedro Barroso, um baile com o grupo «Open Band» e um comício em que intervirá o camaradã José Manuel Maia, membro do Comité Central, constituem alguns dos momentos de grande interesse do vasto programa da «Festa da Unidade» que durante três dias animará já a partir de amanhã a Carrasqueira, localidade da região da Comporta, distrito de Setúbal.

Os promotores — as organizações locais do PCP da Carrasqueira e Possanco — contam com uma grande participação popular durante os festejos, convicção esta que resulta do facto da iniciativa ter adquirido grande

interesse e implantação em toda a região da Comporta e de poder contar com a rica experiência de anos anteriores.

Do programa que chegou à nossa redacção — e que segundo nos afirmam justificará o interesse de há muito despertado nas populações locais — salientamos o baile da noite de sexta-feira e o torneio de tiro aos pratos pelas 16.00 horas de domingo, iniciativa que encerrará os festejos.

O dia de sábado começará às 8.00 horas com uma alvorada de foguetes a que se seguirá uma manhã desportiva com a prática de várias modalidades. À tarde, a partir das 16.00 horas, será tempo para apreciar o rancho

GRANDE FESTA POPULAR FESTA DA UNIDADE

CARRASQUEIRA
2, 3 E 4 AGOSTO
NO CAMPO DE JOGOS



folclórico de Alcácer do Sal e a música popular da região do Sado com os grupos «Al-Kassr» e «Ribasado». A anteceder o espectáculo da noite haverá o comício com o camaradã José Manuel Maia durante o qual serão abordados alguns dos aspectos centrais da situação política nacional.

Arraiolos

PCP reforça organização

Os comunistas do concelho de Arraiolos levaram a efeito no passado sábado a 2.ª Assembleia da sua Organização Concelhia. Os trabalhos decorreram sob o lema «Desenvolver o Concelho, Continuar Abril» e contaram com a presença de 127 delegados e de 80 convidados. Assistiram ainda diversos representantes de estruturas unitárias do concelho e os camaradas Dinis Miranda, membro da Comissão Política e Serafim Silva, membro suplente do CC do PCP.

No decorrer da Assembleia os participantes que subiram à tribuna passaram em revista ao longo das suas intervenções todos os grandes problemas que dizem respeito à luta dos traba-

lhadores e do Partido nomeadamente as próximas batalhas eleitorais. Os oradores analisaram ainda as transformações operadas depois do 25 de Abril em todas as áreas da vida económica e social, tendo ainda apresentado propostas concretas para o desenvolvimento económico e social do concelho de Arraiolos.

O relatório apresentado pela Comissão Concelhia cessante mereceu a aprovação unânime dos delegados à Assembleia, unanimidade que se repetiu quando se tratou de eleger a nova Comissão Concelhia a qual passou a ter 25 camaradas dos quais dois são mulheres.

No final dos trabalhos, as instalações do ex-grémio da lavoura abriram-se à população tendo na



ocasião intervido o camaradã Dinis Miranda que salientaria a necessidade de prosseguir o aumento dos efectivos do Partido no concelho, o fortalecimento da sua estrutura orgânica e o desenvolvimento do trabalho colectivo.

Povo açoriano condenará esta política

— conclui Plenário da DORAA

Com o intuito de analisar as próximas eleições legislativas e autárquicas e debater a situação política nacional e regional reuniu-se no último fim-de-semana, em Ponta Delgada, o Plenário da Direcção da Organização da Região Autónoma dos Açores do PCP.

Entre as conclusões da reunião — dadas a conhecer no decorrer de uma conferência de imprensa realizada segunda-feira — salienta-se o bom ritmo com que decorre o trabalho para as legislativas e o facto de em relação às autárquicas já se encontrar bastante adiantada a elaboração das listas, sendo ainda de assinalar a conclusão de algumas em freguesias onde a APU

vai concorrer pela primeira vez.

No decorrer dos trabalhos do Plenário os participantes puseram em destaque as lutas internas existentes no seio do PSD regional e constatarem a desagregação que se verifica no PS em resultado da política que tem vindo a seguir a qual tem sido orientada para a defesa de interesses pessoais.

No documento onde há conta das conclusões do Plenário, a DORAA denuncia, por outro lado, a eventual aliança do PS com o CDS para as eleições autárquicas e alerta para o grave engano que tal aliança pode representar para os interesses das populações e da região já que pretendem apresentar-se como

alternativa ao PSD, quando afinal se trata — como se tem provado — da mesma política.

No entender dos comunistas açorianos as próximas eleições legislativas antecipadas constituirão também mais uma séria condenação (através do voto) da política seguida pelo governo regional dominado pelo PSD ao mesmo tempo que se reforça a convicção de que a votação no PCP e na APU sairá reforçada confirmando assim que o Partido é uma força política em ascensão, resultado da sua crescente influência e do trabalho honesto e dedicado que vem desenvolvendo em defesa dos interesses nacionais e da região.

Portimão e Faro em festa

● Comícios com Carlos Brito e Blanqui Teixeira

No último fim-de-semana a cidade de Portimão esteve em festa. Tratou-se de mais uma edição da Festa de «Verão», acontecimento que anualmente, por iniciativa da Comissão Concelhia do PCP, reúne milhares de pessoas entre habitantes do concelho e forasteiros que por esta altura afluem em massa à região.

O programa deste ano — a exemplo de anteriores — foi rico e variado tendo havido lugar para a música afro-brasileira e para a música popular chilena, não faltando também um animado baile que segundo nos disseram durou até às tantas.

Uma exposição política sobre a realidade do concelho esteve igualmente patente tendo acolhido o interesse do público, público esse que não dispensou também uma visita aos stands de «comes e bebes» onde saborosos petiscos foram confeccionados por mãos sábias.

Momento alto da festa constituiu por seu turno o comício que contou com uma boa participação de pessoas a assistir e em que interveio o camaradã Carlos Brito, membro da Comissão Política do CC do PCP.

Começando por sublinhar a importância do momento actual, período da nossa vida colectiva em que se «tornou real e palpável a possibilidade de fazer vingar uma alternativa democrática no Governo e na política do

País» o camaradã Carlos Brito concluiu depois que «a questão está nas mãos do povo português que não pode deixar fugir a oportunidade de confirmar em 6 de Outubro o conjunto de importantes vitórias que obteve sobre a política antipopular, antidemocrática e antinacional de governação PS/PSD que culminaram na convocação de eleições antecipadas».

Comentando as mudanças recentemente operadas quer no PS quer no PSD, o dirigente comunista acentuou que «o PS e o PSD podem mudar de caras, mas não mudam a sua política a favor de um punhado de ricos privilegiados e contra a maioria do país», recordando mais adiante que «podem regressar algumas caras às listas do PS, mas foi com essas caras nas listas que o PS se lançou abertamente na política de direita. Foi com essas caras que fez a lei dos contratos a prazo, a lei contra a Reforma Agrária, a lei de exploração dos rendeiros e que fez a coligação de governo com o CDS».

Detendo-se sobre a proposta do PCP para a formação de um Governo Democrático de Salvação Nacional como forma de solucionar nas presentes circunstâncias o problema do Governo, o orador salientou por último que «o PCP está disposto a governar com todos aqueles partidos, for-

ças e democratas entendidos individualmente que sejam capazes de unir capacidades e esforços para enfrentar a grave situação com que o País se debate e encontrar soluções para os problemas nacionais».

Festa da Amizade

Entretanto, também neste fim-de-semana, na cidade de Faro, o camaradã Blanqui Teixeira passou em revista os aspectos essenciais da situação política nacional ao intervir no comício que se realizou no decorrer da Festa da Amizade.

Na ocasião, o dirigente comunista afirmou que é necessário elevar os votos da APU por forma a disputar e a conseguir a eleição do terceiro deputado.

Perante uma assistência interessada Blanqui Teixeira frisou mais adiante que nas próximas eleições o PS, o PSD e o CDS deverão ser penalizados pelo verdadeiro desastre a que conduziram o País.

Abordando a questão da alternativa o orador sublinhou ainda que «é possível e é necessário acabar com a série de governos anti-Abril e criar condições para que o novo governo defenda a democracia e as aspirações populares».

Trabalhadores

O voraz apetite da Gestão

A CGTP-IN, que deu anteontem uma conferência de Imprensa em Lisboa, recordou aos principais responsáveis pelo Estado português que um governo de gestão, sendo embora o mesmo que foi demitido, não tem competência para fazer aplicar os projectos que tinha na gaveta, designadamente aqueles que mais ferem os direitos e interesses imediatos das classes trabalhadoras como sejam os despedimentos em massa (ver nesta página como o Governo exorbita contra os postos de trabalho); o «reordenamento» de grande parte do sector empresarial do Estado; a aprovação de novos estatutos para 17 empresas públicas, entre elas a EDP, Petroquímica, Tabaqueira, Quimigal, a Siderurgia, a Setenave, a Cimpor.

Este Governo em gestão não tem poderes para aplicar, como se sabe, a «lei dos despedimentos», a nova «lei da greve», a dos «contratos a prazo» e outros projectos que continuam nas gavetas da Praça de Londres e do Terreiro do Paço.

Pelo facto de a equipa do Ministério do Trabalho ser a mesma da coligação desfeita, ninguém pode inferir daí que as leis não precisem sequer — agora em gestão — de serem, já não dizemos discutidas, mas promulgadas para, na prática, serem aplicadas como factos consumados, que é o que se pretende fazer na Lisnave, na MDF e sobretudo na metalomecânica pesada, na Siderurgia e em outras unidades dependentes da tutela do Ministério da Indústria.

Como os salários em atraso

não deram todos os resultados previstos pela política que os promove, como antecâmara para os despedimentos em massa, as «gestões» gostariam naturalmente de aproveitar este período de férias para porem em prática, ou fazerem avançar outros **processos ilegais** que tornariam insustentável a já muito degradada situação social de grandes massas de trabalhadores, particularmente nas grandes zonas industriais e na Reforma Agrária.

Com uma taxa de desemprego que as próprias estatísticas oficiais (se assim se podem chamar) estabelecem, nos 10,9 por cento, aproximando-se os desempregados em Portugal do meio milhão, com uns 620 mil trabalhadores com contrato precário e perto de cento e dez mil com salários em

atraso, muitos deles há mais de um ano, como poderão o movimento sindical e as organizações representativas em empresas e sectores deixar que em nome da «gestão dos negócios correntes» se conclua impensáveis negócios ilegais, onde o capital privado — o grosso — comerá **ainda melhor** a fatia de leão que já comia quando o compadrio tinha a fachada intacta no PS/PSD?

De forma nenhuma se poderá permitir — e é real a consciência disso no movimento sindical — que os «gestionários» açambarquem os poderes do Estado e os ponham ao serviço de uma política derrotada com o apoio indispensável do movimento operário e popular.

Nesse sentido se pronunciou, mais uma vez, a CGTP-IN.



Na Quimigal fortemente ameaçada, também, pelo «reordenamento» de Veiga Simão

A 3.ª inauguração

• Faltam três

A propósito da «3.ª inauguração-fantasma do Centro de Formação Profissional» (a primeira foi em Abril de 1981), a direcção da Organização Regional de Trás-os-Montes do PCP, protestando contra a visita do ministro do Trabalho e de um seu assessor com a categoria de secretário de Estado a Vila Real, adverte que certamente ainda se irá inaugurar o «lançamento da primeira pedra», o «meio das obras» e a «inauguração final».

A organização transmontana do PCP recorda que:

Em Abril de 1981, inaugurou-se a «escritura de compra do terreno para o Centro de Formação Profissional»;

Em Novembro de 1984, inaugurou-se a «entrada formal do projecto do Centro de Formação Profissional»;

E agora, em Julho de 1985 (dia 26), inaugurou-se «o acto de adjudicação do Centro de Formação Profissional».

Como os comentários estariam a mais, limitemo-nos a recordar que a personalidade que acompanhou o ministro do Trabalho a Vila Real foi o secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional, Rui Amaral (PPD), que a Organização Regional de Trás-os-Montes caracteriza por alguns traços da sua actuação recente; entre outros, como «o sr. dos chorudos subsídios ao patronato — mais de oito milhões de contos — para a manutenção de empregos em empresas sem trabalhadores (Socopepe) ou que reduzem o número de postos de trabalho (a Lusotur recebeu 43 mil contos e desfez-se de 45 trabalhadores); ou para que os patrões possam ir para o Brasil bem abonados (Pittas recebeu 4452 contos); ou para salários em atraso que nunca mais ficam em dia»...

O comunicado da Organização Regional inclui outros traços característicos da política do Ministério soarista e dos que continuam a praticá-la na Praça de Londres. Mas o espaço aqui escasseia, e o assunto dos subsídios de Rui Amaral foi remetido pela Assembleia da República à Alta Autoridade Contra a Corrupção. Assim, esperemos, já agora, pela quarta inauguração do «Centro» de Vila Real.

O Governo exorbita

Ameaçados para já 15 mil empregos

Este Governo só toma a gestão à letra quando se trata de mal gerir. Por isso se vira agora com mais decisão para o sector empresarial do Estado. À sua maneira muito peculiar, intervém, isto é, continua a intervir, na cobertura de actos ilegais dos conselhos de gerência que mantém nas empresas públicas, nacionalizadas e participadas, com particular incidência na Lisnave e nas maiores empresas da metalomecânica pesada. Segundo a CGTP-IN, «pelo menos quinze mil postos de trabalho estão imediatamente em risco em quarenta e cinco empresas». Desse total «quase metade pertence ao sector empresarial do Estado».

Recorde-se que essas unidades do SEE são administradas por gestores públicos **sob a orientação directa do Governo** e, sublinha a CGTP, «elas representam a esmagadora maioria dos postos de trabalho imediatamente ameaçados».

Como «casos flagrantes» da ofensiva «gestionária», a Inter cita, além dos mais conhecidos — Lisnave; Grundig (privada); MDF e Hotel Ofr (privadas também) — os da Petrogal; Covina; CTM e CNN; Tabaqueira; empresas da comunicação social (EPNC-Empresa Pública Noti-

cias/Capital, EPDP-Empresa Pública Diário Popular, Jornal do Comércio e Comércio do Porto), EPAC-Empresa Pública de Abastecimento de Cereais; e outros organismos de coordenação económica; Equimetal; Sorefame e Mompur.

Intensificar as acções

As «meras funções de gestão» do Governo demitido podem atingir penosa gravidade. A CGTP-IN «exorta os trabalhado-

res ameaçados de desemprego a intensificarem as suas acções em defesa dos postos de trabalho». Divulgando mais uma vez a sua posição solidária com «a luta que está a ser travada com tais objectivos», a Central unitária exorta também os trabalhadores a lutar pela «viabilização das empresas» por forma a impedir «a concretização das pretensões do patronato e do Governo».

A CGTP-IN chama **particularmente a atenção para o que se prepara na Função Pública**. Como «traço de uma actuação governamental que exorbita» das funções que estão confiadas, a Central sublinha a intenção de «estabelecer um **regime de contratos a prazo**» na FP, «pondo em causa a estabilidade do emprego e o direito ao trabalho através do decreto-lei 280/85».

Greve nos hospitais

Em contrapartida, o Governo não olha às situações mais es-

candalosas de que o enorme volume dos salários em atraso são exemplo bastante. Não olha ao que se passa, por exemplo, nos hospitais, onde os administradores se encontram na contingência de recorrer à greve de zelo (anunciada a partir do dia 30) nomeadamente por não lhes ser aplicado o mesmo regime que ao pessoal dirigente da Função Pública.

Os administradores hospitalares reclamam ainda, enquanto não for publicada legislação para o efeito, **e que os abranja**, as remunerações acessórias por «exercício de funções nos conselhos de gerência, direcção e chefias de serviço».

Se estas e outras reivindicações constantes de uma proposta aprovada recentemente em assembleia no Hospital dos Capuchos em Lisboa não forem satisfeitas, os administradores hospitalares vão limitar-se ao quadro de competências estritas, exigidas por lei.

LUTAS E TAREFAS

● **O acidente mortal nas Minas da Borralha, o sétimo a vitimar mineiros este ano, é atribuído à falta de segurança pelo Sindicato dos Mineiros do Norte.** O Governo e a administração da mina são responsabilizados pela morte de António Peixoto Fernandes, de 22 anos, que caiu num poço de 50 metros de profundidade, na manhã do passado dia 24. Recorde-se que a aplicação do regulamento de higiene e segurança nas minas, instantaneamente reclamada pela Federação sindical do sector (FSMMMP), não é possível, no entender do secretário de Estado do Trabalho, por dar prejuízo às empresas.

● **A greve de 24 horas no sector dos mármore teve uma adesão superior a 95 por cento, sendo de 100 por cento na esmagadora maioria das empresas.** Segundo a Federação Nacional dos Sindicatos da Construção, Madeiras e Mármore, a paralisação do passado dia 24 abrangeu cerca de 80 por cento dos trabalhadores dos mármore. Ao saudar os trabalhadores em greve pela sua «unidade, determinação e combatividade», a Federação manifesta-se convicta de que, «depois desta grande jornada, haverá uma vira-

gem na associação patronal», no sentido de um acordo. Se assim não for, «os trabalhadores encetarão, a curto prazo, formas de luta mais radicais por um contrato justo», adverte a Federação.

● **Excluída de um programa sobre aprendizagem profissional, a CGTP-IN apresenta queixa contra a RDP.** Caracterizada pela Inter como «mais um entre muitos casos de despudorado controlo governamental da Informação estatizada», a exclusão refere-se ao debate promovido pelo «Programa 19-20» da «Antena Um», de 18 de Julho findo. Na emissão, que interessava a todos os trabalhadores portugueses e ao seu movimento sindical unitário encabeçado pela CGTP-IN, só participaram «membros do Governo e da UGT». A queixa foi apresentada ao Conselho da Comunicação Social.

● **Fortes motivos abalizam a suspeita manifestada pela comissão de trabalhadores, segundo a qual a empresa pública Petrogal estaria a preparar numerosos despedimentos.** Actualmente com 6700 postos de trabalho, aquela unidade

da indústria química já gastou cerca de 40 mil contos com uma multinacional estrangeira, a Mackinsey, no âmbito de um estudo que mandou fazer para justificar a alegada necessidade de «reduzir drasticamente os postos de trabalho» na Petrogal. Ao abrigo da lei das CTs (46/79) a CT interpôs um processo-crime contra o conselho de gerência, por este se recusar a fornecer informações sobre a presumível redução dos postos de trabalho em cerca de 40 por cento. Entretanto, os quadros da empresa anunciavam uma greve (26/7) por o CG recusar negociações sobre carreiras.

● **Com 60 mil contos de salários em atraso, os 300 trabalhadores da Mecânica Setubalense impediram a saída de matéria-prima que se destinava a cobrir dívidas da gerência.** Sem produzir desde 23 de Janeiro findo, esta unidade produtora de embalagens de lata para conservas de peixe e carne foi abandonada pelos gerentes com uma dívida acumulada da ordem dos dois milhões de contos.

● **Continuam por abrir 803 vagas em jardins de infância prontos há três**

anos e, segundo o Sindicato dos Professores do Norte, ficarão sem emprego, no próximo ano lectivo, perto de dois mil educadores daquele grau de ensino. O SPN responsabiliza o Ministério da Educação pelas anomalias verificadas no sector, designadamente nos respectivos concursos, e exige medidas de excepção e de emergência com ampla publicidade das decisões tomadas.

● **A FENPROF rejeita totalmente o projecto do Ministério da Educação sobre profissionalização em exercício.** Numa minuciosa análise da respectiva portaria para os graus de ensino preparatório e secundário, os dirigentes da Federação Nacional dos Professores concluem que o projecto é «altamente negativo, visto o seu conteúdo ser deficiente em questões fundamentais e absurdo e retrógrado em muitas outras». O Secretariado Nacional da FENPROF, no parecer que remeteu ao Ministério, recorda que a matéria interessa a mais de 30 mil professores, e nem sequer houve o cuidado de traçar uma «definição de objectivos», remetendo-a para diploma posterior.

Terra

Seareiros da Lezíria

O melão do nosso descontentamento

Na quinta-feira passada, ao fim da tarde, a conhecida recta do Cabo, que liga Vila Franca de Xira a Porto Alto, estava dividida em duas semi-rectas. No meio, os seareiros do melão, cortando a estrada para, deste modo, chamarem a atenção do País para o que se está a passar.

E o que se está a passar é bem simples (ou antes, bem complicado) — o Governo recusa-se a tabelar o melão, ao contrário do que vem sucedendo depois do 25 de Abril. Os seareiros querem uma garantia de preço no valor de 24 escudos o quilo.

A manter-se a posição do Governo (e, segundo tudo indica, isto é já uma consequência da entrada de Portugal para a CEE) pela

primeira vez, depois da Revolução de Abril, o melão não vai ser tabelado, o que provocará prejuízos graves tanto para produtores

e consumidores, como para os próprios vendedores.

Entretanto, os seareiros não desistem na sua luta pelo tabelamento do melão. Ainda na sexta-feira passada várias dezenas se encontravam concentrados frente à estalagem do «Gado Bravo» na esperança de que os contactos que a Comissão de Seareiros mantinha com representantes do Governo alterassem a situação.

Mas mais uma vez a resposta foi dúbia, constatando-se que da parte do Governo não havia o menor interesse em solucionar a

questão. Todos os pretextos foram utilizados, inclusive o de que o ministro da Agricultura tinha ficado muito «aborrecido» com o corte de estrada pelo que nada ficava prometido.

Um pouco de história

Há mais de mês e meio que os seareiros do melão, através da sua Comissão, fazem tentativas junto dos órgãos governamentais para que saia a portaria que regulamente o tabelamento do melão para a presente época.

Contactos têm sido estabelecidos com os Ministérios da Agricultura e do Comércio Interno e ainda com a Secretaria de Estado da Produção Agrícola, a Direcção-Geral de Concorrência e Preços e a Direcção Regional de Agricultura.

Não passamos de uma bola de ping-pong! — diz-nos um dos seareiros — **Em cada um destes lugares dizem-nos que o assunto não é da sua responsabilidade e atiram-nos para outro sector.**

Alguns governantes, inclusive, mandam-nos esperar e depois saem sorrateiramente por portas travessas de modo a não se encontrarem com os seareiros.

No início dos contactos a Direcção-Geral da Concorrência e Preços e o próprio Ministério do Comércio e Turismo diziam que, da parte deles, não se opunham ao tabelamento e que a oposição partia do Ministério da Agricultura. Aqui diziam precisamente o contrário, ou seja que o Ministério da Agricultura era favorável e que quem se opunha eram os outros.

Como se vê, o Governo que estava era de uma eficiência a toda a prova e coerente consigo próprio. E depois deste jogo de gato e rato com os seareiros ainda fica muito indignado quando estes fazem o corte da estrada para chamarem a atenção para o problema que ninguém resolve ou quer resolver.

As consequências do não-tabelamento

Um seareiro, quando soube da presença do jornalista, veio dar-lhe uma palavrinha:

Sabe amigo, a maior parte dos seareiros nem sequer sonha o que isto vai ser se não houver tabela. Grande parte deles começou a fazer melão depois do 25 de Abril. E já o tinham tabelado. Só poucos, como eu, é que sabemos o que se sofria antes.

Pedimos para nos explicar melhor quais os aspectos negativos que se farão sentir sem o tabelamento. Não se fez rogado:

Sem tabela, o seareiro procura vender ao melhor preço mesmo que para isso tenha de apañar o melão verde. É compreensível — o seareiro gastou o dinheiro que tinha e o que não tinha para fazer a sementeira. Se no princípio da época lhe aparece um comprador a oferecer bom dinheiro não hesita.

«SE NÃO FOSTE TU FOI O TEU PAI!»

Conhecem a fábula de La Fontaine do cordeiro e do lobo? Em poucas linhas aqui fica. O lobo queria comer o cordeiro mas precisava de um pretexto; e um dia quando bebiam água no mesmo ribeiro disse o lobo: **Estás a sujar a água que eu bebo, vou-te comer!** E o cordeiro respondeu: **Oh senhor lobo como é isso possível se a água passa primeiro pelo senhor?** Mas o lobo que não gostava dos que argumentavam, principalmente quando tinham razão, abriu os dentes e enquanto filava o cordeiro ia dizendo: **Pois se não foste tu, foi o teu pai!**

Vem esta fábula a propósito da resposta dada pelo Secretário de Estado da Produção Agrícola à Comissão de Seareiros do Melão.

Depois das entidades governamentais andarem a adiar e a fugir a uma resposta concreta sobre a portaria do tabelamento do melão, na passada sexta-feira, o referido secretário de Estado, telefonicamente, encontrou o pretexto que lhe faltava:

«Não há tabela por causa do corte de estrada e da notícia que o jornal «o diário» deu sobre o assunto, pois este jornal está ligado aos comunistas.

Em primeiro lugar, não foi só «o diário» a veicular a notícia. Outros jornais o fizeram com maior destaque, caso do «Correio da Manhã» e do «Diário de Notícias» e também a televisão lá esteve. Será que estes órgãos de informação estão ligados ao PCP?

Em segundo lugar, ainda existe liberdade para os jornais darem as notícias do que se passa no País. A censura teve o seu último dia em 24 de Abril de 1974.

Pela resposta do secretário de Estado vê-se que nunca houve a intenção de fazer sair a portaria. E se não existisse este pretexto, outro seria encontrado para que a portaria não fosse publicada.

Sucede que com o melão verde começa a haver uma certa desconfiança por parte do consumidor que diz que este ano o melão não presta e como há outras frutas escolhe estas em prejuízo do melão. Por seu turno o comprador, que não consegue desfazer-se da carrada leva mais tempo a vir comprar e quando regressa oferece preços mais baixos.

Há, ainda, outra questão, um comprador arremata o melão a 40\$00, mas sucede que outro o conseguiu arrematar a 30\$00. É lógico que o primeiro tem mais dificuldades de vender o melão do que o segundo. Daqui à degradação dos preços é um instante.

Os arrendamentos aumentaram

A Companhia das Lezírias é uma empresa nacionalizada (já era do Estado antes do 25 de Abril) mas não cumpre com o estabelecido.

Assim, apesar de ainda estar em vigor a portaria que estabeleceu o arrendamento de 18 e 24 contos para as terras de segunda e de primeira, respectivamente, por cada talhão de dois hectares e meio, este ano decidiu aumentar a renda em determinados casos para 30 e 40 contos.

Este ano tudo aumentou. O gás, o óleo, os pesticidas, os adubos, e os juros do dinheiro que a banca empresta (29,5%). Também o lavar da terra é à custa do seareiro. Em contas redondas cada seareiro terá gasto, este ano, para fazer a sementeira cerca de 750 contos, isto para dois hectares e meio.

Entretanto, o Governo insiste em não fazer sair a portaria do tabelamento do melão para este ano. A ser assim, muitos produtores irão sofrer um grave prejuízo económico. Mas talvez seja esta a intenção do Governo, mais interessado em entregar aos grandes complexos agrícolas a exploração da Companhia das Lezírias, ou não tivéssemos entrado para a CEE onde só os grandes monopólios têm direitos.



Enquanto não chegavam as notícias, pequenos grupos iam comentando a atitude do Governo. Para alguns é a convicção de que um mal maior se prepara para os seareiros do melão

Nacional

Na Região Autónoma da Madeira

PSD impede PCP de discutir situação financeira caótica

Na Região Autónoma da Madeira, o PSD continua a proceder como se o território fosse uma coutada de caça sua, impedindo tudo o que possa denunciar a situação financeira caótica a que se chegou.

É o caso da iniciativa do PCP, no passado dia 8 de Julho que, ao abrigo do artigo 70.º do Regimento da Assembleia Regional, requereu, na conferência de grupos parlamentares, a marcação da discussão da situação financeira da Região Autónoma e as suas repercussões na vida económica e social para o dia 25 do mesmo mês.

Foi com espanto que, no próprio dia 25, o deputado do PCP teve conhecimento que o Presidente da Assembleia Regional, Nélcio Mendonça, não autorizava a realização da discussão, apresentando como fundamento o facto de o requerimento do PCP não obedecer às normas constitucionais ou regimentais.

Para além de ser estranho que tal decisão tenha sido comunicada no próprio dia em que se devia realizar, mais estranho, ainda, é o facto de o despacho do Presidente da Assembleia Regional não mencionar uma única alínea em que a iniciativa do PCP possa ferir a Constituição ou o Regimento.

Certo é que nenhum desses casos podia ser referido pela simples razão de ser absolutamente legal o requerimento apresentado, pois como foi tornado público numa Conferência de Imprensa realizada pelo PCP, para denunciar a manobra, o próprio PSD, em 1983 e no ano seguinte, fixou ordens do dia nos mesmos e exactos termos da fixada pelo PCP.

Salientando que «o PSD, incapaz de rebater as críticas às dificuldades e fracassos da sua política, tudo faz para esconder os seus erros da opinião pública e tem tentado reduzir ao mínimo a voz da opo-

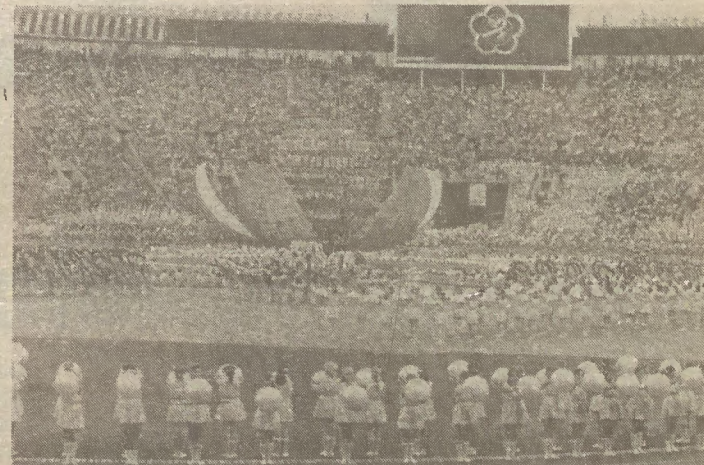
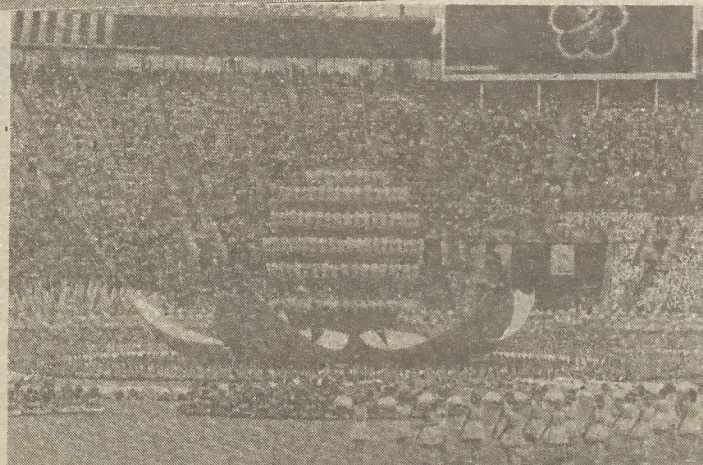
sição na Assembleia Regional», o PCP manifesta a sua intenção de «recorrer perante os órgãos de soberania para que seja reposta a legalidade e não seja posta em causa a própria existência da Assembleia Nacional, da Autonomia Regional e da democracia».

Entretanto, na presente legislação, a actuação do PSD na Assembleia Regional da Madeira tem ultrapassado tudo o que se podia prever e ainda há pouco tempo impediu, ilegalmente, também, a discussão de um projecto do PCP contemplando medidas de emergência para o problema dos salários em atraso na região.

Por aqui se vê o conceito que Alberto João Jardim e os seus parceiros partidários têm da democracia — fazerem o que bem entendem sem ninguém que os critique, principalmente quando se trata da situação financeira.

Juventude

Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes



Um imenso hino à Paz

Quando os delegados desceram ao relvado do estádio Lênine transportando consigo pequenos átomos dos quais saíram milhares de pombas brancas, estava oficialmente aberto o XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes que decorre em Moscovo até este sábado.

Com este gesto, celebrou-se assim a invasão de campo mais pacífica alguma vez realizada na história dos estádios desportivos, uma vez que ao saírem as pombas dos átomos de cada um dos delegados de 150 países, formou-se um imenso hino à paz e à amizade.

Também a juventude portuguesa, como se sabe, está representada neste fórum mundial da juventude de todo o mundo, somando assim o seu ao apelo mundial pela Paz, a Amizade e a Solidariedade Anti-imperialista.



A delegação portuguesa a caminho do estádio Lênine, «pela Paz, a Amizade e a solidariedade anti-imperialista»



A alegria de se construir a amizade



Milhares de jovens ginastas soviéticos participaram na cerimónia da abertura do XII Festival

Com a chama do Festival por pano de fundo, o mundo abre-se para a juventude de todos os países. São 21 horas e 41 minutos de sábado. Durante sete dias, jovens vindos de toda a parte discutem os seus problemas comuns

Emigração

Um debate aberto e franco

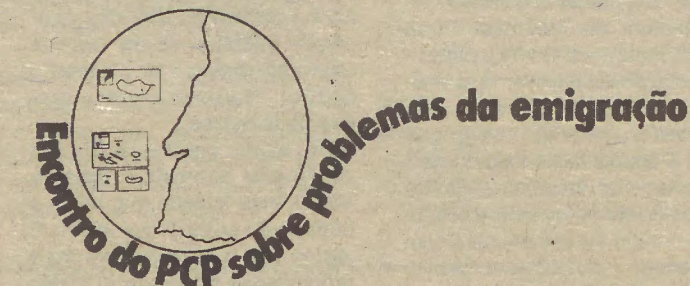
● representantes de mais de 20 países ● dezenas de contribuições

Com a conclusão do projecto de documento-síntese onde se procede a um levantamento rigoroso dos principais problemas da emigração portuguesa e se apontam linhas de acção que permitam dar resposta às dificuldades e carências actuais, entram na sua recta final os trabalhos preparatórios para o Encontro do PCP sobre problemas da emigração.

A decorrer nos próximos dias 10 e 11 de Agosto, em Almada, nas instalações da Incrível Almada (prestigiada colectividade da Margem Sul situada junto à Câmara Municipal), o Encontro propõe-se apontar as principais causas e consequências da emigração para o País, efectuar um balanço das características e problemas do sector e ainda aprovar as propostas para uma política e um programa democrático para os emigrantes.

Programa democrático

Este último aspecto está a suscitar expectativas junto de algumas comunidades na medida em que, como já referimos em edições anteriores, se espera que o Encontro defina as principais orientações de um programa de protecção ao trabalhador emigrante e examine o justo quadro do seu relacionamento com as instituições portuguesas e das responsabilidades destas perante os emigrantes.



Recorde-se, por outro lado, que este Encontro surge num momento em que os nossos compatriotas se defrontam nos países onde se encontram com o agravamento das condições de vida, com crescentes discriminações, sujeitos a campanhas de xenofobia e a uma crescente insegurança.

Resultado em larga medida da política de falsas promessas e de abandono prosseguida por sucessivos governos, onde estiveram representados o PS, o PSD e o CDS, a situação em que se encontram os nossos emigrantes é ainda agravada pelas incertezas do regresso e da sua reinserção em Portugal.

Debate aberto

Com início previsto para as 9 e 30 horas de sábado (dia 10) e o encerramento para as 19 e 30 horas, do dia seguinte, o Encontro funcionará em plenário duran-

te a abertura dos trabalhos e ao longo de domingo. Durante o dia de sábado os participantes distribuir-se-ão por quatro secções onde abordarão os seguintes aspectos: **Secção A** — Os emigrantes em Portugal — causas e consequências da sua saída e as condições para o regresso; **Secção B** — a vida e o trabalho na emigração; **Secção C** — a acção dos emigrantes em defesa dos seus interesses; **Secção D** — os cooperantes nos novos países africanos e os seus problemas.

No Encontro estarão presentes, para além das diversas Organizações Regionais do Partido, representantes dos emigrantes e cooperantes comunistas em mais de 20 países do mundo, nomeadamente França, RFA, Suíça, Luxemburgo, Bélgica, Holanda, Grã-Bretanha, Suécia, Espanha, Canadá, Venezuela, Brasil, EUA, Austrália, África do Sul, Zaire, Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe.

Entre os convidados — com direito à palavra nas secções — contam-se destacadas personali-

dades interessadas e intervenientes na problemática a abordar e ainda representantes de di-

versas organizações empenhadas na resolução dos problemas da emigração.

Limitações à liberdade

Nota da SIP do PCP

Tal como em anos anteriores, a Comissão para o Trabalho entre a Emigração do PCP, voltou este ano a informar os comandantes gerais da GNR e da Guarda Fiscal e os governadores civis dos distritos onde se localizam vários postos fronteiriços, da deslocação nos dias 26, 27, 28 e 29 de Julho de equipas de informação que contactarão e farão entrega de um folheto do PCP aos portugueses emigrantes que nesses dias passarão os respectivos postos fronteiriços.

Hoje, dia 26 de Julho, foi recebido por correio um ofício do governador civil da Guarda no qual informa ter renovado um despacho de 24 de Julho de 1984, e que já no ano passado havia merecido a nossa inequívoca denúncia e firme protesto, pelas considerações que desenvolve e pelas medidas limitativas ao exercício de elementares liberdades que enuncia — nomeadamente a liberdade de informação e propaganda bem como a própria liberdade de circulação de pessoas.

O governador civil da Guarda reafirma que «(...) todas e quaisquer actividades de qualquer ordem, sejam condicionadas, em termos de não poderem ser

praticadas ou exercidas, nas áreas já demarcadas, cabendo às autoridades fazer cumprir o que aqui se determina». Esclarece, noutro passo, o governador civil da Guarda que entre as actividades por ele interditas se contam as de «(...) pessoas ou grupos que queiram aproveitar a oportunidade para actos de propaganda comercial ou até ... política (...)» e ainda «as de camadas sociais que queiram aproveitar a oportunidade de, aproximando-se da fronteira, constituírem um espectáculo de certa degradação, que há que evitar, já que muitas vezes se entregam à mendicância (...)».

Ao voltar a querer impor na zona de Vilar Formoso, limitações ao exercício das liberdades elementares dos cidadãos, o governador civil da Guarda insiste num acto prepotente, completamente inconstitucional, ilegal e ilegítimo, atitude tanto mais grave quanto é agora um governador civil de um governo demitido. Neste sentido, e no quadro da legalidade democrática, as equipas de informação do PCP, exercerão a sua função da informação e contacto com os emigrantes, pois se trata da prática de um direito consagrado na Constituição da República.

Internacional

Mensagem do PCP ao Partido do Progresso da Guiana

Por ocasião do 22.º Congresso do Partido Progressista do Povo da Guiana, o Comité Central do Partido Comunista Português enviou ao Comité Central do Partido Progressista do Povo da Guiana a mensagem que transcrevemos.

Queridos Camaradas:

Em nome dos comunistas portugueses o Comité Central do Partido Comunista Português saúda calorosa e fraternalmente o Comité Central do Partido Progressista do Povo da Guiana e, por seu intermédio, todos os comunistas e a classe operária da Guiana.

Os comunistas portugueses seguem com espírito solidário a luta do PPP em defesa dos interesses vitais da classe operária, pela defesa das liberdades e direitos democráticos, contra as suas limitações e restrições, pela formação de uma ampla frente patriótica, democrática e anti-imperialista, pela paz e cooperação na região e no mundo.

Queridos Camaradas:

Em Portugal lutamos para operar uma viragem democrática que ponha termo à política cuja essência visa liquidar as conquistas da Revolução de Abril (as liberdades democráticas, os direitos dos trabalhadores, a Reforma Agrária e as nacionalizações) e a Constituição que as

consagra. Desde 1976 até agora sucessivos governos têm colocado no centro da sua acção tal objectivo, embora tenham todos igualmente fracassado diante da resistência da luta popular. Entretanto os problemas económicos e sociais do país têm-se agravado perigosamente. O nível de vida do povo trabalhador tem sido duramente atingido. A dívida externa de Portugal é de cerca de 15500 milhões de dólares. No plano externo a submissão rastejante em relação ao imperialismo, nomeadamente o imperialismo norte-americano, põe em perigo a soberania e a independência nacionais. Mas as conquistas de Abril, feridas, resistem defendidas por um poderoso movimento de massas onde a classe operária e o PCP desempenham um papel determinante.

A demissão do governo reaccionário PS/PSD, a dissolução da Assembleia da República e a convocação de eleições antecipadas para 6 de Outubro abrem perspectivas reais a uma alternativa democrática.

O PCP, que lutou por estes objectivos ao longo dos dois últimos anos, encara com confiança os resultados eleitorais.

Com os seus mais de duzentos mil efectivos, apesar das graves dificuldades, confia na luta popular e na defesa das conquistas de Abril.

Queridos Camaradas:

O vosso Congresso tem lugar num momento particularmente perigoso para a paz mundial devido à política hegemónica e belicista do imperialismo e, em primeiro lugar, do imperialismo norte-americano.

No vão intento de travar a luta de libertação nacional e social dos povos e dos trabalhadores o imperialismo desencadeia uma louca e frenética corrida às armas, englobando o próprio espaço celeste, apoia e estimula as forças reaccionárias em todo o mundo, proclama aos quatro ventos cruzadas contra os países socialistas, agride e ocupa vergonhosamente Granada, ameaça invadir a Nicarágua após ter decretado o embargo total daquela valente nação na América Central.

Esta sinistra política prosseguida pelo imperialismo norte-americano e os círculos mais

reaccionários da NATO ameaça perigosamente a paz e coloca a Humanidade à beira do holocausto.

Os comunistas portugueses consideram necessário fazer ruir estes planos imperialistas.

Para este efeito consideram indispensável reforçar a unidade e a coesão do movimento comunista e operário internacional e a cooperação e a solidariedade entre todas as forças do progresso social.

Queridos Camaradas:

Fazemos votos para que os trabalhadores do 22.º Congresso e a ulterior aplicação das suas decisões sejam coroadas de êxito.

Manifestamos a nossa vontade de continuar a agir para que se reforcem, na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, os laços de amizade e solidariedade existentes entre o PCP e o PPP.

Viva o 22.º Congresso do PPP!

Viva a Amizade entre o Partido Comunista Português e o Partido Progressista do Povo da Guiana!

Viva o Internacionalismo Proletário!

No aniversário de hiroshima, URSS suspende explosões nucleares

«Desejando contribuir para o fim da perigosa competição no acréscimo dos arsenais nucleares e pretendendo dar um bom exemplo, a União Soviética decidiu unilateralmente parar com todas as explosões nucleares a partir de 6 de Agosto próximo». Esta decisão e a proposta da União Soviética aos Estados Unidos. A resposta de Washington foi rápida: não. O pretexto o mais vulgarmente utilizado: trata-se de «propaganda». Fica a questão: porquê os Estados Unidos não avançam com idênticas medidas? Se se trata de mera propaganda, a imagem da Casa Branca só iria ganhar com isso, sem os «riscos» de travar verdadeiramente a corrida aos armamentos...

A verdade entretanto é que, o que o imperialismo recusa são quaisquer actos concretos no sentido do desarmamento e do desarmamento. Por isso não subscreeva a iniciativa soviética de não utilização em primeiro lugar da arma nuclear, iniciativa amplamente apoiada a nível internacional. Por isso está a sabotar de facto as conversações de Genebra. Enquanto vai desenvolvendo o processo que conduz à militarização do Cosmos, a pretexto de que se trata de mera investigação, ou de um projecto defensivo. Aliás, de paralelo com todos os outros projectos armamentistas, no seu conjunto claramente destinados a desencadear um primeiro golpe e uma pretensão de ganhar um guerra contra o socialismo. Miragem absurda mas nem por isso menos perigosa.

A conferência de Potsdam foi há 40 anos

Por ocasião do 40.º aniversário dos acordos de Potsdam, realizou-se, no local histórico onde os acordos foram assinados há 40 anos, uma conferência científica internacional, com a participação de cientistas de numerosos países, nomeadamente da União Soviética, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França. O objectivo da reunião, promovida por diversas organizações sociais e científicas da RDA, é salientar a importância da conferência de Potsdam, como acto internacional entre Estados com diferentes sistemas socio-económicos, no sentido de criar uma situação de paz justa e duradoura na Europa.

O dirigente da RDA, Oskar Fischer, salientou em particular que os acordos assinados em 1945 «constituíram o esqueleto da paz e estabilidade que se viveu nos últimos quatro decénios no nosso continente», destacando ainda: «não é a existência de Estados com sistemas sociais diferentes que divide a Europa e o mundo, mas o abandono da política de coexistência pacífica, a tentativa de negar ao sistema socialista o direito à existência».

Nicarágua prepara Constituição

O presidente da Assembleia Nacional da Nicarágua, Carlos Nunez, divulgou recentemente as decisões da Comissão especial do Parlamento encarregue de elaborar o projecto da Constituição do país. O documento prevê a existência de diversas organizações políticas e a consagração dos três tipos de propriedade (estatal, cooperativa e privada). Serão proibidas apenas as organizações que visem a restauração da ditadura.

De acordo com a Comissão, a Lei Fundamental da Nicarágua deverá reflectir as transformações políticas e socio-económicas ocorridas no país após a revolução e os seus princípios fundamentais. Assim, a Constituição deverá fixar como objectivo a construção de uma sociedade democrática assente na liberdade, igualdade e ampla participação do povo na gestão do Estado.

Segundo Carlos Nunez, a Lei Fundamental deve consagrar o direito dos cidadãos de eleger e ser eleito para os órgãos de poder, a liberdade de expressão e de reunião, o direito ao trabalho, à habitação digna, à educação e assistência médica, bem como contribuir para a coesão das forças políticas e socio-económicas na luta pela reconstrução do país, contra a miséria, o atraso e o desemprego.

A guerra de libertação em Salvador

Durante o primeiro semestre deste ano, os guerrilheiros da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) aniquilaram 2900 soldados e oficiais do exército do regime de Napoleón Duarte, afirmou a comandante de uma das frentes de guerrilha, Luisa Hovel.

Segundo aquela representante da FMLN, tais resultados revelam o fracasso da iniciativa norte-americana que levou à formação, no exército salvadorenho, dos chamados «grupos de reconhecimento de longo alcance», cujo objectivo seria detectar os destacamentos guerrilheiros e informar sobre a sua localização. Esse fracasso deve-se, afirmou Luisa Hovel, à grande flexibilidade das unidades guerrilheiras e ao apoio que elas têm da população.

Diálogo continental sobre a dívida externa da América Latina

Paga-se ou não se paga? Em caso afirmativo, com que verbas, em que prazos, em que condições? Em caso negativo, que medidas tomar para fazer face às inevitáveis retaliações dos credores? A decisão pode ser tomada em conjunto ou isoladamente, e também neste aspecto as opiniões se dividem.

Estas são algumas das questões que se colocam quando o que se discute é a dívida externa da América Latina, hoje estimada em 370 mil milhões de dólares.

De há muito que os países devedores, quase todos numa situação de manifesta incapacidade de fazer face ao pagamento das respectivas dívidas externas, procuram uma solução para o problema. As medidas isoladas que alguns adoptaram provaram já não levar mais longe do que ao círculo vicioso de continuar pedindo emprestado para conti-

nuar pagando, aumentando sempre mais e mais o total dos débitos acumulados.

Porque não procurar antes uma solução comum, já que idênticos são os problemas a enfrentar? Esta a sugestão lançada por Cuba e reforçada nos últimos tempos por propostas concretas que, se a princípio causaram perplexidade pelo seu arro-

jo, foram gradualmente ganhando adeptos. A hipótese de recusar o pagamento das dívidas, tida como irrealista quando pela primeira vez o presidente cubano Fidel Castro a levantou, é hoje encarada por um vasto número de países como merecedora de estudo.

Pelo menos deve-se discutir o assunto, concluiu-se. E tanto assim é que desde antontem, em Havana, está a decorrer uma iniciativa apresentada como um diálogo continental sobre a questão da dívida externa latino-americana.

Um diálogo que deve ser, como sublinhou Fidel ao discursar nas comemorações do 32.º aniversário do assalto ao quartel de Moncada, uma demonstração de unidade dos países latino-americanos face à grave crise económica provocada pela dívida externa.

Para tal contribuirá certamente o carácter pluralista da conferência de Havana, em que participam representantes dos mais diversos partidos políticos do continente, bem como o facto da sua realização se enquadrar no âmbito das decisões tomadas nas duas últimas cimeiras do Movimento dos Não-Alinhados e nas proclamações da ONU sobre

a necessidade de uma Nova Ordem Económica Internacional.

Acresce ainda que esta iniciativa a decorrer em Havana se insere na luta pela integração económica da América Latina, classificada por Fidel como uma «necessidade da sobrevivência dos nossos povos». Recorde-se que posições semelhantes vêm sendo tomadas por responsáveis políticos de outros países, como sucedeu recentemente com o novo presidente do Perú, Alan García, ou no Brasil através de intervenções de José Sarney.

A consciência da injustiça de continuar a impor aos povos dos respectivos países o pagamento de dívidas artificialmente aumentadas (a subida das taxas de juros é um exemplo elucidativo), impedindo qualquer possibilidade de desenvolvimento, estrangulando a economia até níveis insustentáveis e exigindo sacrifícios impossíveis a quem não dispõe já sequer do essencial, é cada vez maior. A discussão aberta da situação é por si só um passo importante. Quer o reconheçam ou não abertamente, todos os que participam neste diálogo continental sabem que a verdadeira questão em debate é a da instauração de uma Nova Ordem Económica Internacional.

Repressão no Chile

O passado fim-de-semana, no Chile, foi uma vez mais marcado por violenta repressão desencadeada pelas forças policiais do regime fascista de Pinochet contra populares que pacificamente protestavam contra a política do governo.

A carga policial saldou-se por vários feridos e dezenas de prisões, segundo os dados da polícia.

A luta pelo retorno à democracia no Chile abrange um leque cada vez mais amplo de sectores da população, estando a provocar o agravamento das contradições internas do próprio regime.

Internacional

ÁFRICA DO SUL

Governo PS/PSD dá a mão a Pretória

Encontrei uma preta que estava a chorar, pedi-lhe uma lágrima para analisar (...) nem sinais de negro, nem vestígios de ódio, água quase tudo e cloreto de sódio — assim começava e terminava um poema de Gedeão feito canção que muito antes do 25 de Abril se cantava mais ou menos clandestinamente em Portugal, proclamando a recusa do racismo que a guerra colonial procurava impor.

Mais de uma década depois, num regime que se pretende democrático e quando todos os dias chegam notícias das prisões e mortes de patriotas negros na África do Sul, a lembrança desse poema torna-se avassaladora, e apetece cantá-lo para não morrer de vergonha ao ver um representante do odioso regime sul-africano ser recebido, se não como um amigo, pelo menos como o parente rico a quem se está atento e obrigado.

É certo que Jaime Gama, ao receber na sexta-feira o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, Louis Nel, manifestou em nome do governo PS/PSD «preocupação» pelo estado de emergência em vigor desde o passado dia 20 daquele

país e condenou o «apartheid». Mas nem a melhor das boas vontades poderá ver em tais palavras qualquer significado quando confrontado com a cerimónia realizada dois dias depois em S. Pedro do Sul numa pretensa homenagem aos emigrantes portugueses na África do Sul.

Vindo a Portugal expressamente para aquele efeito, que incluía a inauguração de uma estátua «à família emigrante», Louis Nel, acompanhado da secretária de Estado Manuela Aguiar e pelo Presidente da Região Autónoma da Madeira, Alberto João Jardim, aproveitou a cobertura dada ao acontecimento pelo governo PS/PSD e pelos órgãos de comunicação social para fazer a defesa da política

racista e de *apartheid* seguida pelo governo a que pertence.

Tornando coniventes com as suas afirmações as autoridades portuguesas que o receberam, quando o balanço de uma semana após a instauração do estado de emergência se saldava já em mais de um milhar de prisões e mais de duas dezenas de mortos.

O silêncio das palavras

Louis Nel disse muita coisa, mas calou muito mais. Afirmou que os brancos sul-africanos não têm qualquer propósito de abdicarem do papel histórico que têm a cumprir, sem precisar que tal papel tem sido o de explorador e exterminador da população indígena.

Garantiu que a África do Sul desempenha um papel estabilizador em toda a África Austral, onde a existência de 600 milhões de negros depende da forte e vigorosa economia sul-



Luta e repressão são parte do quotidiano da África do Sul

-africana; que a África do Sul é o país da Boa Esperança para toda a África Austral e que já contribuiu em larga escala para a elevação de todos os negros da região; e disse acreditar que aqueles que advogam as sanções contra o seu país se encontram do lado errado da moralidade.

O que o representante do «apartheid» não disse foi que a minoria branca sul-africana não representa mais de 20% da população total do país e 23% da população activa, detendo todos os privilégios enquanto os negros, que são 70% da população

total e 60% da população activa, não possuem nenhuns.

Não disse que a minoria detém ¾ do rendimento nacional, enquanto aos negros cabe apenas 1/6; nem sequer que, apesar da África do Sul ser o país mais rico do continente, o rendimento dos africanos é o 13.º de toda a África.

Também não falou da ocupação da Namíbia, das invasões de Angola, dos ataques a Moçambique, ao Botswana, ao Lesoto. Nem das prisões cheias de presos políticos ou de Nelson Mandela encarcerado há 23 anos. Nem dos bantustões, campos de morte lenta para milhares de homens, mulheres e crianças. Nem das greves, manifestações e outras formas de luta que tomam conta do país numa revolta sem tréguas contra um regime universalmente condenado.

Não consta que os membros do governo PS/PSD que receberam Louis Nel se tenham referido a tais assuntos ou meditado sequer na necessidade que o regime racista tem dos emigrantes, trabalhadores especializados para a realização de tarefas a que os negros não têm acesso, nem podem ter, para a sobrevivência do regime. Como não consta que perante a estátua de bronze vinda da África do Sul alguém tivesse uma palavra para os mineiros sul-africanos. Há palavras que encerram silêncios que dizem tudo.

As repercussões internacionais da luta

A escalada de violência terrorista por parte do governo de Pretória contra a população africana assumiu tais proporções que surgiram alguns indícios de demarcação, a nível internacional, por parte de governos de países capitalistas, que constituem esteio vital do regime do «apartheid». Posição que na prática reflecte fundamentalmente a importância da luta de massas na África do Sul contra o regime. Luta ampla, heróica, sistemática, crescente — que leva o capital a ensaiar outros caminhos, na expectativa da que possa vir a acontecer.

O facto mais saliente nesta demarcação em relação à política terrorista de Pretória, surgiu da parte do governo francês, que chamou o seu embaixador na RSA e levou ao Conselho de Segurança da ONU, uma proposta de resolução exigindo a condenação do regime do *apartheid* e da repressão crescente contra a esmagadora maioria do povo da África do Sul; a libertação dos presos políticos, em primeiro lugar do dirigente do movimento de libertação sul-africano (ANC), Nelson Mandela; o levantamento do estado de sítio. A proposta francesa propõe ainda a adopção de sanções económicas, nomeadamente a suspensão de qualquer novo investimento na África do Sul e da importação de moeda sul-africana e de barras de ouro, a suspensão dos empréstimos garantidos à exportação. Por último exige-se a interdição de novos contratos com Pretória no domínio nuclear e da venda de material informático.

De referir que as relações económicas entre a França e a África do Sul têm vindo a acentuar-se. De 1983 a 1984, as importações aumentaram de 35%, cal-

culando-se que os investimentos franceses orçam pelos 14 biliões de francos.

Formalmente, e em termos gerais, os governos dos países capitalistas condenam a escalada repressiva na África do Sul (não houve uma palavra do governo português...). Mesmo o governo britânico fez uma declaração em que exige a libertação dos presos políticos e o levantamento do estado de emergência. Mas quando se passa à prática, os factos assumem contornos mais claros. E temos os representantes de Washington e Londres a vetar na ONU qualquer possibilidade de sanções a Pretória. O chanceler da RFA a recusar igualmente, com grande clareza, a aplicação de sanções económicas e até a criticar Paris pela decisão de retirar o embaixador de Pretória.

A posição assumida pelos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE é particularmente esclarecedora. Os ministros aprovaram a declaração geral em que se exorta o regime racista a levantar o estado de emergência, mas não conseguiram

chegar a um acordo sobre a aplicação de sanções económicas. E compreende-se. A verdade é que, apenas entre 1982 e 1984, 202 bancos de 18 países capitalistas concederam 98 empréstimos à África do Sul, num montante que ultrapassou os 4255 milhões de dólares. Em Dezembro último, enquanto o governo de Botha procedia a verdadeiros massacres da população africana, o «Deutsche Bank», da RFA, concedia a Pretória um crédito

suplementar de 250 milhões de marcos.

Estes os factos. O capital internacional tem grandes interesses em jogo na África do Sul. No plano económico. No plano político. No plano militar. Mas o criminoso edifício do «apartheid» vacila. A luta do povo sul-africano torna-se um dado demasiado importante para poder ser ignorado. Disso mesmo é testemunho a posição assumida pelo governo francês.

Solidariedade do PCP

1. O vergonhoso regime de *apartheid* — que apenas se mantém na África do Sul graças aos apoios e complicitades do imperialismo, nomeadamente o norte-americano — acaba de dar ao mundo novas provas da desesperada violência que o anima e das mais grosseiras violações dos direitos humanos, prendendo, agredindo e matando milhares de africanos que lutam pela sua liberdade e repudiam o «estado de emergência» que as autoridades de Pretória impuseram em 38 distritos da RAS.

2. Esta nova vaga de terror que se abateu sobre a África do Sul e que está a ser condenada por forças políticas e sociais dos mais diversos quadrantes políticos e por governos de diferentes países não justifica, da parte do governo demitido PS/PSD, a mínima manifestação

de repúdio. Pelo contrário, após o acolhimento cordial deste governo ao primeiro-ministro da RAS, em 1984, PS e PSD prepararam-se para receber — no preciso momento em que o povo sul-africano sofre a mais bárbara das repressões racistas — um outro membro do governo de Pretória, o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros Louis Nell.

3. O PCP condena com veemência a complicitade do governo PS/PSD com o regime racista da África do Sul. O seu silêncio perante o agravamento da repressão racista é uma nova manifestação do seu servilismo face aos interesses do imperialismo, uma nova prova da ausência de sentido da dignidade nacional. Esta atitude do governo PS/PSD é o desmascarar das afirmações demagógicas de solidariedade e amizade para com

os Estados vizinhos da África do Sul vítimas da sua hostilidade e das suas acções desestabilizadoras.

4. O PCP reafirma a sua activa solidariedade a todos os sul-africanos que lutam contra o racismo e o *apartheid*, especialmente ao Congresso Nacional Africano principal força dirigente desta luta, confiante de que o regime racista acabará por ser derrotado.

5. O PCP exorta todos os portugueses a exprimirem a sua condenação da política racista da África do Sul, a solidarizarem-se com o CNA e o povo sul-africano que luta corajosamente pela sua libertação e a exigirem que o governo demitido PS/PSD ponha fim à sua atitude cúmplice para com o racismo e os seus crimes.

«A China fez, em fins de 1957, o balanço do primeiro plano quinquenal, verificando-se que este foi largamente ultrapassado em todos os domínios.

«O valor da produção industrial global, sem contar com o artesanato, foi, até ao fim de 1957, superior em 17 por cento às previsões do plano; a quantidade de mercadorias transportadas ultrapassaram as previsões em 14 por cento; os trabalhos de construção foram superiores em 13 por cento ao que o plano previa. (...)

«A República Popular da China, é agora um país que dispõe da sua própria indústria automobilística e aeronáutica; um país que produz possantes locomotivas, máquinas de tipo novo, equipamentos eléctricos e electrónicos, aços especiais de alta qualidade, assim como equipamentos para a siderurgia e as minas. (...)

«O desenvolvimento da economia permitiu melhorar regularmente as condições de vida do povo chinês. O nível de vida dos operários e dos empregados elevou-se consideravelmente e os rendimentos dos camponeses aumentaram de cerca de 30 por cento. O consumo por habitante cresceu para todos os produtos alimentares de base.

«É com grande satisfação que o povo chinês faz o balanço do seu primeiro plano quinquenal e, se bem que não possa recuperar-se em 5 anos um atraso secular, a verdade é que fez-se mais neste quinquenato de que nos 100 anos que precederam a Revolução.»

(«O Socialismo em Marcha — O Primeiro Plano Quinquenal na China» — «Avante! VI Série, n.º 261, 1.ª Quinzena de Agosto de 1958)

Avante!

«O pêndulo da política nacional bate horas fúnebres. Anuncia-se que Salazar há-de morrer. Quando? Como?

«Para provar o inevitável — a morte certa — o ditador vive. E trabalha. Reúne com os seus ministros. Concede entrevistas. Dirige a máquina do Estado. Disserta sobre a situação internacional. Aparece inesperadamente no camarote de um teatro. Continua doutrinando o pensamento fascista.

«Entretanto quedam-se na antecâmara da sala funerária quantos se julgam com direito à sua herança. Quem são? O que querem? Por que aguardam? (...)

«Em volta da sucessão de Salazar precisou-se uma nova tática política. Em que consiste essa tática? Em não assustar os presumíveis herdeiros do poder, sejam eles «fascistas de esquerda» ou generais que se candidatam à anunciada Junta Militar. Em renunciar à unidade com as outras forças democráticas, para reforçar os laços da nova aliança. Em repudiar os meios ilegais e semilegais de luta, a participação das massas trabalhadoras na batalha política e no derrubamento da ditadura. Em praticar uma política de anticomunismo, de divisão, em afastar-se cada vez mais dos processos revolucionários para conduzir a acção no terreno que é consentido pelos governantes fascistas. Em precorizar programas de governo que deixam de pé a velha estrutura capitalista da sociedade e não se identificam com as reformas democráticas de que o País carece.

«O esquema tático que preside aos planos de sucessão de Salazar é um esquema de capitulação e de renúncia à luta frontal contra o fascismo.

«O caminho que leva à conquista do poder não é o caminho da conciliação com os «disidentes» do regime, a troca de um prato de lentilhas.»

(«A Sucessão de Salazar» — «Avante!», VI Série, n.º 381, Agosto de 1967)

UNIVERSIDADE ANO LECTIVO DESASTROSO FUTURO PREOCUPANTE

O ano lectivo de 1984/85 fica na história do movimento estudantil português por ser aquele em que se realizou a maior greve geral depois do 25 de Abril. Fica também na História por a Universidade ter atingido uma situação de quase ruptura funcional.

Estas são, grosso modo, as principais características de um ano que, devido à actuação do Ministério, se tornou excessivamente longo para os estudantes.

Efectivamente, e como vem sendo hábito ao longo dos diversos Governos PS/PSD/CDS, o arbítrio e a prepotência marcaram a actuação ministerial. Seja pela sua incapacidade em resolver problemas, seja pela imposição de medidas concretas que ainda os agravam mais — mas sempre sem ter em conta as necessidades dos estudantes e do País.

Ação social

O caso da Acção Social Escolar é exemplar neste campo. O então ministro Seabra prometeu por diversas vezes que as bolsas de estudo seriam aumentadas, no entanto, fazia questão de salientar que tal medida não representaria um aumento de despesas para o Estado, uma vez que ia aumentar o preço das refeições nas cantinas dos Serviços Sociais Universitários. As bolsas não foram aumentadas. As cantinas, graças à luta dos estudantes que culminou com a greve geral que seria a mais forte já realizada depois de Abril, também não.

Se tal luta não foi continuada, tal deveu-se aos dirigentes da JS, JSD e JC que — caucionados pelo governo e seus partidos — envidaram todos os esforços possíveis para travar a luta e, assim, dar o seu aval a uma política que fere gravemente os interesses estudantis.

No entanto, outras foram as medidas com que o governo levou ainda mais longe a sua prepotência e arbitrariedade. Estão neste caso o problema das instalações e os métodos pedagógicos por ele impostos e que têm como objectivo esvaziar a Universidade da sua verdadeira missão de formar.

Métodos pedagógicos

Na Universidade portuguesa, os catedráticos impõem aos seus as-

istentes uma meta de chumbos anual. Com isto, pretendem fazer crer que a qualidade do ensino que se ministra é superior.

No entanto, dizem os estudantes, o que acontece é que o bom ou mau trabalho dos assistentes é calculado em função do número de

A elitização

Todas as medidas impostas pelo governo têm como objectivo não escondido a elitização do ensi-

no, têm como objectivo a formação de quadros que dêem continuidade a uma política que em nada serve os interesses do País.

Para os outros, todos os estudantes que não provêm da grande burguesia, as dificuldades vão crescendo à medida que os anos vão passando. Têm de lutar contra métodos pedagógicos caducos, têm de lutar contra a crescente onda antidemocrática que se vive nas universidades e têm de opor as suas capacidades a este autêntico funil em que se tornou o ensino em Portugal.

O futuro...

Também neste ramo a entrada de Portugal na CEE tem consequências desastrosas. O ensino, nos países que a integram caracteriza-se, em termos globais, por um decréscimo de alunos, pelo aumento do número de trabalhadores estudantes, pelo desequilíbrio entre a Universidade e o mercado de trabalho e por uma dicotomia entre áreas leccionadas mais ou menos prestigiadas.

A situação, nestes países, não difere muito da portuguesa, por isso, não são de esperar grandes melhorias no ensino superior em Portugal. Bem pelo contrário.

Com a entrada de Portugal na CEE, os estudantes portugueses vão passar as estopinhas do Algarve. Já hoje o governo começa a reestruturar o ensino, não tendo em conta os interesses de Portugal, mas sim os das grandes multinacionais. Casos flagrantes são os do Instituto Superior de Economia e do Instituto Superior de Educação Física. Tanto numa escola como noutra, o Governo pôs mãos à tarefa de reestruturar os planos curriculares. Se no caso do ISE não o conseguiu graças à oposição de professores e alunos, no ISEF conseguiu levar a sua avante, o que implica que agora, um aluno deste instituto tem à partida de escolher uma especialização. Sabendo nós que a maior parte dos jovens que aí se forma têm como saída profissional o ensino, esta especialização *a priori* acarreta consequências desastrosas.

A fuga de cérebros para o estrangeiro é outra das consequências da integração que hoje preocupa os estudantes portugueses, uma vez que pessoas que seriam extremamente úteis para o desenvolvimento do nosso país, serão assim aproveitadas pelas multinacionais. Além do mais, com a vinda de técnicos estrangeiros, os técnicos formados nas universidades portuguesas passarão a ser considerados como sendo de segunda, com tudo o que isso implica em termos de saídas profissionais e de subaproveitamento das suas capacidades.

Esta é, pois, uma questão que deve ser analisada profundamente pelo movimento associativo e juvenil, uma vez que, também para os jovens, a entrada de Portugal na Comunidade implica um crescendo dos seus problemas e da sua já hoje difícil situação ■



■ Henrique Custódio

A propósito de uma Câmara incompetente

O par de botas que Santarém enfiou

Quando na noite de 15 de Março de 1147, Afonso Henriques tomava Sant'Arein ao Garbe de Al-Andaluz, numa expedição militar cuja audácia e ferocidade dariam origem a lendas extraordinárias, já sabia estar a apossar-se de uma praça fundamental no contexto peninsular. Na verdade este velho ninho de águias sobranceiro ao Tejo ocupou sempre um lugar cimeiro na vida urbana do Ocidente Peninsular, estando a sua história intimamente ligada a todos os povos que percorreram o espaço ibérico. Com vestígios humanos desde os fins do Neolítico, esta velha cidade dos Túrdulos (povo da antiga Bética — hoje Espanha Meridional) seria tomada pelos romanos e deles receberia o seu primeiro e importante nome — Scallabis — que conservaria até ao raia da conquista muçulmana. O topónimo romano cairia em desuso durante o período muçulmano, impondo-se, em sua substituição, o de Sant'Arein, ao que parece ligado ao culto de Santa Iria. E assim a deixou a conquista cristã até hoje.

Ora esta cidade carregada de História anda agora à volta com outras histórias... Já não de espadeirada e sangue a jorrar na Alcáçova, que são outros os tempos, mas de golpes baixos feitos à sorrelha, sem glória nem pundonor e apenas ao serviço dos interesses duns quantos senhores que medraram à sombra dos que, entretanto, fizeram crescer a urbe. Se Afonso Henriques pudesse voltar à sua cidade — e dado o feito assomado que a lenda lhe atribui — não se ficaria, decerto, pela sindicância à Câmara PS de Santarém (que, de qualquer modo, não anda nem desanda)...

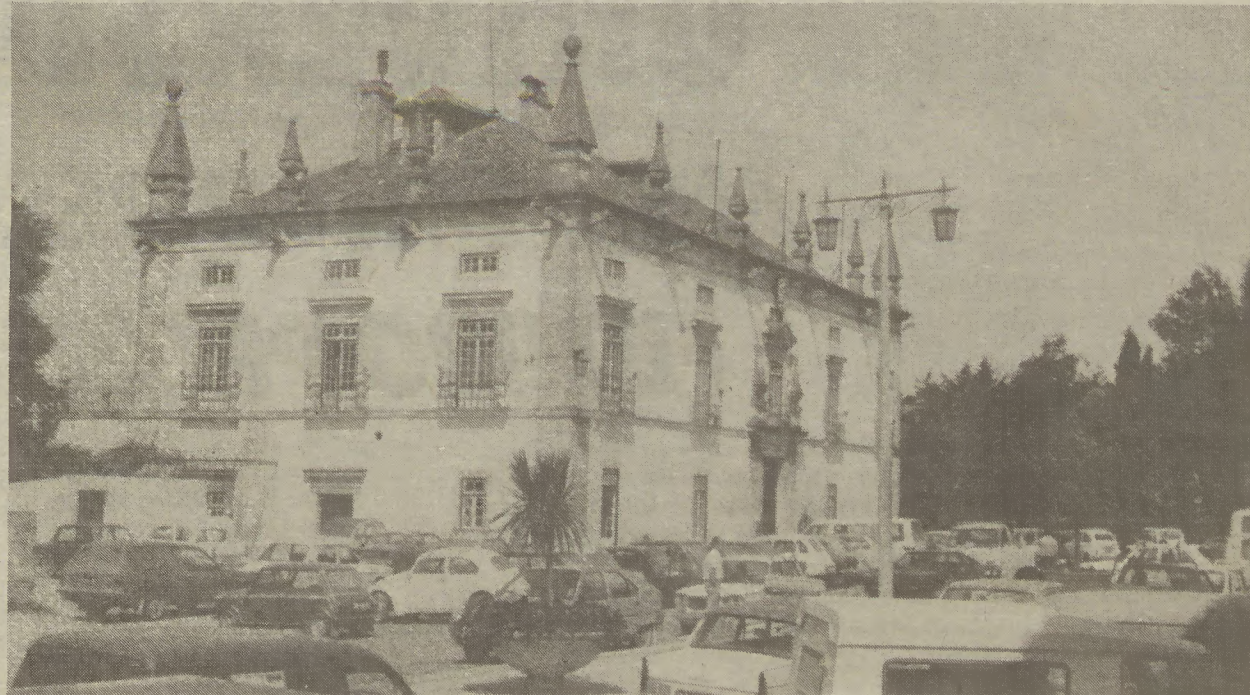
Beneficiando dos sentimentos democráticos das gentes escalabitanas que, nas eleições autárquicas de 1982, concentraram no Partido Socialista o seu voto útil para impedir a AD de conquistar o município, o PS veria, nesse ano, a sua maioria relativa na Câmara transformada em absoluta, ficando o executivo composto por cinco elementos deste partido, três da AD e um da APU.

Só que mais uma vez — e à semelhança do praticado pela sua direcção central — o PS ludibriaria as expectativas dos que nele votaram. A gestão presidencialista que caracterizara os mandatos anteriores acentuou-se ao longo deste, com consequências visíveis em questões tão importantes como a Feira Nacional de Agricultura ou a cobertura e intervenção em empreendimentos urbanísticos tão duvidosos como os da Quinta do Gualdim e da Quinta da Cegonha. Entretanto os grandes problemas do Concelho continuaram no mesmo

saco de promessas eleitorais a que, de novo, o PS se apresta para desatar a boca: esgotos, abastecimento de água, habitação, assistência social e respectivos equipamentos, desporto, cultura...

É no mínimo estranho que um Concelho pródigo em água tenha vastas carências do seu abastecimento, ou que a esmagadora maioria das Freguesias de um município com o nível de desenvolvimento de Santarém não possua rede de esgotos. A situação torna-se mais chocante quando confrontada com municípios do próprio distrito — mas de maioria APU — onde tais problemas estão há muito totalmente resolvidos, pese a sua debilidade financeira quando comparados com Santarém, ou as suas características ainda mais marcadamente rurais, com o que isso significa de dispersão dos aglomerados populacionais.

Não se trata de blá-blá. Basta ir aos sítios, falar com as pessoas, ver o



Câmara Municipal de Santarém: um belo edifício com uma péssima gestão lá dentro

que se passa. Como nós vimos, na companhia do camarada Manuel Sabino Tanora Gonçalves, professor e membro do Conselho Directivo da Escola Preparatória de Santarém e vereador pela APU na Câmara Municipal de Santarém.

Há «clientes» a atender

Quando íamos a caminho do pomposamente chamado «Empreendimento Turístico e Urbanístico da Quinta do Gualdim» (uma coisa de arrepiar um peixe, como veremos), o camarada Manuel Tanora resumiu em breves palavras o tipo de actuação autárquica da maioria absoluta PS na Câmara Municipal de Santarém:

Se quisermos dizer tudo em poucas palavras, podemos utilizar a expressão «demagogia». É uma

gestão de obras de fachada, que actua sem perspectivar os grandes problemas do Concelho. O problema das redes de esgotos ou do abastecimento de água são significativos: passados estes anos todos ainda continuam a ser grandes problemas.

E os serviços técnicos da Câmara e o recurso à administração directa? Foi apetrechando-se e metendo directamente mãos à obra que os municípios APU do distrito resolveram esses (e outros) problemas...

A Câmara de Santarém apetrechou-se com algum equipamento, embora manifestamente insuficiente para as necessidades. Deste modo a maior parte das obras são entregues a empreiteiros que as abandonam a meio, tendo a Câmara de pegar nelas ou entregá-las a outros.

Portanto, administração directa, nicles. Quem está assim tão interessado em esbanjar dinheiro com empreiteiros, que ainda por cima não cumprem os compromissos assumidos?

Há uma numerosa «clientela» a atender...

Claro. Entretanto os que deviam ser principais «clientes» — os municípios — continuam à espera que lhes arranjem os caminhos, lhes forneçam a água, lhes construam as creches e os centros de dia, lhes abram os esgotos, lhes arranjam parques infantis... Mas estávamos a chegar à Quinta do Gualdim — expressão acabada das perspectivas que o executivo do senhor Ladislau Botas, presidente da edilidade PS, tem do exercício do poder autárquico.

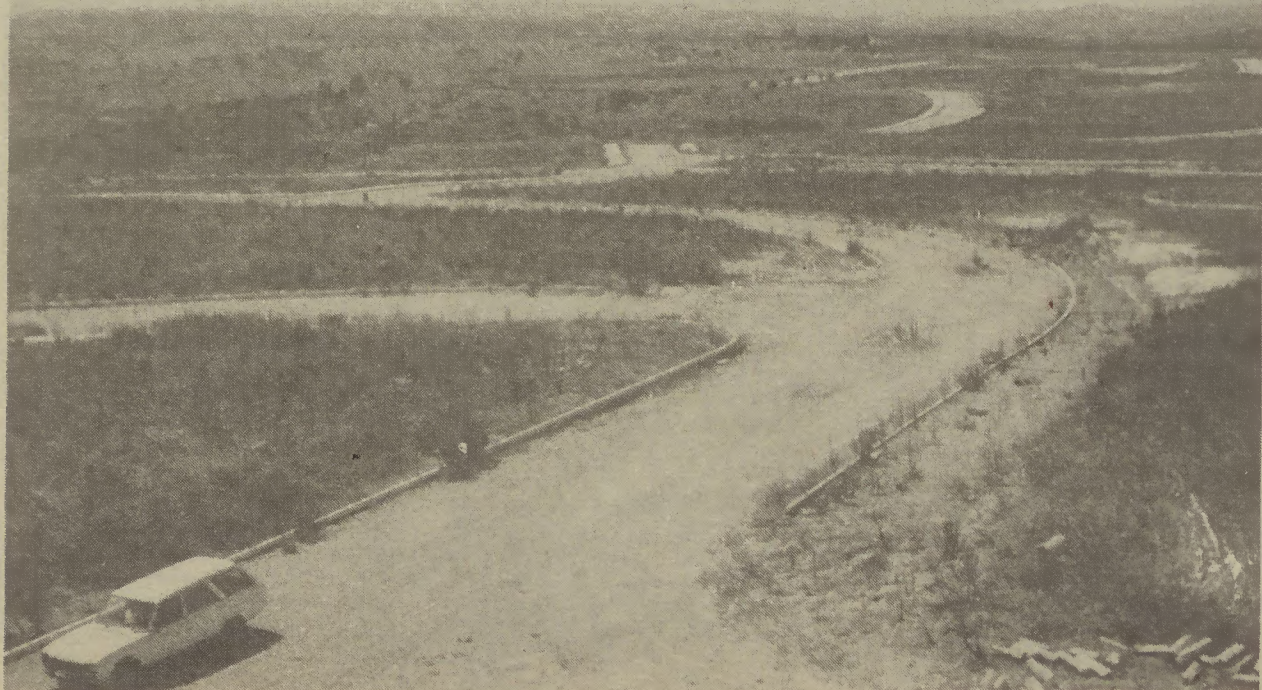
Abecasis no Ribatejo

A Quinta do Gualdim «era» um terreno agrícola de boas capacidades, situado a 8 km de Santarém. Quando a ele chegámos, não vimos uma única oliveira do vasto olival que outrora a cobria; a terra ondulava em direcção ao horizonte, nua de vegetação, revolvida por todo o lado e sulcada por cu-

riosos arruamentos. Procurámos um ponto alto e pudemos então fruir o espectáculo: hectares e hectares de antigos terrenos de sementeira completamente escavados e «quadriculados» pelos tais estranhos arruamentos, cujos possuíam passeios de luxo e delimitavam... terra batida. Manuel Tanora voltaria a resumir-nos o caso:

Estes terrenos, cadastrados como de aptidão agrícola, estavam naturalmente vedados à urbanização. O dono então avançou aqui com a infra-estruturação de um projecto megalómano sem autorização da Câmara nem apresentação de projecto, fazendo-o apenas quando o terreno já havia sido todo revolvido e tornado inútil para a agricultura. Foi com as obras já avançadas que o executivo do PS, sempre bem acolitado pela AD, deu a sua aprovação, expondo inclusive nos Paços do Concelho uma maquete de arregalar o olho. Posto isto o empreiteiro abandonou a obra deixando os trabalhadores com salários em atraso, o projecto foi à viola e... largas dezenas de milhares de contos de pedidos de empréstimo à banca nacionalizada por lá ficaram, não se sabe muito bem onde. Para já sabe-se que o dono do terreno, num ofício à Câmara em Fevereiro de 1983 pedindo umas prorrogações, afirmava já «ter gasto» 100 000 contos...

E já agora aqui vai, «de carreirinha», o que esta gente que propôs e aprovou o «projecto Gualdim», dizia querer meter em plena zona rural, no meio de um descampado, a 8 km de Santarém: duas zonas habitacionais com mais de uma centena de moradias e duas centenas de apartamentos distribuídos por quatro torres, um hotel de cinco estrelas, um hotel de três estrelas, dois grupos de hotéis, restaurantes típicos e outros, caves para conservação e armazenamento de vinhos da região, um parque de campismo, um centro gimnodesportivo com piscina olímpica exterior, piscina coberta e pavilhão polivalente, um campo de golfe com respectivo clube, piscinas públicas, *courtes* de ténis



Eis a Quinta do Gualdim: hectares e hectares de terras agrícolas tornadas inúteis por um projecto megalómano e mais que estranho. A gestão PS apadrinhou tudo, bem acolitada pela ex-AD



O Tejo visto das «Portas do Sol». Santarém é isso. luz e cor a rodos

com respectivo clube, um centro hípico, um clube e campo de tiro, um recinto independente para cinema e/ou exposições culturais, um canódromo (!), uma estação de serviço de abastecimento-auto, um lago artificial, uma pista para helicópteros, parques de estacionamento, zonas verdes e ainda um autódromo para corridas de Fórmula 1! Abecasis não imaginaria melhor!

Isto não é de doidos. É de quem julga os outros parvos. Entretanto um proprietário de um terreno agrícola não apenas o destruiu como o «transfigurou» através de uma monumental especulação imobiliária, valorizando em flecha terrenos que passaram de agrícolas a urbanos... sem urbanização nenhuma.

E a Câmara a expor esta palhaçada no seu próprio edifício.

Cavalgadas e retratos

Mas a própria Câmara também tem a sua «Quinta». Chama-se «da Cegonha» e foi adquirida pelo executivo do sr. Ladislau Botas com o pretenso objectivo de para lá transferir a Feira Nacional de Agricultura. Só que tal transferência implica custos na ordem dos milhões de contos, pelo que a Câmara PS se vai entretendo a gastar lá «apenas» uns milhares de contos em corridas de cavalos a que a Televisão dá cobertura, numa opera-

ção de propaganda que pretende apresentar, do sr. Botas e seus edis, uma imagem bestialmente dinâmica, enquanto o Concelho continua a debater-se com as suas graves carências.

E por falar em Feira Nacional de Agricultura, convém rememorar o comportamento do executivo PS (e em particular do seu presidente) nos acontecimentos que envolveram este certame.

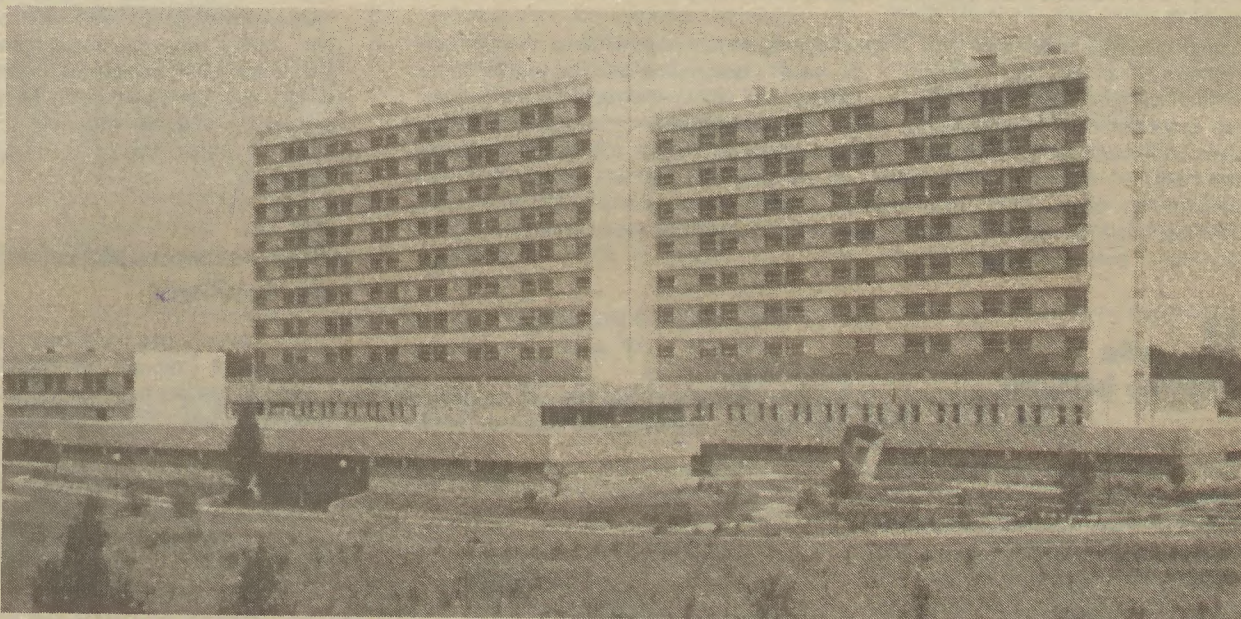
Em 1983 a CAP — organização dos grandes agrários absentistas, sustentáculos do fascismo derrubado pela Revolução de Abril e responsáveis pelo atraso secular da nossa agricultura — boicotaram a Feira Nacional de Agricultura de Santarém, o maior certame do género no nosso País, não conseguindo, com isso, comprometer minimamente a sua realização, no que constituiu prova acabada da representatividade e influência que esta organização de «agricultores» tem, de facto, no nosso País. A linha de ataque da CAP escolheu, na altura, o presidente da FNA e vereador do PS, senhor Sacramento Marques, acusando-o, (calcule-se!) de simpatizante da Reforma Agrária e exigindo o seu afastamento... Tal afastamento não se concretizou de imediato, tendo-se esboçado um movimento de solidariedade do executivo PS para es-

calabitaro ver. Só que passados meses o senhor Ladislau Botas, presidente de uma Câmara de maioria absoluta PS, acabaria mesmo por afastar o vereador do seu partido da direcção da Feira, assumindo-a ele próprio juntamente com... a CAP, que assim se viu a presidir o maior certame da agricultura portuguesa, apesar de sua representatividade quase nula e em detrimento das organizações verdadeiramente representativas dos agricultores e da Reforma Agrária.

O escândalo foi tal que até desagradou a alguns elementos do PSD, nomeadamente ao antigo governador Civil, dr. Pena Monteiro, que achou,

tão inoperante e incompetente, os eleitos da APU têm apresentado propostas muito concretas de resolução dos problemas mais graves do Concelho, nomeadamente no que concerne a saneamento básico, água, luz, urbanização, defesa do meio ambiente, transportes e rede viária, saúde e segurança social, etc..».

Ao longo de dois anos foram apresentadas dezenas de intervenções e propostas sobre questões muito concretas pelo vereador da APU, na Câmara Municipal, sendo diversos os requerimentos, propostas e intervenções sobre os problemas locais e nacionais



O Hospital Distrital de Santarém está como se vê: pronto, apetrechado, disponível... e à espera que o Governo o ponha a funcionar. Entretanto os doentes que esperem também — de qualquer modo já estão «treinados» pela Câmara, que é mestra em fazer esperar os munícipes

na altura, que **«a CAP ficou a dominar excessivamente a Feira»...**

Quanto ao afastado vereador do PS, Sacramento Marques, diria, em plena sessão da Câmara, acerca do já célebre Botas: **«O sr. presidente da Câmara, cidadão que se assevera de Abril e democrata, allou-se com as forças divorciadas do 25 de Abril, fechou os olhos aos princípios, esqueceu o camarada que alliciara e que pensara utilizar como moeda de troca».**

Como retrato não está mal.

Uma sindicância vinda «de dentro»

E a APU?

A Aliança Povo Unido tem um vereador na Câmara Municipal de Santarém e a maioria absoluta em duas das suas 27 Freguesias — Póvoa da Isenta e S. Vicente do Paúl (que abordamos ao lado, nesta reportagem), para além de representantes nos restantes órgãos autárquicos no Concelho. Como nos sublinhou o camarada Manuel Tanora, **«perante uma ges-**

avancados pelos representantes da Aliança Povo Unido na Assembleia Municipal.

Merece realce a proposta de instauração de uma sindicância aos Serviços Técnicos de Obras da Câmara, apresentada pela APU em 22 de Outubro de 1984.

Essa proposta surgiu na base de afirmações proferidas publicamente e por diversas vezes pelo presidente PS da Junta de Freguesia de Marvila (urbana), sr. Zeferino A. Silva, que chegou a escrever: **«No concelho de Santarém ouve-se com frequência dizer que qualquer assunto relacionado com obras particulares, projectos, letreiros, loteamentos e projectos provenientes de autuação, e até mesmo seguros de pessoal de obras, poderão ser tratados por alguns funcionários dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal ou a eles ligados. A confirmar-se esta acusação, trata-se de alta corrupção, que afecta grandemente o ramo de actividade que desenvolvo e a que urge pôr cobro».** Tais acusações eram acompanhadas, em 4 de Novembro de 1983, pela apresentação feita pelo referido autarca do PS de uma proposta de abertura de sindicância aos Serviços Técnicos da Câmara.

frutiferamente) que fosse o vereador da APU a fazer a sindicância (26 de Novembro/84), até que o assunto foi morrendo, acabando por não ser aceite por alegada «falta de elementos».

É caso para perguntar que diabo de elementos são necessários para mover um inquérito...

Outro dado — por acaso obtido já no final da nossa visita a Santarém através de uma pergunta fortuita ao vereador da APU — completaria o quadro da gestão PS no município da capital ribatejana. Quisemos saber qual era a situação financeira da Câmara e obtivemos a seguinte resposta:

É má, embora se tenha reequilibrado um pouco o ano passado. Só que esse reequilíbrio parcial se fez à custa do corte total dos investimentos no município.

Dá para entender. Enquanto se compram quintas para corridas de cavalos e se esbanjam dinheiros num faz-que-mexe que deixa as obras a meio e certamente os empreiteiros de papo cheio, as verbas voam e há que apertar o cinto... nas necessidades do município. Mas não faz mal: a Televisão há-de mostrar, a seu tempo, como galopa bem o par de botas que enfiaram na gestão da Câmara Municipal de Santarém ■



Sendo uma cidade rica de História, Santarém anda hoje às voltas com outras histórias (na foto igreja gótica onde se encontra sepultado Pedro Álvares Cabral, em campa rasa

■ José Paulo Oliveira

BULGÁRIA

O passado não morre!

Na Bulgária a força cultural do passado está viva.

Viva, actante e de boa saúde. Qualquer itinerário em Sófia, a capital, ou ao longo do país, evidencia, mesmo ao visitante mais insensível a essas «coisas» dos monumentos, um conjunto impressionante de valores históricos, dos mais variados estilos e épocas.

Que a Bulgária seja rica em vestígios históricos, enfim, nada a comentar... Foi o destino, como dirão alguns. Mas o que interessa salientar desde já é o empenhamento com que toda a pátria búlgara encara e defende esse património valioso. Empenhamento reconhecido e frequentemente salientado pela própria UNESCO.

Uma longa série de visitas e contactos deram ao jornalista uma visão rigorosa do trabalho que se desenvolve na Bulgária no capítulo do património cultural. Trabalha-se com qualidade e com vontade. Alia-se o conhecimento científico às realidades locais e nacionais. Apostam-se no entusiasmo da juventude e na capacidade dos quadros superiores que vão terminando os seus cursos de especialização. Existe uma organização, baseada no trabalho colectivo, na planificação e conhecimento directo das matérias.

Ícones, mesquitas, sinagogas, igrejas, mosteiros, campos arqueológicos, museus, arquitectura, arte... A defesa, a preservação, o restauro, a divulgação não deixam nada de fora: Uma obra de construção civil é interrompida (e até anulada se for caso disso) se aparecerem quaisquer vestígios históricos. A arquitectura popular é defendida ao ponto de se transferirem moradores até à reconstrução plena das velhas casas. Avança-se em Sófia para a construção do metropolitano e eis os planos e os estudos com vista aos aspectos arqueológicos que se atravessam no caminho.

Como funciona tudo isto? Ora, o apontamento destas páginas tenta esboçar uma resposta resumida. Mas o assunto é tão valioso que, numa próxima oportunidade, voltaremos com mais algumas ideias. Obtidas nas visitas realizadas. E nos contactos estabelecidos, salientando-se neste caso um encontro extraordinário com o director do Instituto Nacional para os Monumentos da Cultura, o engenheiro Alexandre Palitchev, que nos recebeu, como se fôssemos amigos de longa data, no seu gabinete em Sófia. Onde, diga-se de passagem, só costuma permanecer 40 dos 220 dias úteis de trabalho por ano, pois a sua actividade desenvolve-se um pouco por todo o país. Foi sortel

Um certo «espírito búlgaro»

São cerca de 2 mil as pessoas que trabalham, com as mais variadas profissões, no Instituto dos Monumentos da Cultura, incluindo, naturalmente, técnicos de diferentes áreas: licenciados em História e Belas-Artes, arqueólogos, engenheiros, arquitectos, biólogos, etc.

Dos 150 jovens empenhados no «trabalho de campo» 60 possuem o curso superior vocacionado para a preservação do património cultural.

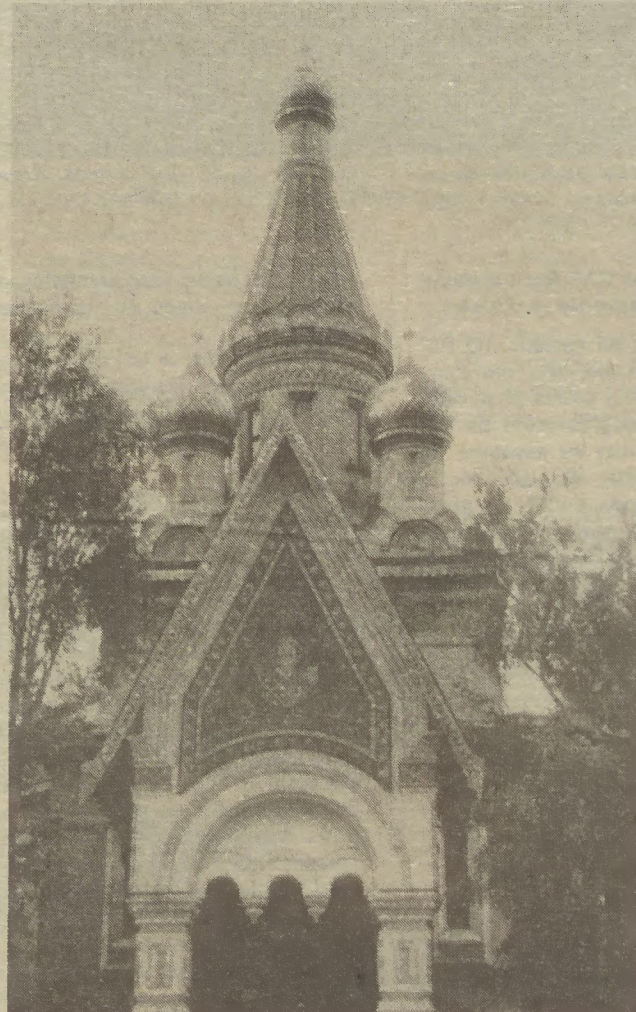
Como nos sublinhou Alexandre Palitchev, o trabalho que é desenvolvido pelos membros do Instituto alia a um elevado grau de responsabilização profissional, o empenhamento, o entusiasmo e até o espírito de sacrifício.

Os especialistas na defesa e recuperação dos valores históricos enfrentam muitas vezes problemas como isolamento, as sucessivas deslocamentos, as mudanças bruscas de temperatura, etc. Dificuldades que se atravessam no caminho de quem, por exemplo, se desloca para as ermidas, igrejas ou mosteiros das montanhas (em altitudes frequentemente superiores aos 1500 metros acima do nível do mar). Cinco séculos de dominação otomana fizeram com que a conservação da identidade cultural búlgara tivesse a sua expressão mais vinculada nos lugares com maior dificuldade de acesso. Lá nas montanhas, quase camuflados.

«Uma das nossas colegas», contam-nos Palitchev, «acabou por levar o seu filho num dos destacamentos para o mosteiro de Rojen, na fronteira meridional. Aí se manteve em trabalho durante dois anos, tendo matriculado o seu filho numa escola da região. Apenas um monge vive nesse mosteiro e num raio de 4 quilómetros só

existe solidão e paisagem. A água potável está a um quilómetro do mosteiro...»

O trabalho de restauro desenvolvido em Rojen acabou em 1982 e du-



É assim em toda a Bulgária: monumentos defendidos, restaurados, preservados. Sejam igrejas (cujo número aumentou depois da Revolução), sejam mosteiros, ermidas, sinagogas, tudo o que se assuma como valor do património histórico-cultural. Na imagem: um dos muitos locais de culto em Sófia

rou 10 anos, aproveitando-se os períodos menos rigorosos do ano (4 a 6 meses seguidos).

Das conversas mantidas, das visitas realizadas, do muito que foi dado a ver ao jornalista, há um «fenómeno» que sobressai: o entusiasmo que o pessoal do Instituto aplica no exercício das suas responsabilidades profissionais. É um entusiasmo que está ligado, podemos dizer sem receio de exageros, a um certo «espírito búlgaro» — o respeito e a admiração pela herança cultural do passado, o «privilegio» de trabalhar directamente com os vestígios de um riquíssimo passado histórico, que inclui os mais de 1300 anos de identidade cultural búlgara.

Como nos observava o engenheiro Palitchev no seu gabinete em Sófia isto de trabalhar na recuperação do património tem muito que se lhe diga. É muitas vezes uma acção de mérito, que exige grandes especialização, muitas horas de empenhamento total, mas que é... anónima. Ficam os nomes dos mestres que no passado ergueram as obras. Mas não fica o nome de quem preservou, de quem recuperou...

As responsabilidades do Instituto

O Instituto dos Monumentos da Cultura está integrado no Comité da Cultura, órgão equivalente a Ministério que coordena e dirige a acção cultural



Mosteiro de Rilla, exemplar medieval restaurado, onde vivem monges e onde é quotidiano o movimento de forasteiros nacionais e estrangeiros. Uns para visitar o conjunto do mosteiro, outros para orar. Deste valor destacado da história e da cultura búlgara vos falaremos numa próxima oportunidade com algum pormenor

no País, apoiando o trabalho criativo em todas as suas expressões, no plano nacional.

O Instituto tem as suas funções dirigidas exclusivamente para a preser-

vação do património nacional no campo da arte e da arqueologia, abarcando os mais diversificados períodos civilizacionais: do Neolítico às primeiras décadas do séc. XX, passando pela época trácica e grega, pela fundação do Estado búlgaro (681), o domínio bizantino, que durou 170 anos, ou ainda os cinco séculos de domínio turco.

Cabe ao Instituto um largo conjunto de responsabilidades quanto a investigação, registo e trabalho de levantamento, preservação e restauro, além de uma acção de fiscalização em defesa do património. Em qualquer obra de construção civil, por exemplo, logo que surge qualquer vestígio histórico, os trabalhos são de imediato interrompidos pelos serviços do Instituto, para a investigação e defesa do espólio encontrado.

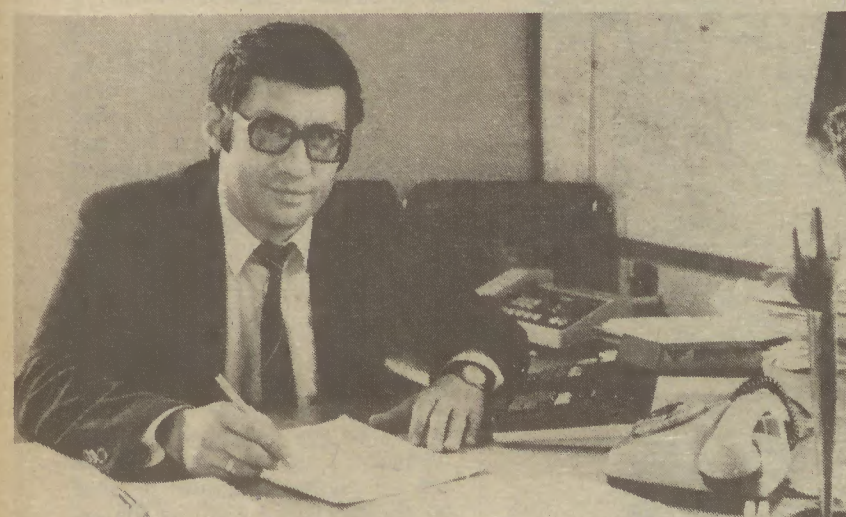
Por outro lado, e esta é uma outra face importante da sua actividade, o

Na lista da UNESCO — a chamada «herança mundial» do património — estão contemplados seis monumentos búlgaros. A própria cidade de Nessebar, no Sudeste do país, é toda ela, de uma ponta a outra, uma das riquezas do património mundial consagrado pela UNESCO

Instituto tem as suas relações internacionais, registando-se uma ligação positiva a organizações congêneres de praticamente todos os pontos do Mundo, incluindo o Japão, os EUA, a URSS e a Europa.

Existe ainda um grupo de trabalho, presidido por Alexandre Palitchev, que age entre os países socialistas: numa organização que reúne, a RDA, Hungria, Checoslováquia, Bulgária, Polónia, URSS, Mongólia, Vietnam, Cuba e Kampuchea.

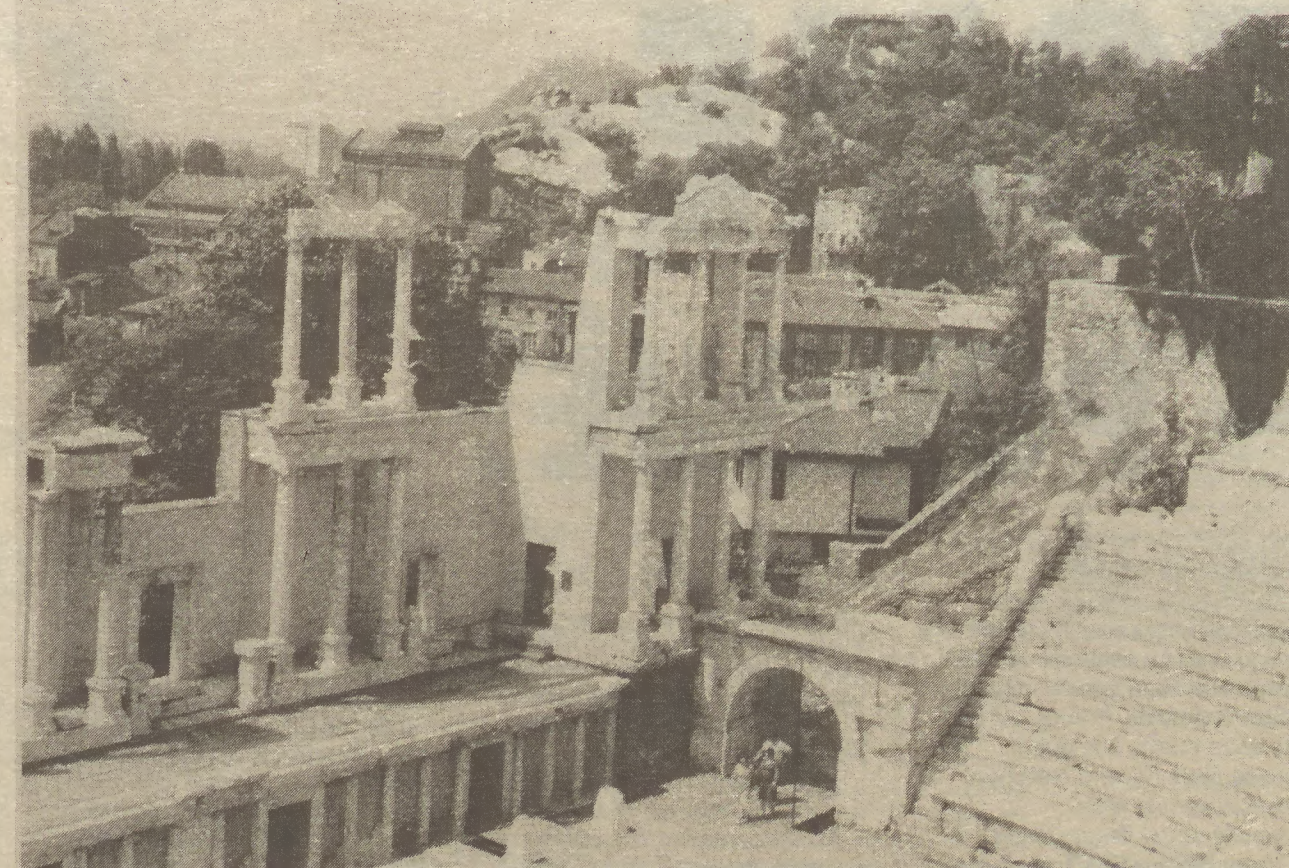
O trabalho desenvolvido pelo Instituto decorre em estreita ligação com todos os órgãos do Poder, salientan-



Alexandre Palitchev, 37 anos, engenheiro, director do Instituto Nacional para os Monumentos da Cultura. O Avante! conseguiu «apanhá-lo» no seu gabinete em Sófia

do-se a cooperação existente com os Conselhos Populares e Distritais, os quais possuem os seus departamentos para as questões do património.

A realização da actividade do Instituto está enquadrada nos planos previamente definidos para um ano, cinco ou mesmo dez anos. Estes planos passam pelo Comité da Cultura, cabendo ao Estado assegurar os meios financeiros necessários para a sua concretização. Como nos foi explicado (e «comprovado» nas diversas obras e monumentos que visitámos) os orçamentos para o trabalho de restauro tanto são aplicados em edifícios parti-



culares como estatais, da Igreja ou de diferentes organizações sociais, culturais, etc.

Alguns exemplos. Numa mesquita em Sófia, que, em tempos remotos, chegou a funcionar como prisão, terminou recentemente um vasto trabalho de restauro; o mesmo se passa com algumas sinagogas tanto na capital como na cidade de Vidin; no total, as obras de restauro no Mosteiro de Rojen rondaram os 4 milhões de «levas»; a restauração do Teatro Nacional em Sófia atinge qualquer coisa como os 13 milhões de «levas»; no túmulo de Suestaro, perto da cidade Hisperich, que remonta ao séc. IV a.C., o Instituto avançou um plano de defesa e recuperação desse importan-

tes serviços camarários. Em «contrapartida» devem assegurar e zelar pela manutenção e pelo aspecto original da sua habitação, peça de um autêntico museu vivo na bela cidade.

Cooperação com o sector turístico

Defesa do património e turismo podem «sentar-se à mesa» e chegar a acordos positivos para ambas as partes. É o que se passa na Bulgária.

Os responsáveis das áreas do património e do turismo estão satisfeitos com os resultados dessa colaboração e, em síntese, podemos dizer que, as-

sim, ganha a cultura, ganham os monumentos e todo o conjunto do património histórico-cultural, ganha o turismo e a sua qualidade.

Ao mesmo tempo que o material informativo para o sector turístico (itinerários, guias, folhetos, informações diversas, etc.) demonstra rigor e interesse formativo, o turismo pode contribuir para a divulgação dinâmica dos valores histórico-culturais na nação búlgara.

Quanto a projectos de envergadura, é de salientar, por exemplo, que o turismo está disposto a contribuir com uma verba adicional de 5 a 6 milhões de «levas» num período de 10 anos para a actividade prevista na recuperação, estudo e restauro das igrejas rochosas da aldeia de Ivanovo.

Bom trabalho, Sónia Todorova!

Chama-se Sónia Todorova e nasceu há 24 anos na zona de Sófia.

Totalmente concentrada no seu trabalho, fomos encontrá-la (e interrompê-la) no caminho verdejante que liga Sófia ao Mosteiro de Rilla (obra espantosa a que nos referiremos posteriormente), numa pequena ermida medieval construída no século XI e onde se tem aplicado, com o apoio do Instituto Nacional dos Monumentos da Cultura, um esforço de recuperação, estudo e restauro de frescos originais, executados em duas épocas distintas. A primeira camada de pinturas terá ocorrido durante a construção do edifício e a segunda já no século XIV, período em que uma família nobre terá pago a reconstrução da pequena igreja, cujos frescos estiveram durante muito tempo cobertos por ícones do início do século XIX, que revestiam as paredes.

Em posição nada confortável, meia empoleirada num andaime improvisado, «protegida» apenas por uma bata branca, Sónia estava naquela manhã sozinha a trabalhar numa cópia dum dos frescos da ermida, para posterior apresentação num certame cultural.

De sorriso e beleza fora do comum, vai respondendo sem hesitar à nossa inevitável curiosidade, também partilhada por Jacky Benadov, jornalista do «Rabotnichesko delo», nosso companheiro de viagem naquele dia.

E não seriam necessárias muitas palavras para que nos apercebéssemos do exemplo também ele belo de entusiasmo e de empenhamento cultural e profissional desta jovem que, sob o nome de «portas e travessas», era sempre a última a sair da ermida, continuando mesmo de noite o seu valioso trabalho como agente activo na ma-

nutenção e valorização do património histórico.

Medo da noite?

«Não tens medo da noite aqui no meio destas serranias?» A pergunta era inevitável. Mais um sorriso e a resposta:

«Bem... medo, medo talvez não tenha. As vezes, até me esqueço das horas!».

Sónia terminou no passado ano lectivo o seu curso superior de Belas-Artes na especialidade vocacionada para o restauro e recuperação do património histórico-cultural. Este curso de especialização — aberto há 10 anos e muito difícil ao longo dos seus 5 anos obrigatórios — mobilizou as energias, a capacidade e o talento desta jovem, que nos fala do seu interesse pela História de Arte e pela Iconografia, áreas que têm imensa «matéria-prima» e cada vez mais especialistas com alta formação científica na Bulgária contemporânea.

O interesse por aqueles temas e pela actividade que hoje desenvolve não é recente na vida da jovem Sónia. Já nos bancos da escola primária rabisava uns desenhos de monumentos e figuras históricas.

O seu primeiro trabalho — «oficialmente» falando — desenrolou-se no Mosteiro de Rilla, na restauração de ícones. Na pequena ermida em que a encontramos, Sónia avançou com um plano de actividades de um mês. No seu percurso vai encontrar outras tarefas e outras experiências; vai actuar noutros testemunhos da história e da cultura do povo búlgaro. Sempre com entusiasmo redobrado.

Estamos com a Sónia. Bom trabalho!

Um teatro de origem grega reconstituído em Plovdiv, cidade búlgara conhecida não só pela sua intensa actividade industrial (acalhe frequentemente feiras internacionais de grande prestígio no estrangeiro), como pelo património cultural bem patente no chamado «velho Plovdiv».

Planos para o futuro

Alexandre Palitchev tem uma mão cheia de informações sobre o futuro e as perspectivas de acção do Instituto. Há, à partida, uma aposta vigorosa no reforço e na qualidade do trabalho, na formação dos jovens para esta área científica e em todos os aspectos que proporcionem a plena concretização dos planos já estabelecidos em cada um dos núcleos regionais: Sófia, Plovdiv, Burgass, Varna e Tarnovo.

No concreto e seleccionando apenas um exemplo, é de referir que está prevista a construção de um novo edifício para o trabalho a desenvolver pelo Instituto dos Monumentos da Cultura. Aí funcionará um laboratório central com os equipamentos mais modernos no campo da manutenção e recuperação da arte móvel e imóvel. Entre outros «gabinetes» haverá nesse novo edifício um arquivo estrutural para dar o melhor apoio possível à investigação e ao trabalho.

Registando já alguns passos significativos, o processo de documentação utilizando o vídeo vai conhecer nos próximos anos um acentuado desenvolvimento. ■



Sónia Todorova: um exemplo!

FOME — PORQUÊ?

De fome muito se tem falado. Como quem fala de uma catástrofe natural, um terramoto a exigir assistência imediata e circunstancial. As imagens terríveis passaram no pequeno ecrã. E também palavras de calúnia misturadas habilmente com sentimentos de solidariedade real. Ao ponto de se razar o limite de transformação de uma calamidade que nada tem de natural em espectáculo utilizável com fins bem pouco solidários. Porque se a vontade de ajuda é sem dúvida verdadeira entre muitos dos que participam normalmente em actos públicos, só pode haver o mais puro cálculo e o mais completo cinismo entre os que são os reais responsáveis do flagelo da fome. Flagelo **social** e não flagelo natural. É disso que se trata. É isso que está a ser sistematicamente escamoteado. Porque não convém ir ao fundo das coisas — demasiado comprometedoras.

Na verdade a questão é: porquê? A quem cabem as responsabilidades? Como é possível na era da mais sofisticada tecnologia, quando existem todas as possibilidades técnico-científicas para corresponder às necessidades básicas de todos os seres humanos (o que é um elemento novo), exactamente agora a fome assume proporções mesmo inéditas? O que não nos pode deixar de levar ainda a uma outra questão fulcral: porquê esses recursos, essas imensas capacidades delapidadas na indústria da morte?

A quem serve, a quem dá lucro tudo isto?

Os números

Segundo dados das Nações Unidas, mais de mil milhões de pessoas, ou seja — **metade da população dos países em vias de desenvolvimento** — sofrem de fome e de deficiente consumo de alimentos. Em termos gerais, as necessidades fisiológicas em alimentos não são **nunca** satisfeitas. Nos últimos dois decénios, o défice médio de consumo por habitante, tendo em conta as normas calóricas, oscilava entre 3 e 8% no mínimo. Nos países **agrários** afro-asiáticos menos desenvolvidos as necessidades calóricas da população são satisfeitas em apenas 80%. Não é difícil compreender o que isto significa a médio e longo prazo, de geração para geração. Exactamente numa era em que por força dos actuais métodos de produção, mais se exige do próprio homem.

Um outro facto, não menos importante, é que **os números da fome tendem a agravar-se**, e aprofunda-se o abismo que separa os índices dos países desenvolvidos (não ignorando embora as grandes e crescentes diferenças sociais que se cavam, nomeadamente ao nível do consumo, nos países capitalistas industrializados) dos países em vias de desenvolvimento. Assim, os valores energético e proteico dos alimentos consumidos pelos habitantes dos países em vias de desenvolvimento são inferiores respectivamente em 1,5 e 2,2 vezes, relativamente aos dos países capitalistas industrializados. Por outro lado, e de acordo com elementos divulgados pela FAO, o número total de pessoas que sistematicamente passa fome (tendo como base o baixíssimo nível de «estado crítico»), era, no início dos anos 70, de 400 milhões de pessoas, em 1980 aproximava-se dos 500 milhões, e actualmente oscila entre os 600 e os 700 milhões.

res de banana restam-lhe 11,5%. Em contrapartida, as **taxas de lucro** das multinacionais são de cerca de 25% nas filiais implantadas nos países em vias de desenvolvimento: ou seja, **2,3 vezes superior à obtida com a exploração dos trabalhadores das empresas-sede** (nos países capitalistas desenvolvidos).

Assim, sobre a base da exploração colonial, que deformou profundamente o processo produtivo nos países hoje libertados (no plano estritamente alimentar, basta recordarmos a imposição da monocultura, de plantação de

relativamente a 1980, os preços de todos os tipos de matérias-primas baixaram 20%. Ao mesmo tempo foram reforçadas as barreiras proteccionistas nos países capitalistas, relativamente à exportação dos países em vias de desenvolvimento. Quanto aos preços no mercado mundial dos produtos industriais acabados (importados pelos jovens Estados), tiveram uma subida vertical. Em 1984, relativamente a 1975, os preços mundiais das máquinas e equipamentos aumentaram 49% (designadamente dos americanos 86%), dos equipamentos agrícola-

Duas palavras sobre a dívida

● Em 1984, a dívida geral dos países em vias de desenvolvimento abrange um terço do seu PNB e 150% do volume das suas exportações. Desde 1980, os países em vias de desenvolvimento pagam mais juros do que somas destinadas a cobrir a própria dívida — o que testemunha do elevado nível dos juros. Resumidamente: o capital explora o subdesenvolvimento de todas as formas. Utilizando os recursos dos países sub-desenvolvidos em seu proveito, que impede o desenvolvimento desses mesmos países. E depois sugando o que resta através dos juros de empréstimos formalmente destinados a permitir um desenvolvimento que assim não se realiza nunca.

A dívida atingiu tal volume que é considerada como **principal canal de exploração** dos países em vias de desenvolvimento pelo capital monopolista, pois o volume de pagamentos ultrapassa tanto as perdas originadas pela diferença de preços da exportação e importação, como a retirada pelas multinacionais dos lucros auferidos na sequência de investimentos e ainda os pagamentos correspondentes às tecnologias importadas.

● Há muito mais grandes devedores entre os países em vias de desenvolvimento exportadores de artigos acabados, que entre os próprios exportadores de matérias-primas e produtos alimentares. Para além de Singapura e Hong Kong, temos o Brasil, a Argentina, a Coreia do Sul (apresentada como exemplo pelos defensores do estilo económico reaganiano!), e ainda o México, a Venezuela, as Filipinas, a Indonésia. Em todos eles se manifestam as características da crise da dívida. Os seus pagamentos foram, em 1983, 21 milhões de dólares superiores aos novos empréstimos contraídos, a sua dívida geral alcança 385 mil milhões de dólares ou 36% do seu PNB total e 222% da sua exportação anual.

Assim fica claro o **preço que os países em vias de desenvolvimento são obrigados a pagar por uma industrialização no quadro económico do capitalismo**. E ainda — o que não é menos importante — que o sub-desenvolvimento, as imensas dificuldades económicas, a miséria generalizada, a fome, não são problemas técnicos, nem solúveis com medidas meramente técnicas. Não se trata apenas de mais máquinas, mais sementes, mais canais de irrigação. E muito menos de mais um punhado de dólares e algumas toneladas de cereais (ainda que em certos momentos este tipo de ajuda se possa revelar esporadicamente vital). É **uma questão socio-política** que está em causa. O capitalismo não tem nada a oferecer aos povos da sua periferia. A não ser a fome, a exploração e a morte.

Apenas mais um dado, para terminar: calcula-se que **para atingir a auto-suficiência alimentar dos países em vias de desenvolvimento, bastaria 0,5% das actuais despesas com armamento**. ■



Desta fome crónica, que **não se vê**, que tão pouco vem para os ecrãs da televisão, resultam entretanto consequências tão dramáticas como **uma taxa de mortalidade de recém-nascidos 6 a 10 vezes superior à dos países industrializados**.

As causas

É sabido que a fome e a subalimentação são uma das graves consequências históricas do colonialismo. Essa a base. Mas sobre ela se ergue um edifício de exploração ainda mais eficaz.

Alguns factos que falam por si: os produtores de cacau do Ghana ficam apenas com 16% do preço de mercado deste produto; aos países produ-

tos destinados a corresponder às necessidades, nomeadamente industriais, das potências coloniais, menosprezando por completo as necessidades vitais das populações), temos a **exploração neocolonial**, de que o instrumento mais importante são as multinacionais. Se os produtores de cacau, ou de banana, ficam com uma ínfima percentagem do produto da venda daquilo que é fruto do seu trabalho, é porque a parte de leão vai para a «Coca-Cola», «Relstone», «Pwurima», «Procter and Hembl». Ou seja, para os cofres das cerca de cem multinacionais que controlam o comércio alimentar a nível mundial, sendo que cerca de metade pertencem ao capital norte-americano.

O que se passa no plano dos produtores agrícolas, repete-se nos outros domínios económicos. Em 1984,

las 70%, dos meios de transporte, 58%.

São múltiplos os canais de **exploração neocolonial**. Segundo os cálculos efectuados pela revista indiana «Trade Union Record», os países em vias de desenvolvimento perdem anualmente até 35-40 mil milhões de dólares devido às manipulações dos monopólios com os preços das suas mercadorias, 15-20 mil milhões de dólares com a fuga de especialistas para países capitalistas desenvolvidos, 5-15 mil milhões com outras perdas relacionadas com a sua situação de dependência no sistema económico internacional do capital. Bem se compreende que o capital internacional se mostre tão avesso a qualquer discussão séria relativa a uma nova ordem económica internacional, ou à regulamentação da acção das multinacionais.

a TV

Generosidade, confusões & outras coisas mais

A campanha ultimamente desencadeada para a recolha de fundos e géneros destinados a Moçambique provocou na Televisão Portuguesa uma tempestade de sentimentos contraditórios.

Diga-se, e fique tudo muito claro, que não está em causa a generosidade de tantos artistas e a sinceridade e coerência de muitos dos intervenientes na promoção da campanha.

Algumas situações de hipocrisia são porém demasiado transparentes para que sobre elas se possa, ou se deva silenciar.

Assim, causa espanto ver envolvidos no circuito nomes influentes num partido que, com responsabilidades proeminentes no Governo, permite que os inimigos de Moçambique se movimentem à vontade em Portugal. Quer dizer, com a mão esquerda pedem para as vítimas, e com a mão direita facilitam o crime que vitima...

Causa espanto, por outro lado, ver a televisão colaborar na campanha de auxílio a Moçambique — e ver como, por outro lado, a mesma televisão, por intermédio do Telejornal, e não só, mostra a mais ampla simpatia pelos inimigos de Moçambique e a maior indiferença pelos problemas do povo moçambicano.

Quanto aos convidados para o «Abraço a Moçambique» houve quem colaborasse de forma mais convincente ou mais canhestira mas com um mínimo de simpatia. Houve também quem usasse a demagogia ao nível do ridículo e confundisse solidariedade com um faduncho de péssima interpretação. Foi o caso de D. Maria Soares. Curiosamente D. Maria citou o poema em que se fala da «Nossa Senhora da Apresentação, a Fome», dando-o como da autoria de «um grande poeta português». Só que... só que se esqueceu de lhe dizer o nome.

Indecente o depoimento de uma individua que foi directora de programas na RTP, que depois se associou com outro sujeito para programas altamente viajados e que tem agora assento na Rádio.

Aproveitou-se da oportunidade, «a propósito» do auxílio a Moçambique, para falar da Etiópia e, a propósito da Etiópia vomitar bilis anticomunista. Simplesmente repugnante.

Seca e fome: quem são os culpados?

No que respeita à situação de catástrofe vivida em vários países africanos, o Telejornal mantém uma exaustiva campanha de desinformação e de intoxicação.

Por um lado, apresenta as nações ocidentais como salvadores, como protectores, como paizinhos que vêm trazer mantimentos e remédios. Nem uma vez sequer referiram os esforços desenvolvidos pela União Soviética no sentido de ajudar os povos de África mais carenciados a superar as suas dificuldades. Tudo no Telejornal aponta para a seguinte perspectiva: os países tal e tal enveredaram pelo socialismo e agora vejam lá o resultado...

Por outro lado, ignoram sempre as responsabilidades das potências colonialistas que, em centenas de anos de exploração desenfreada, deixaram os países africanos atrasados, pobres, doentes. Particularmente a Inglaterra e a França têm de assumir as suas pesadas culpas.

Diz-se, por exemplo, que a culpa é da seca. Mas não dizem que o deserto foi avançando à medida que as potências coloniais procediam à desflorestação selvagem. Essências florestais nobres foram dizimadas: à escravidão humana seguiu-se a escravidão da floresta. Desfeita a armadura, o deserto atravessou a margem (o sahel) e a seca e a morte instalaram-se nas vastas áreas...

Em centenas de anos de ocupação, as potências capitalistas não tiveram tempo de formar quadros, de fomentar a riqueza local, de desenvolver o progresso dentro dos valores tradicionais da cultura e da civilização. O capitalismo só teve tempo de destruir — e para isso nunca o tempo lhe falta...

Não contente com isso, o capitalismo mantém a tática da insegurança permanente com o fim de impedir ou demorar o desenvolvimento que só o socialismo pode promover. Repare-se nos casos de Angola, de Moçambique, da Etiópia, do Vietname, da Nicarágua: o banditismo, no interior ou nas fronteiras, é fomentado pelo imperialismo para criar dificuldades aos povos que lutam pelo seu direito à Paz, ao progresso, ao futuro.

Eis o que o Telejornal esquece — e todos nós sabemos a quem serve tal esquecimento...

■ **Ulisses**

...Síntese... semanal da IMPRENSA

Soares em Play-Back

Surprise! A Convenção do PS aprovou a candidatura de Mário Soares para as eleições presidenciais. Quem diria! A promoção foi em *show* a que não faltou orquestra bem americana.

O leitor aqui fica com as últimas do nóvel candidato.

Agora é que era...

• «Estávamos agora em condições de ir mais longe. Mas o rompimento unilateral da coligação vem pôr de novo tudo em causa».

(«o jornal», 26. Julho)

«Reestruturar implica desemprego e dificuldades sociais»

• «P. — Há fome em Portugal... Ainda há dias, o reafirmava na rádio, aliás em termos agrestes e contraditando a dr.^a Maria Barroso, o bispo de Setúbal...

R. — Não quero fazer polémica com o senhor bispo, mas a verdade é que não tem razão. Que existem grandes carências em Portugal, é óbvio que sim, e sempre assim foi. Mas fome, o que se chama fome, não. Aliás as carências de hoje não são maiores do que foram no passado. Pergunto-me: porque se faz agora essa campanha, e não se fez no passado?

(«o jornal», 26. Julho)

Freitas: «com categoria inegável»

• «O dr. Freitas do Amaral representa o eleitorado conservador, que é uma área importante mas provavelmente minoritária. Não me surpreende a sua candidatura, não obstante anteriormente ter dito que não se apresentaria. Desde logo, parece-me muito melhor que essa área seja representada por um candidato civil — e com categoria inegável — do que por um militar.

(«O Jornal», 26. Julho)

Eles são tão amigos

• «Na sessão de apoio a Mário Soares, — quinta-feira, na sala «Girassol» do Altis — coube a Maria Barroso saudar alguns dos mais efusivos circunstantes. Assim se confirmaram novas solidariedades ou se refizeram antigos laços, com a presença de alguns dos mais espectaculares e heterodoxos nomes da política à portuguesa. Foi o caso do irreverente advogado José Manuel Meneses Alves que num ataque de reverência correu ao Altis. Apesar de se ter já declarado como candidato, Meneses Alves acha que Soares é uma boa solução «para a segunda volta». A propósito de voltas, também o investigador e colunista brilhante

que é Vasco Pulido Valente voltou à amigável convivência com a família Soares, após ter sido (mas o que lá vai lá vai) firme apoiante de Sá Carneiro e um dos maiores da Aliança Democrática. Também António Barreto esqueceu velhos agravos infligidos pelo soarismo. E Mário Soares aceitou, com agrado, passar a esponja sobre os atritos com o ex-dirigente e ministro da Agricultura do PS.»

(«Expresso», 27 Julho)

Orquestra americana

• «Um espectáculo de raios laser projectado no céu a uma altura de cerca de 1200 metros constituirá, logo à noite, um dos pontos altos da festa organizada pelo Partido Socialista no Campo Pequeno, em Lisboa, que assinalará o arranque da pré-campanha eleitoral deste partido e que decorrerá imediatamente a seguir à Convenção Nacional socialista (onde será aprovado o apoio do partido à candidatura de Mário Soares a Belém).

Nesta festa actuarão, como já foi largamente noticiado, Clara Pudim e Aírio Moreira com a sua orquestra (americana) privativa, para além de alguns artistas portugueses, estando a apresentação do espectáculo a cargo de José Nuno Martins e Júlio Isidro.»

(«Expresso», 27 Julho)

O HARMATÃO de SEMBÈNE OUSMANE

Um dos mais notáveis escritores africanos
Um grande romance que traça vigorosamente
a luta pela Independência das Colónias da então
chamada África Ocidental Francesa

Um fresco colorido e variado
de leitura empolgante onde se
diz não ao referendo de 1958

editorial CAMINHO

«UMA TERRA SEM AMOS»

Descaramento

Descaramento não falta ao PS. É **preciso governar, o PS vai ganhar** é um dos «slogans» que este partido vai utilizar, durante a campanha eleitoral para as legislativas, como se o Partido Socialista não tivesse ganho mais do que uma vez as eleições para a Assembleia da República. E, se é **preciso governar**, por que não o fez das diferentes vezes em que foi Governo? Descaramento e memória curta não faltam ao PS!

Merecimento

Na dança da constituição das listas do PSD, uma espécie de jogo em que se escolhem os fiéis e se afastam os menos fiéis, o pobre José Vitorino viu-se puxado para baixo, para o terceiro lugar nas listas «sociais-democratas» por Faro. O empertigado deputado, tão bem conhecido na Assembleia da República pelo barroquismo provinciano das suas intervenções e por uma irresistível vaidade que o leva tantas vezes a aproximar-se das bancadas dos jornalistas e a deitar o canto do olho à televisão só p'ra ver se o filmam, o empertigado deputado ressentiu-se, fez barulho, recusou por fim participar na lista. Já antes anunciara a intenção de processar um semanário que punha na boca de Cavaco Silva apreciações pouco airoas sobre si. Terminada a guerra de

Pontos Cardeais

domingo passado, o chefe do PSD explicou a composição das listas afirmando que «as bases exigiam uma determinada moralização política.» Quanto ao desmoralizado José Vitorino, Cavaco Silva afirmaria que o tal terceiro lugar é «o lugar que ele merece.» Manterá José Vitorino a sua recusa? Grande parte dos deputados e também alguns jornalistas pensam que merecem a ausência de Vitorino...

Propaganda

A União Soviética decidiu há dias, unilateralmente, fazer parar as suas explosões nucleares, a partir de 6 de Agosto, a data que assinala o aniversário da tragédia de Hiroshima. A moratória anunciada pelo camarada Gorbachov vigorará até o dia 1 de Janeiro de 1986 mas prolongar-se-á «enquanto os Estados Unidos se absterem, por seu lado, de fazerem explosões nucleares». Esta decisão, explicada pelo facto de «os testes com armas nucleares» conduzirem, «por si mesmos, a novas armas», é baseada na convicção de que

«acabar com todos os testes de armas nucleares seria uma importante contribuição para a consolidação da estabilidade estratégica e da paz na Terra». Os Estados Unidos, por seu lado, rejeitam a oferta soviética. Apodando-a de «propaganda». E, para mostrarem certamente que não vão em «propagandas», convidaram observadores soviéticos a assistir a nova experiência nuclear americana no deserto do Nevada. Assim respondem a iniciativas concretas de paz...

A moda dos primeiros

De tal maneira a moda parece ter pegado que um dia destes vai haver mesmo eleições para primeiros... ministros! O PS «escolheu» o seu na figura — que a si próprio, entre outros elogios, se apelidou de «rectargarda de Mário Soares» — de Almeida Santos, tão diferente do candidato a Belém que até promete não viajar. E, «escolhendo» o primeiro-ministro, já diz que vai ter 43 por cento nas legislativas.

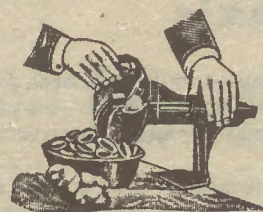
Agora é o CDS. Após as «negociações» aparentemente fracassadas com o PSD para a reconstituição de uma «nova» AD **antes** das eleições, o CDS admite a AD para **depois** das mesmas. E anuncia, candidamente, que o principal objectivo eleitoral dos «centristas» é uma maioria relativa de votos que lhes permitam indicar o novo primeiro-ministro! Quem dá mais?

Um protesto para têver

Quem foi apanhado — por diversas vezes! — viu. Foi na TV que, por diversas vezes e em diversos dias, nos impingiram reportagens, publicidades, espectáculos, entrevistas. A face do ainda primeiro-ministro (que parece nunca ter sido arredada de tudo quanto tem sido imagem da RTP) lá veio. A dizer que sim, a dizer que ele vai salvar isto, a dizer que já salvou, a dizer que sem ele não havia salvação. Pois bem. O PS achou pouco. E vai daí protestou! Publicamente! Verberando a «discriminação televisiva» na cobertura das reuniões «socialistas». E afirma que a RTP «viola flagrantemente a isenção e o pluralismo informativo, não respeita o direito do cidadão a ser informado com objectividade e lesa, por acto e omissão, os direitos legítimos do maior partido português». O 'laser' deve ter-lhes subido à cabeça...

Gazetilha

por *Ignotus Sum*



I
O Soares tem um facto político, em cada dia, para dar ao gosto e ao tacto da selecta freguesia.

Mais que os factos que imprimiu na feira dos mil enganos, são os fatos que ele vestiu ao longo de tantos anos...

II
O telejornal é mono, um grande mono monólogo, de veneno e sono liamba de uma nota só.

Eis a TV: velhos modos lições de antigo zum-zum com o dinheiro de todos a fazer jogo de um...

III
Telejornal: atentados terroristas e bandidos, são carros armadilhados são carros e são feridos.

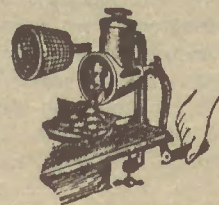
São poluições e azares grandes desastres mortais Cavaco, Freitas, Soares, — chatices e nada mais...

IV
Cavaco, frio, pondera. PS? Não, já se vê. Talvez sim, ó ai quem dera, talvez outra vez a AD...

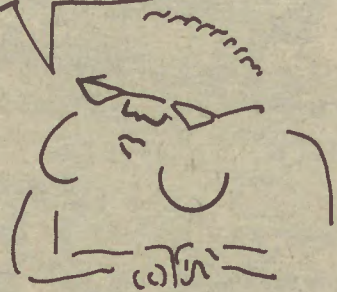
Com o Lucas da Direita ou o Soares, de igual essência, com qualquer ele se ajeita — tudo o mais é aparência...

V
Raivoso vem o PS e ataca o PSD que ataca o CDS que ataca, sem ter de quê,

o PS, que não esquece de atacar o CDS que ataca o PSD que logo ataca o PS... ... e cada qual mais sisudo nesta farsa, neste entrudo...



A VERDADE É QUE SE ESPECULA COM A GRAVIDADE DOS CASOS DE ACÇÕES DE DESPEJO



... SEGUNDO TODAS AS PREVISÕES METEOROLÓGICAS O PRÓXIMO INVERNO VAI SER O MAIS AMENO DOS ÚLTIMOS ANOS!



Erabon

Agenda

Avante!

Ano 53 — Série VII
N.º 605

1 de Agosto de 1985

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Festas

Fim-de-Semana

Sines — sexta, sábado e domingo

Festa da Terra e do Mar, iniciativa da Comissão Concelhia do PCP, no Castelo. Exposições, torneios desportivos e numerosos espectáculos a partir da noite de sexta-feira. Entre outros, participarão José Jorge Letria, Julian Del Vale, Fernando Farinha, os grupos de Música Popular Portuguesa «Aliémar» e «Seara Nova», grupos corais alentejanos. Na noite de domingo, espectáculo com Rão Kyao.

Zita Seabra, da Comissão Política, participará no comício que se realiza às 22 horas de sábado.

Carrasqueira — sexta, sábado e domingo

Festa da Unidade, organizada pela Comissão Local do PCP. Desporto, incluindo no domingo, às 16 horas, um torneio de tiro aos pratos, espectáculos, em que participam conjuntos populares de música e dança, e ainda Pedro Barroso e Fernando Farinha. Na sexta e no sábado à noite, bailes com o conjunto «Open Band».

Comício na tarde de sábado, com José Manuel Maia, membro do CC.

Olhão — sábado

Festa da Restauração, a partir das 18 e 30 horas, na Escola Secundária. Teatro de revista com José Viana e Dora Leal. Intervenção sobre a situação política pelo camarada Joaquim Gomes.

Monte do Trigo — sábado e domingo

Festa do PCP, com início às 13 horas de sábado. Almoço-convívio. Grupos corais alentejanos, baile na noite de sábado e espectáculo com Francisco Ceia (no domingo à tarde). A partir das 10 horas da manhã de domingo, provas de atletismo.

Dias Lourenço participará no comício que se realiza no sábado às 22 horas.

Casebres — sábado e domingo

Espectáculo com Francisco Ceia, o grupo folclórico Danças e Cantares de Olhos d'Água e os grupos Ribasado e Al-Kassr, durante a tradicional festa organizada pelo PCP.

Moita — domingo

Festa organizada pelo PCP, no Vale da Amoreira, durante todo o dia. Intervenções musicais, manhã infantil que inclui provas desportivas.

Comício às 18 e 30 horas, com o camarada Dias Lourenço.

Sesimbra — domingo

Passeio de barco à Arrábida — uma iniciativa para a Campanha de Fundos do CT da DORS. Inscrições no CT de Sesimbra e partida do Porto de Abrigo, às 8 e 30 horas.

Jornadas de trabalho no Alto da Ajuda: todos os dias!

Sexta

• **SESIMBRA**
Sessão de esclarecimento na Sociedade Musical Sesimbrense. Às 21.30, com Zita Zeabra, membro suplente da Comissão Política e deputada do PCP.

horas. Minicomício às 18 horas.

• **ALCÁÇER DO SAL**
À tarde comício com José Manuel Maia, membro do CC e deputado, durante a Festa da Unidade promovida pelo PCP na Carrasqueira.

do Conde, com o camarada Joaquim Judas, do CC.

Hoje e amanhã, jornada de esclarecimento e de recolha de fundos da APU, com distribuição do documento «APU presta contas».

Sábado

• **LISBOA**
Piquenique APU no Alto da Ajuda, junto à Festa do «Avante!», promovido pela Comissão Eleitoral da Ajuda. A partir das 10

• **SINES**
Às 22 horas, o comício da festa da Terra e do Mar, com Zita Zeabra.

• **SESIMBRA**
«Encontro do PCP sobre Emigração» — sessão de promoção às 21 horas no Centro de Trabalho da Quinta

• **PORTEL**
Comício às 22 horas no Monte do Trigo, durante a festa que o PCP aqui promove. Com Dias Lourenço, membro da Comissão Política.

• **OLHÃO**
Às 18.30, integrado na Festa da Restaura-

ção — iniciativa anual do PCP — comício com o camarada Joaquim Gomes, membro da Comissão Política e do Secretariado.

Segunda

• **LISBOA**
Reunião com naturais dos concelhos de Alvaizere, Ancião, Castanheira de Pera, Pedrógão Grande e Pombal, residentes na Grande Lisboa, com a participação dos camaradas Mário Gregório e Jorge Paixão da DORLEI. Às 21.30, no CT Vitória.

Terça

• **LISBOA**
Entre as 17 e as 24 horas, na Praça da Figueira, a «Acção de Animação Política e Cultural», organizada pelo CPPC, USL, Com. de Paz de Lisboa e MDM, sob o lema Hiroshima e Nagasaki Nunca Mais! neste dia em que se completam 40 anos sobre o bombardeamento atómico de Hiroshima.
Exposição fotográfica. Cinema. Intervenções musicais, de canto, teatro e poesia.

ANTOLOGIA



MISTER REAGAN RAUCHT FRIEDENSPEIFE

Klaus Stuttmann (1949 -) in «Raketen, Raketen — Zeichnungen seit dem NATO — Raketenbeschluss». Verlag Atelier im Bauernhaus — Bremen, 1983 (com a legenda «Mister Reagan raucht Friedenspfeife», «mister Reagan fuma o cachimbo da paz»).

TV O Programa

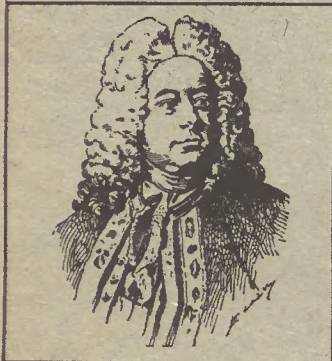
Quinta

RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia», 62.º Ep.
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos — «As Aventuras de Marco Polo»
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Programa da Direcção de Informação
- 19.20 — Pequenas e Médias Empresas
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela — «Louco Amor», 19.º Ep.
- 21.15 — Triangular, programa da Direcção de Informação
- 22.15 — Série — «Os últimos Dias de Pompeia», 5.º Ep.
- 23.00 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados — «Formiga Fenómeno»
- 20.00 — Conheça Melhor — A RFA, monumentos e obras de arte
- 20.30 — Concerto — Haendel, no tricentenário do seu nascimento: concerto comemorativo gravado na Abadia de Westminster.



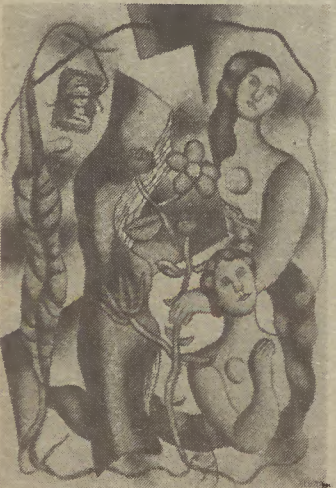
Orquestra de Câmara Inglesa, Coro Filarmónico de Londres e Coro da Abadia de Westminster. Maestro Raymond Leppard

22.30 — Jornal da Noite.

Sexta

RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos — «Animação», incluindo um desenho animado português, «A Casa Feita de Sonho», realizado por Artur Correia
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Retratos em Si (4.º Progr.): Armando Jorge — bailarino, coreógrafo e organizador da Companhia Nacional de Bailado
- 19.20 — O Museu do Ermitage, último programa — A Arte Francesa dos princípios do Séc. XX



- 19.50 — Bol. Meteorológico para a Agricultura
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela — «Louco Amor»
- 21.15 — Paulo de Carvalho — o espectáculo recentemente realizado na Aula Magna

- 22.30 — Sombras na Escuridão, último episódio. Real. Peter Smith.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Série — «Recordações», 8.º Ep.
- 21.00 — Directo/2
- 22.30 — Jornal da Noite.

Sábado

RTP1

- 13.00 — Tempo dos Mais Novos
- 14.00 — Série — «O Pai Murphy»
- 15.00 — Revista de Touros
- 15.30 — Série — «História dos Metais e do Homem», 3.º Ep. (o início da exploração na Europa, em finais da Idade Média, das minas de prata, cobre e ouro e sua relação com o Renascimento)
- 16.30 — X Festival de Música da Costa do Estoril
- 17.30 — Panorama
- 18.30 — Série — «Separados pela Espada», 5.º Ep.
- 19.45 — Totoloto
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Série — «Cheers»
- 21.00 — O Bem Amado — «Inferno na Sacristia»
- 22.00 — Aplauso — «Recordar a Orquestra de Glen Miller»
- 23.00 — Último Jornal
- 23.10 — Sábado Especial — «Exército da Sombra» («L'Armée des Ombres»), um filme cujo tema é a Resistência em França durante a 2.ª Guerra Mundial. Real. Jean Pierre Melville (França/1969).

RTP2

- 18.30 — Troféu
- 20.00 — Animação
- 20.30 — Série — «A História do Vietnam», 1.º Ep.
- 21.30 — FilMOTECA TV.

Domingo

RTP1

- 10.00 — 70 Vezes 7
- 11.00 — Missa
- 12.00 — Tempo dos Mais Novos
- 12.00 — TV Rural
- 13.15 — Automobilismo — transmissão directa do Grande Prémio da Alemanha/Fórmula 1
- 15.00 — Sessão da Tarde — «A Grande Paródia»
- 17.30 — Hípismo — Campeonato Europeu
- 19.00 — Top Disco
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Coimbra sem Tempo, 4.º Progr.



- 21.00 — Série — «Ventos de Guerra», 17.º Ep.
- 22.00 — Domingo Desportivo, incluindo a Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.00 — Último Jornal.

RTP2

- 18.45 — Novos Horizontes
- 19.15 — Nós... Por Cá
- 20.00 — Adágio
- 20.30 — Canal Livre — «Férias — Turismo de Massas»: quando

os altos preços praticados em instalações hoteleiras e similares impedem que as férias sejam o tempo de descansar fora dos locais onde durante todo o ano se vive e trabalha

- 21.30 — «Les Disparus de Saint-Agil».

Segunda

RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela Vila Faia
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos A Volta ao Mundo com Willy Fog
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Programa da Direcção de Informação
- 19.20 — O Mundo da Ciência 2.º Ep.
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela Louco Amor
- 21.15 — Arroz Doce último programa
- 23.15 — Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.35 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Noite de Teatro «Troilus e Cressida», de Shakespeare. Prod. BBC, real. Jonathan Miller
- 23.15 — Jornal da Noite

Terça

RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.54 — Notícias
- 13.00 — Telenovela Vila Faia
- 15.55 — Natação transmissão directa de Sofia dos Campeonatos da Europa
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Século XX «O Mundo em Guerra», 14.º Ep.
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela Louco Amor
- 21.15 — Série — «O Corpo Humano», 14.º Ep.
- 21.45 — Actual
- 22.55 — Série Tudo em Família
- 23.10 — Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.30 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Videopolis 5.º Ep.
- 20.30 — O Mundo em Guerra Portugal 1939/45
- 21.00 — Sessão das Nove «Chove no Meu Coração» (The Rain People), real. Francis Ford Coppola (EUA/1969)
- 22.30 — Jornal da Noite

Quarta

RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela Vila Faia
- 15.57 — Natação Campeonato da Europa
- 18.00 — Tempo dos Mais Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Trânsito
- 19.20 — Expresso da Europa
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela Louco Amor
- 21.15 — Noite de Cinema «Os Rendez-Vous do Senhor Doutor» real. Daniel Mann
- 23.05 — Volta a Portugal em Bicicleta

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 19.50 — A Arte e as Coisas 1.º programa. Real. José Eliseu
- 20.30 — Série «O Mundo em Extinção», 17.º Ep.
- 21.30 — Itinerários Artísticos «Paris e seus arredores», 1.º programa
- 22.30 — Jornal da Noite

Livros

Segunda Guerra Mundial, colecção Dossier, edições Avante!, 1985, Preço 350\$00.

A situação resultante da Primeira Guerra Mundial, a preparação da Segunda Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial, o pós-guerra, o fascismo português durante este período — são estes os títulos dos capítulos que compõem este *dossier*, cuja simples enumeração dá uma ideia do âmbito cronológico e do conteúdo de uma edição cujo grande objectivo é mais o de carrear materiais e fornecer elementos do que elaborar grandes teorizações.

Com efeito, e dentro de uma linha de orientação a que esta colecção já nos habituou, a grande virtude de mais este *dossier* é proporcionar ao leitor uma abundantíssima soma de dados, nomeadamente de natureza cronológica, que permitem uma correcta apreensão da génese e do desenvolvimento dos acontecimentos que tão tragicamente ficaram a assinalar a primeira metade da década de quarenta.

Perfazem-se quarenta anos sobre a data em que terminou o maior conflito até hoje ocorrido: 50 milhões de mortos, muitos milhões de homens em armas, numerosos países envolvidos, destruições incalculáveis na economia, na riqueza natural e património cultural acumulado ao longo dos séculos. Saber como foi possível uma tal guerra, quem contribuiu directa e indirectamente para a sua eclosão, qual a atitude dos diversos governos e forças políticas em face da evolução dos acontecimentos, quem, de que maneira e em que proporções contribuiu para a derrota do nazi-fascismo — eis, entre outras, algumas questões essenciais que não podem ser escamoteadas e sobre as quais se torna necessário repor a verdade histórica.

E se dizemos *repor*, é porque, particularmente este ano em que a efeméride se assinala, uma campanha difamatória e mistificadora do imperialismo procura a todo o transe desvirtuar os factos e, tendo em vista a obtenção de dividendos na luta ideológica dos nossos dias, tenta *refazer* segundo as suas conveniências a história da Segunda Guerra. Disso são exemplo a forma como são tratados os crimes do nazismo, e o papel militar e político atribuído à URSS na derrota do nazi-fascismo.

Uma das grandes linhas da campanha do imperialismo consiste em deixar no esquecimento precisamente aquela que foi uma das grandes lições de há quarenta anos: a demonstração da possibilidade de Estados com regimes sociais e políticos diferentes cooperarem estreitamente na luta pela paz. Ora,



esta é uma lição que mantém na actualidade todo o seu significado — e aqui reside uma outra grande virtude deste livro: analisar esse conturbado período da História recente tendo em vista a realidade dos nossos dias e a exigência que a todos os homens se impõe de evitar uma nova guerra — que seria, muito provavelmente, a última... Hoje como há quarenta anos é possível lutar e construir a paz. Este *dossier* procura dar um contributo para que este objectivo seja alcançado.

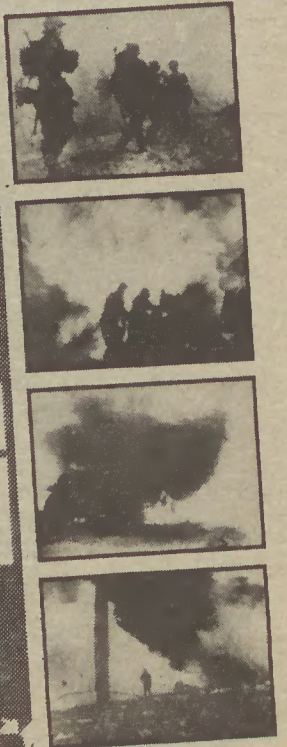
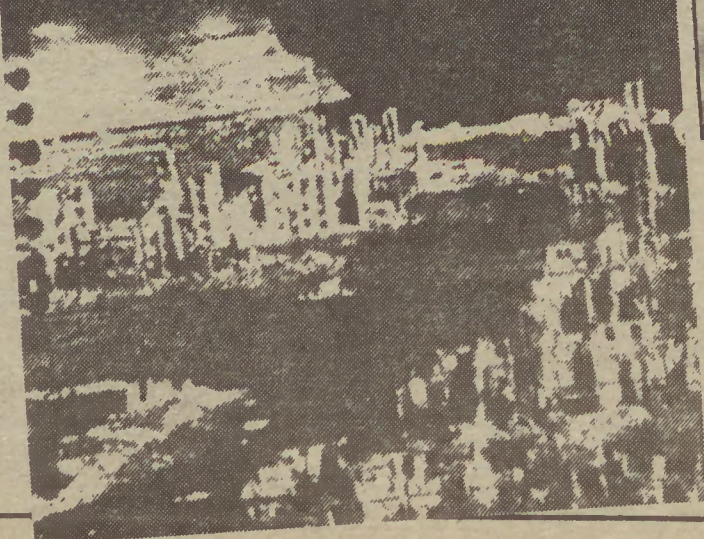
Finalmente, um outro aspecto particularmente relevante não pode deixar de ser destacado nesta breve recensão, até porque amiudadas vezes — omissão em que este livro não cai — ele é deliberadamente mantido na sombra: as ligações e cumplicidades do fascismo português com Hitler e o nazismo alemão.

Portugal e os portugueses viviam então oprimidos pelo regime de Salazar. Apesar de não ter entrado na guerra, o governo fascista conduziu uma política de mal disfarçada e activa cumplicidade com a Alemanha de Hitler. E uma componente dessa cumplicidade foi a feroz repressão e censura a tudo quanto, naquela época, contribuisse para o esclarecimento da natureza, das causas e das consequências da guerra. Eis um outro tema cuja abordagem torna este livro, neste ano do 40.º aniversário da vitória, de leitura obrigatória.

DOSSIER

edições **Avante!**

segunda guerra mundial



Cinema A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A Os Amantes de Maria	★★★★★	★★★★	★★★	★★★★	★★★
B A Caixinha de Surpresas	—	—	★★★★	★★★★	—
C Carmen	★★★★	—	★★	★★★	★★★
D Diner — Adeus Amigos	★★★	—	—	—	—
E Encontro com a Verdade	★★★	—	—	—	★★
F Laranja Mecânica	—	★★★★	★★★★	★★★★	—
G Para Além do Paraíso	★★★	—	★★	—	—
H Reacção em Cadeia	★★	—	—	—	—

A — Real. Andrei Konchalovsky — Alfa-Clube (14, 16.30, 19, 21.30, 24.00), Cinebloco (14.30, 16.45, 19, 21.30) — Lisboa.
 B — Real. Walt Disney — Caleidoscópio (14, 16.30, 19, 21.30), Fonte Nova/3 (14.45, 17, 19.15, 21.45) — Lisboa; Águia 'Ouro (18.45, 21.45) — Porto.
 C — Real. Francesco Rosi — Londres (15, 18.15, 21.30) — Lisboa.
 D — Real. Barry Levinson — S. Jorge/3 (14.30, 16.45, 19, 21.45) — Lisboa.
 E — Real. Martin Ritt — Quinteto (14.30, 16.45, 19, 21.30) — Lisboa.
 F — Real. Stanley Kubrick — Quarteto/2 (14, 16.30, 19, 21.30, 23.30) — Lisboa.
 G — Real. Jim Jarmusch — Quarteto/3 (15, 17, 19, 21.30) — Lisboa.
 H — Real. Mike Nichols — Alfa/1 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), Borna (14, 16.30, 19, 21.30), S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30), — Lisboa; Foco (19, 21.45), Passos Manuel (19, 21.45) — Porto.

Classificação de
a a *****

Teatro o Cartaz

• LISBOA

ABC, Parque Mayer. Às 21.45; Sáb e Dom também às 16.00. **Fininho mas Jeitosinho**, de J. Bettencourt, versão de César Oliveira e R. Solnado, enc. Carlos César.
Casa da Comédia, R. S. Francisco de Borja, 24. De 3.ª a 5.ª / 21.45; Sáb e Dom / 18.00. **Savannah Bay**, de Marguerite Duras, enc. Filipe La Feria.

Maria Vitória, Pq. Mayer. Não Batam Mais no Zezinho, de H. Santana, Nicholson e Zambujal, enc. H. Santana. De 3.ª a Dom / 20.30 e 22.45; Dom. e feriados também às 16.00.

Nac. D. Maria II, Rossio. De 3.ª a Dom / 18.30. **Ela Não Sabia Sonhar**, de Denise Chalem, enc. Manuel João Ramos — De 3.ª a Sáb / 21.30; Sáb e Dom / 16.00. **O Morgado de Fafe em Lisboa**, de Camilo Castelo Branco, enc. Ruy de Matos.

Teatro do Bairro Alto, R. Ten. Raul Cascais, 1-A. De 3.ª a Sáb / 21 h; Dom / 16 h. **Ricardo III**, de W. Shakespeare, enc. Luís Miguel Cintra — A Cornucópia (até 10/8).

Teatro Ibérico, R. de Xabregas, 54. De 3.ª a Sáb / 21.30; Dom / 17. Al Que Sal-

tos Me dá o Coração — 3 comédias de Tchekov, dir. e enc., Blanco Gil.

Teatro Vasco Santana, Entrecampos (Feira Popular). 3.ª a 5.ª / 21.30; Dom. / 16.00. **Jardim de Outono**, de Lillian Hellman, enc. Luzia Maria Martins — Teatro Estúdio de Lisboa.



Teatro Villaret, Av. Fontes Pereira de Melo. De 3.ª a Sáb / 21.45; Dom / 16 e 21.45. **Bocage**, adapt. Geir Campos, enc., António do Cabo.

• PORTO

Cooperativa do Povo Portuense, 4.ª a Sáb / 15.00. **O Fidalgo Aprendiz**, de D. Francisco Manuel de Melo, enc. Norberto Barroca — 5.ª a Sáb / 22.00.

Sá da Bandeira, de 3.ª a Dom. / 21.30. **O Super Silva**, enc. João Mota.

Sala-Estúdio do TEP, R. do Pinheiro,

9, 3.ª e 4.ª / 18.45; 5.ª e 6.ª / 21.45; Sáb. / 16.00 e 21.45; Dom. / 16.00 e 18.00. **Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim**, de Fed. Garcia Lorca, enc. Roberto Merino.

Sala d'O Realejo, R. dos Mercadores, 136. 5.ª a Dom. / 21.30; Dom. / 17.30. **Com Papas e Bolos**.

se Enganam os Tolos, enc. Vitor Valente.

Teatro, Casa de Teatro do Tear, R. do Heroísmo, 86. De 3.ª a Dom. / 21.30. **A espera de Godot**, de Samuel Beckett, enc. Castro Guedes.

Teatro do Campo Alegre, R. do Campo Alegre. De 3.ª a Dom. / 21.45; Dom. e feriados / 16.00. **Uma Família do Porto**, adapt. de «Uma Família Inglesa», de Júlio Dinis por Norberto Barroca, enc. Norb. Barroca — Seiva Trupe.

Teatro Universitário do Porto, 6.ª e

Sáb. / 21.30; Dom. / 18.00. **Bodas de Ouro**, segundo textos de B. Brecht, etc., enc. José Caldas.

• BRAGA

Casa Municipal da Cultura De 3.ª a Sáb / 21.30. **A Menina Júlia**, de August Strindberg, enc. Luís Varela — CENA/Comp. de Teatro de Braga.

• CASCAIS

Teatro Experimental de Cascais. 6.ª e Sáb / 21.45; Dom. / 17.00. **Arralá-Miúda**, de Jaime Gaiheiro, enc. Carlos Avilez.

• CALDAS DA RAINHA

Teatro da Rainha, sala de teatro da Casa da Cultura. De terça a Dom 21.30. **Tantas Maneiras de Enganos**, montagem de textos de Gil Vicente, enc. Fernando Mora Ramos.

• ÉVORA

Teatro Garcia de Resende. Às 21.30, dias 27 (estreia), 28 e 30 de Julho e 1 a 7 de Agosto. **Horácio**, de Pierre Corneille, enc., Mário Barradas — Centro Cultural de Évora.

• FARO

Teatro de Bolso, R. do Rasquinho, 16. De 3.ª a Sáb / 21.45. **Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim**, de Garcia

Lorca, enc. Luís Aguiar — Teatro Laboratório de Faro.

• LEIRIA

Castelo (antiga Igreja da Pena). 3.ª a Dom. / 21.30. **O Motim**, de Miguel Franco, enc. Carlos Fragateiro — TELA/Teatro Experimental de Leiria.

• SETÚBAL

Teatro de Bolso do TAS, Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9. **Luísa Todí**, texto de Fernando Gomes e Rui Mesquita, enc. Fernando Gomes.

Para crianças

• LISBOA

Salão das Furnas, R. Raul Carapinha. 3.ª, 5.ª, 6.ª / 9.30, 11, 13.30. **Bola de Sabão**, enc. Mário Jorge — Grupo os Papa-Léguas.

• BRAGA

Casa Municipal da Cultura. Sáb. e Dom. / 11.00. **A Incrível História de Tomás Paramim e do Selvagem Rha**, enc. Rui Madeira — CENA — Comp. de Teatro de Braga.

• PORTO

Sala-Estúdio do Pé de Vento, R. das Virtudes. Sáb. e Dom. / 16.00. **A Guerra do Tabuleiro de Xadrez**, de M. Ant. Pina, enc. João Luís.

Exposições

Arqueologia Industrial. «Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.ª, 4.ª, 5.ª e dom. / 10 às 17; 6.ª e sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém.

Azulejos do Século XIV aos Nossos Dias. De 3.ª a dom. / 10 às 13 e 14.30 às 17. Museu Nacional do Azulejo — Convento da Madre de Deus.

Colecção Calouste Gulbenkian. Expositas no Museu e nas Galerias da Fundação, peças — dos tapetes orientais aos livros preciosos — organizadas sob a designação «Reservas da Colecção».

Colectiva de pintura (entre outros, Ângelo de Sousa, Palolo, Bual, Cargaleiro). Galeria de S. Bento, R. do Machadinho. De 2.ª a sábado, das 11 às 21.00.

Colectiva de pintura e escultura de jovens artistas portugueses e espanhóis. Gal. Cómicos, R. Ten. Raul Cascais, 1-B. De 2.ª a Sáb / 15 às 20.00. Até 3/8.

Colectiva de Verão. Galeria Fonte Nova, Estrada de Benfca, 503. Até 6/9.

Desenho e Serigrafia, 46 trabalhos de 16 artistas. De 2.ª a 6.ª, das 14.30 às 19.30. Ditec-Espaço Arte, Av. da Igreja Nova, 46-A.

Gente do Palco. Museu do Teatro. De 3.ª a dom., das 10 às 13 e das 14.30 às 17 horas.

Irene Dedicova — Retrospectiva de pintura. No átrio da Fundação Gulbenkian.

Lurdes Robalo, pintura. De 3.ª a 6.ª / 15 às 20.00; Sáb. e dom. / 16 às 19.00. Gal. Diferença, R. S. Filipe Nery, 42, 1.º.

Marília Nunes, pintura. Fund. Ricardo Espírito Santo, Lg. das Portas do Sol. De 3.ª a sábado, das 10 às 13 e das 14.30 às 17.00. Até 17/8.

Nova Ourivesaria portuguesa, um espaço em que também estão expostas peças da colecção do Museu. Trabalhos de professores e alunos do Ar.Co, com a utilização de novos materiais. Museu Nacional de Arte Antiga. Até 29/9.

Pintura — Helena Mata, Maria José Ferreira e Teotónio. De 2.ª a 6.ª das 10 às 19,

Galeria Altamira, Rua Filipe Folque, 48-A.

Tapeçaria e cerâmica de António Vasconcelos e Francisco Janeiro. De 4.ª a 2.ª das 10 às 21. Varandinha de Alfama, Beco da Corvinha, 1, ao Largo das Portas do Sol. Até 5/8.

Vestir 1955-85. A moda nos últimos 30 anos. Museu Nac. do Traje, Palácio do Montre-Mor, Lumiar.

Vieira da Silva, pintura e obra gráfica — alguns dos trabalhos dos últimos 25 anos. Galeria 111, Campo Grande, n.º 113.

Arte para as Férias. 3.ª a Sáb. das 16 às 19.30. Galeria EG, Rua do Crato, 210. PORTO.

Cerâmica — Maria Estrela e Alberto Cidraes. Galeria Roma e Pavia, Rua D. Manuel II, 46-B. Até 3/8. PORTO.

João Vieira, pintura. Centro Cultural de S. Lourenço, AL-MANSIL.

Arquitectura e Escultura Góticas. Até 3/11. Mosteiro de St.ª Maria da Vitória. BATALLA.

José de Azevedo, aquarelas: «Olhar o

Mar» de 4.ª a dom. / 15 às 18.00, de 13/7 a 24/8. Por ocasião do 5.º Festival de Música dos Capuchos, no Convento dos Capuchos. CAPARICA.

António Alljó — «Mitografias». Galeria Alfarrôba. Trav. Visconde da Luz, 7. De 2.ª a Sáb., das 15 às 19.30. CASCAIS.

Colectiva — Gravura e desenho. De terça a dom., 15 às 19. A Galeria, Rua Nova da Alfarrôbeira, 7, r/c.D CASCAIS.

Colectiva — Leonor Serpa Branco, Rui da Rosa, Maria João Velhinho, João do Carmo e Miguel Jarro. De 4.ª a 2.ª, das 16.30 às 21, Galeria Astolfi, Birre Centro. CASCAIS.

Albino José Moreira, pintura. Todos os dias das 15 às 24, Galeria de Arte do Casino. ESTORIL.

Colectiva de gravura (Dacos, Humberto Marçal, Ilda Reis, João Hogan, Luísa Nogueira, Marília Viagas, Miguel Alarcão. Das 9 às 19 até 6/8. Arcadas do Parque ESTORIL.

Colectiva de pintura (Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Guima,

Jorge Martins, Nadir Afonso e outros). De 3.ª a domingo, das 15 às 19.30. Galeria Gilde, S. Torcato. GUIMARÃES.

Cargaleiro, retrospectiva de serigrafia. Galeria da Pousada, PALMELA.

Abel Mata. Até 9/8, das 10 às 22.00. Pousada de S. Filipe, SETÚBAL.

Arqueologia Naval. Exposição itinerante organizada pela Ass. dos Municípios de Setúbal, a percorrer todos os concelhos do distrito, SETÚBAL.

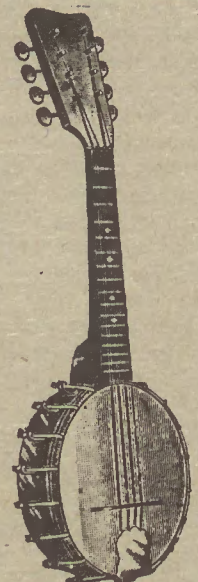
Carlos Morales, pintura e cerâmica. Das 9 às 21.00, Gal. Cetária, Trav. Frei Gaspar, SETÚBAL.

Eduardo Lemos, pintura. Todos os dias, das 12 às 21. Trav. de Santa Catarina, 11. SETÚBAL.

Kira. Todos os dias, das 12 às 13. Galeria de Arte do Castelo de S. Felipe. Setúbal.

Quatro Mulheres — pintura e escultura (Cristina Paula, Elsa, Isabel Sabino, Noémia Cruz). Galeria de Exposições Temporárias do Convento de Jesus/Museu de SETÚBAL.

...e ainda Música, debates, etc.



Música

por José Pedro de Oliveira, hoje às 21.30; na segunda-feira, **Coro de Câmara da Gulbenkian**, também às 21.30. Na capela da Universidade, COIMBRA.

Concerto pelo Coro Gulbenkian no domingo, às 21.30, na Igreja de S. Julião, FIGUEIRA DA FOZ.

Na segunda-feira, espectáculo com a **Brigada Victor Jara** em MALPICA DO TEJO.

Espectáculo «E Viva a Revista» com **José Viana e Dora Leal** pelas 21.45, amanhã em PAIO PIREs.

«**Alguns histórias, alguma lenda**» — Espectáculo de Luz e Som» produzido por Orlando Worm com textos de Maria Germana Tanger e a participação de mais de uma dezena de actores. Todas as sextas, sábados e domingos, a partir do próximo fim-de-semana, às 22 horas, no Palácio Nacional, SINTRA.

Continua o Festival de Música da Costa de Estoril. Assim, amanhã pelas 21.30 José Pina interpreta

à guitarra obras de Sor, Lopes-Graça, Falla e Turina, no claustro do Museu Castro Guimarães, CASCAIS.

No sábado a Orquestra de Câmara do Festival com direcção de Álvaro Salazar, em interpretação de obras de Haendel, Berg e Bach. Na Igreja dos Salesianos ESTORIL. Na segunda-feira, Hugh Tenney ao piano com obras de Bach, Schubert, Liszt e Chopin, no Casino Estoril. Música sacra medieval dos secs. XII a XV, interpretada pelo Hilliard Ensemble no Museu Castro Guimarães (claustros) CASCAIS (todos estes concertos às 21.30).

Quanto ao Festival de Música dos Capuchos e sempre às 21.30: segunda-feira, Sequeira Costa em obras de Chopin, Ravel e Liszt. Na quarta, música portuguesa dos secs. XVII e XVIII pelos Segréis de Lisboa, Coro da Câmara de Lisboa e solistas. No Convento dos Capuchos, COSTA DE CAPARICA.

Terça, dia 6, espectáculo organizado pela RDP-Antena 1 com os **Pop Dell'Arte**, **Pedro Barroso e Paulo de Carvalho**, SETÚBAL.

Sexta-feira a partir das 22.00, espectáculo de Carlos do Carmo em S. Martinho do Campo.

Hoje pelas 21.30 Sun Ra e a sua orquestra actuarão no Auditório ao Ar Livre da Gulbenkian.

Mosteiro à Noite — O Mosteiro da Batalha passa a abrir todos os domingos à noite, entre as 21 e as 00.30, com um programa diversificado de actividades culturais. No próximo domingo, música antiga.

Jovens percussionistas da Catalunha na segunda-feira em espectáculo na Aula Magna com início às 21.30.

Recital de órgão

táculo na Praça da Figueira, entre as 17 e as 24 horas, inserido na jornada «**Hiroshima e Nagasaki nunca mais!**». Com a participação de Carlos Cunha, Esmeralda Amoedo, Fancy One, Fernanda Montemor, Francisco Caia, Grupo de Intervenção Cultural, Luísa Basto e João Fernando, Mário Pereira, Nuno Gomes dos Santos e Rogério Paulo.

Feira de Setúbal

Das actividades programadas para esta semana no quadro da Feira de Santiago, destaque para **Noite de Fado** de hoje à noite com artistas setubalenses. Destaque também para o espectáculo do **Quinteto de António Pinho Vargas**, amanhã, e para o do grupo «**Disto e Daquilo**», no domingo. Na segunda-feira, às 22 horas como todos os restantes espectáculos, os **Trovante**.

Entretanto, desde o passado domingo até depois de amanhã decorre no Seixal, no parque de jogos da Quinta da Verdizela, o VII Acampamento Distrital da Região de Lisboa.

Bailado

Integrado no Festival de Música da Costa do Estoril, o **Ballet Gulbenkian** actuará hoje pelas 21 horas no Casino. Sob a direcção de Jorge Salavisa, serão interpretados bailados sobre peças musicais de Piazzola, Janacek, Nina Hagen e Carlos Paredes, esta última com coreografia de Vasco Wellenkamp. Incluindo no 1.º Festival de Música de Peniche, espectáculo com o **Dança Grupo** no domingo, PENICHE.

A Exposição Itinerante dos Pioneiros de Portugal estará hoje e amanhã em PORTALEGRE; de sábado a segunda em CASTELO BRANCO; na terça, quarta e quinta em COIMBRA.

Entretanto, desde o passado domingo até depois de amanhã decorre no Seixal, no parque de jogos da Quinta da Verdizela, o VII Acampamento Distrital da Região de Lisboa.

Tempo Fim de Semana



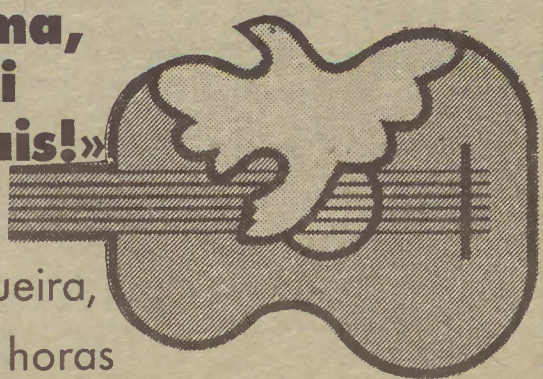
Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, no sábado e no domingo teremos céu pouco nublado ou limpo em todo o Continente, e vento fraco soprando moderado de Norte durante a tarde no litoral Oeste.

A temperatura estabilizará nos dois dias, após uma prevista subida a partir do meio da semana.

«**Hiroshima, Nagasaki nunca mais!**»

Lisboa

Praça da Figueira, das 17 às 24 horas



Utilidades & variedades

22 conselhos práticos para a aparelhagem de som ¹⁰

1. Fichas

Há alguns anos atrás os compradores de aparelhagens sonoras passaram alguns maus bocados devido às diferenças das tomadas e fichas de ligação dos diversos componentes de uma cadeia de alta-fidelidade.

Embora não totalmente ultrapassado, o problema tende hoje a resolver-se por uma maior normalização dos sistemas e também pelo cuidado dos fabricantes em dotarem os aparelhos com diversas alternativas complementares.

No que se refere às ligações áudio em aparelhagens sonoras não-profissionais utilizam-se hoje em dia essencialmente três famílias de fichas: as DIN, as RCA e os «jack». Todas elas possuem três variantes: as fichas macho, as fichas fêmea e as de painel, as duas primeiras aplicadas na extremidade de cabos, a última, como o nome indica, instalada nos aparelhos.

Em geral, os equipamentos de origem alemã e francesa privilegiam as fichas DIN, enquanto os de origem anglo-americana e japonesa utilizam mais as RCA.

● Fichas DIN

A família das fichas DIN tem três tipos mais comuns: as de 3 e 5 pernos e a de 2 pernos para altifalante. Nas primeiras, cada perno é utilizado para transmissão de um sinal sendo um para a ligação comum à massa. A ficha de 3 pernos proporciona uma ligação num sentido: do gira-discos para o amplificador, saída do amplificador para um gravador, saída de um gravador para um amplificador, etc. Neste caso, o sinal do canal esquerdo é ligado a um perno, o do direito a outro e as massas de cada um dos canais ligadas ao terceiro.

As fichas de 5 pernos permitem duas ligações em estéreo, nomeadamente no caso de gravadores: o sinal do amplificador para a entrada de gravação usa dois pernos nos moldes anteriores e a saída do gravador para o amplificador outros dois, sendo a ligação de massa dos quatro ligada comumente ao quinto perno.

Este tipo de ficha tem a vantagem de fazer uma ligação estéreo ou mesmo duas com uma única ficha, mas os especialistas fazem algumas críticas às DIN. O sistema de massa comum a todas as vias tem evidentemente inconvenientes, fazendo correr o risco de introdução de parasitas e de prejudicar uma boa separação de canais; por outro lado, as muito reduzidas dimensões dos pernos criam dificuldades, seja na soldagem dos cabos onde a proximidade faz correr o risco de curto-circuitos, quer no próprio contacto nas ligações macho-fêmea; finalmente, o processo de encaixe das DIN não é muito sólido o que, aliado à pequenez dos pernos, afecta os contactos ao mais pequeno puxão ou tensão sobre o cabo.

Finalmente, as DIN apresentam ainda um outro problema. Embora esteja normalizado o sistema de ligação dos vários pernos (a qual

liga o canal esquerdo de entrada, o canal esquerdo de saída, etc.), tais normas nem sempre são respeitadas. Tratando-se de uma ligação de uma ficha macho a uma de painel corre-se assim o risco de não se saber como estão feitas as ligações internas e acabarem trocados os contactos. Se o cabo/ficha macho é fornecido juntamente com a aparelhagem a que se destina é claro que não há problema e a correcção das ligações está assegurada: mas se se vai arranjar um cabo para ligar a um aparelho pode correr-se o risco de ficar tudo trocado.

Nestas circunstâncias, se tenciona comprar um cabo com ficha macho DIN ou fabricá-lo comprando o fio e a ficha, consulte primeiro na literatura do aparelho a que o cabo se destina, qual é o sistema de ligações: este aparece normalmente no esquema e os pernos aparecem numerados. Numa boa ficha DIN macho há igualmente uma numeração (de 1 a 3, de 1 a 5, de 1 a 7, etc.) que será então necessário fazer corresponder à do esquema do aparelho.

Um problema de fixação se coloca também quanto às DIN de 2 pernos para altifalante. A ligação é feita de condutor positivo (vide as informações sobre altifalantes) ao perno redondo e do neutro ao perno chato. Os riscos de quebra de contacto são aqui maiores pois em geral a fixação da ficha macho à fêmea é assegurada exclusivamente pelos pernos, sem possuir sequer o aro de fixação das de 3 e 5 pernos. A DIN de 2 pernos para altifalantes é praticamente a única ficha utilizada para este fim e, como se viu, de forma pouco satisfatória: na esmagadora maioria dos amplificadores opta-se pela ligação das colunas com o sistema chamado de **pontas**: o cabo proveniente das colunas não tem qualquer ficha e, descarnado, liga directamente a um terminal do amplificador com um sistema de parafuso ou de mola que asseguram um contacto muito mais efectivo e seguro do que as DIN.

● Fichas RCA

As fichas RCA equipam hoje a esmagadora maioria das cadeias de alta-fidelidade nas ligações permanentes entre os seus diversos componentes (do gira-discos ao amplificador, deste aos gravadores ou sintonizadores). Uma ligação estéreo exige duas fichas, normalmente de cores diferentes, correspondendo o vermelho ao canal direito e o branco ao canal esquerdo. O sinal positivo de cada canal é ligado ao perno central e a massa ao aro exterior.

A total separação dos sinais e massas e o sistema de pressão no encaixe entre fichas macho e fêmea fazem das RCA contactos muito estáveis e bem isolados. A sua pequena dimensão quer no painel quer nos terminais torna-se cómoda para aparelhagens de utilização doméstica, o que, em conjunto, justifica a crescente opção pelo sistema.

● Fichas «jack»

Dos mais antigos sistemas de ligações áudio, os «jacks» encontram-se a meio caminho entre as utilizações profissionais (onde hoje em dia contudo tendem a ser substituídas pelo sistema «Canon») e as domésticas.

O princípio da ficha é o de um único espigão dividido em duas ou três partes isoladas entre si: no primeiro caso, o sinal liga à ponta final e a massa ao corpo do espigão; no segundo (o chamado jack estéreo), o sinal do canal direito liga à ponta final, o do canal esquerdo ao segmento a seguir e a massa ao corpo do espigão até à pega.

Existem «jacks» de várias dimensões, sendo o mais comum o de 6mm de diâmetro e cerca de 7,5cm de comprimento total na ficha macho. Com o aparecimento dos pequenos rádios de transistores, leitores tipo «Walkman» etc. apareceram «jacks» mais pequenos, mas funcionando dentro do mesmo princípio.

O comprimento do espigão da ficha macho e o contacto por molas na ficha fêmea ou de painel fazem da ligação com «jack» um contacto estável e razoavelmente eficaz. Por outro lado, a sua dimensão torna-se de manuseamento mais fácil em ligações que se fazem e desfazem com frequência. É fundamentalmente por esta última razão que as aparelhagens de alta-fidelidade doméstica recorrem ao sistema «jack» para dois tipos de contactos: as ligações de microfones a «decks» de cassettes ou gravadores de bobinas e a de auscultadores que, evidentemente, não são permanentes.

O grande problema dos «jacks» reside essencialmente nas suas componentes fêmea e de painel:

delas depende a exactidão e estabilidade do contacto com o espigão da ficha macho conseguido por um sistema de duas ou três lâminas flexíveis. Se a ficha não é de boa qualidade, estas lâminas acabam por perder flexibilidade e começam a verificar-se contactos mal feitos, com todos os inconvenientes daí derivados. Pelo que, não havendo normalmente problemas na aquisição e montagem das fichas macho, a instalação de uma de painel (para, por exemplo, substituir num aparelho) deve ser feita com a garantia de se tratar de uma peça de boa marca.

2. Cabos

Nas ligações entre componentes de uma cadeia de alta-fidelidade utilizam-se essencialmente dois tipos de cabos: o comum de dois condutores para as colunas (vide os textos sobre altifalantes) e o chamado cabo blindado para todas as outras ligações.

O cabo blindado é igualmente um cabo de dois condutores mas com a característica de um deles aparecer sob a forma de uma malha que envolve o isolamento dentro do qual se encontra o outro condutor. Este condutor transmite o sinal enquanto a malha liga a massa. Para ligações estéreo existe no mercado cabo blindado duplo, isto é, dois cabos acoplados tendo cada um seu condutor e respectiva malha.

O cabo blindado é indispensável para assegurar uma correcta ligação sem parasitas de todas as ligações áudio (dos diversos aparelhos entre si, de microfones, auscultadores, etc.).

Um princípio a não esquecer é que há sempre vantagem em, para qualquer ligação, utilizar cabo do menor comprimento possível de forma a evitar que os si-

I — Gira-discos

- ✓ 1. Localização e nivelamento
- ✓ 2. A cabeça e a agulha
- ✓ 3. Equilíbrio do braço
- ✓ 4. Manuseamento

II — Amplificador

- ✓ 1. Potência; curva de resposta
- ✓ 2. Controlos graves-agudos
- ✓ 3. Balanço
- ✓ 4. Filtros e loudness

III — Altifalantes

- ✓ 1. Potência e impedância
- ✓ 2. Localização
- ✓ 3. Ligação

IV — Gravador/leitor de cassetes

- ✓ 1. Voltímetros e leds
- ✓ 2. Bias e EQ
- ✓ 3. Dolby
- ✓ 4. Limpeza

V — Discos

- ✓ 1. Arrumação
- ✓ 2. Limpeza
- ✓ 3. Manuseamento

VI — Cassettes

- ✓ 1. Tipos
- ✓ 2. Conservação

VII — Cabos e fichas

- ✓ 1. Tipos de cabos e funções
- ✓ 2. Tipos de fichas e funções

nais transmitidos tenham que vencer a resistência de grandes extensões de condutores com as inevitáveis perdas de potência. Por outro lado, não esquecer que nas ligações estéreo as ligações dos canais esquerdo e direito devem ser feitas com cabos rigorosamente iguais e do mesmo comprimento para que não haja quaisquer desequilíbrios de tempos e resistências.

Xadrez

XI — 1 de Agosto de 1985

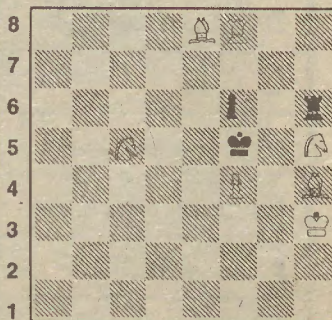
PROPOSIÇÃO N.º 11

Por E. Goldschmiedt

1.º/2.º Prémio ex-aequo, The Austral-1928

7+3

Pr. Pf6-Th6-Rf5



Br. Pf4-Cs.g5,h5-Bs.e8,h5-Tf6-Rh3
Mate em 2 lances

JOGO N.º 11

Maiorca, 1967

Br. E. Jimenez — Pr. B. Larsen

1. e4,Cf6; 2. e5,Cd5; 3. Cf3,d6; 4. d4,dxe5; 5. Cxe5,g8; 6. Bc4,Be6; 7. Bb3,Bg7; 8. 0-0,0-0; 9. De2,a5; 10. Cg3,g6; 11. Cxg3 (ou Cxd5),cxd5; 12. a4,Cc6; 13. g3,Dd6; 14. Bb2,Bxe5!! (segundo o próprio Larsen, um lance que o satisfaz imenso!); 15. dxe5,d4; 16. Bh6,Tfd8; 17. Bxe6 (BxB),fxe6 (f7xB); 18. Tf6,Td5; 19. Bf4,Tf6; 20. g3,Tf5; 21. Tad1,Db3; 22. h4,Dxa4; 23. De3,Dxb3; 24. gxd4, Dxb2; 25. Tdb1, Dxd4; 26. Txb7,Td5xe5; 27. Db1,Txe1; 28. Dxe1,Dd5; 29. Dc1,Cd4; 30. Tb8+Tf8; 31. Txf8+Rxf8; 32. Bh6+Rg8; 33. Dc8+Dd8; 34. Dc4,Cf5; 35. Bf4,Rf7; 36. Be5,Dd1+; 37. Rh2,Dd2; 38. Dc5,a4; 39. Bc3,Dc2; 40. Rg1,Dd1+; 41. Rh2,Dd5; 42. Rg1 e as Br. abandonam.

SOLUÇÕES

N.º 11 (2.VIII.85)

1. Bxf6! bloqueio!
1. ...Txf6; 2. Bh4+!
1. ...Txf6; 2. Txf6+!
1. ...Th7; 2. Bg7+!
1. ...Th8; 2. Bxh8+!
1. ...Tg6; 2. Bd7+!

■ A. de M.M.

Damas

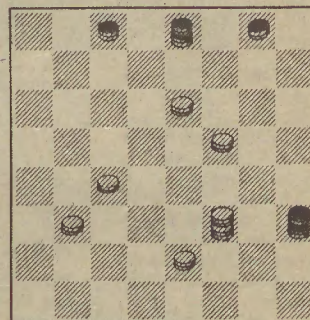
XI — 2 de Agosto de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 11

Por «AFANDU» (a) «Notícias Ilustrado»
22.XI.1931

Pr. (9)-29-(30)-31

Br. 6-10-12-15-18-22



Jogam as brancas e ganham

a) Pseudónimo de António Eduardo de Sá Duarte Ferreira

JOGO N.º 11

V Campeonato de Lisboa 1943

Br. Luis António David
Pr. João Amadeu do Cerro

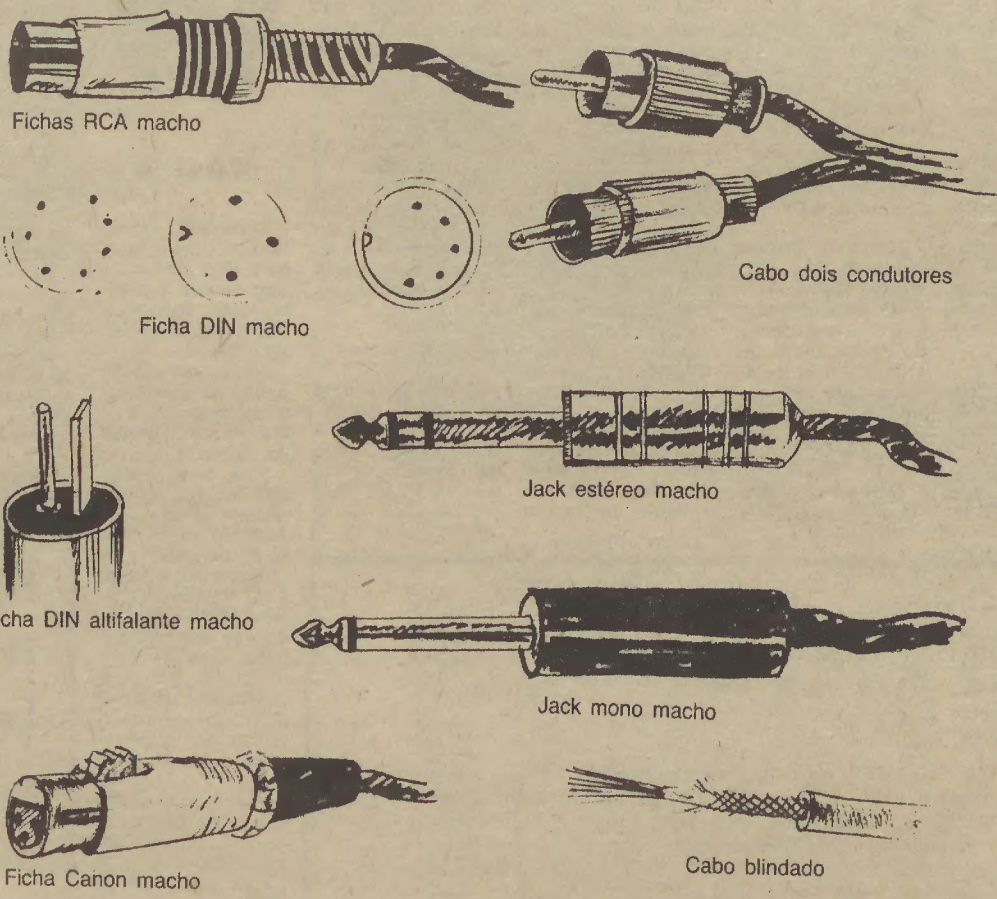
1. 10-14, 23-19; 2. 14-23, 28-19; 3. 9-13, 32-28; 4. 11-15, 28-23; 5. 13-17, 21-18; 6. 5-9, 18-14; 7. 6-10, 14-5; 8. 1-10, 22-18; 9. 15-22, 26-19; 10. 12-15, 19-12; 11. 8-15, 27-22; 12. 7-11, 23-19; 13. 4-8, 19-12; 14. 8-15, 31-28; 15. 10-14, 28-23; 16. 14-21, 25-18; 17. 2-6, 23-19; 18. 15-20, 24-15; 19. 11-20, 18-13; 20. 9-27, 30-16. Empate.

GOLPE N.º 11

Golpe de Canalejos III

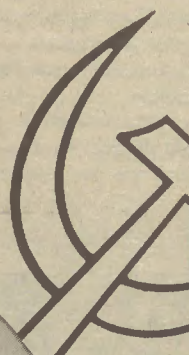
1. 10-14, 23-20; 2. 5-10, 28-23; 3. 12-15, 32-28; 4. 1-5, 22-19; 5. 15-22, 26-19; 6. 9-13, 20-15; 7. 11-20, 24-15; 8. 13-18, 21-17; 9. 5-9, 30-26; 10. 7-12, 28-24; 11. 12-16, 24-20; 12. 4-7, 26-22; 13. 7-12, 22-13; 14. 9-18, 29-26? e as Br. fazem Damas e ganham graças a um «mini» Golpe!

■ A. de M.M.



Festivais Internacionais de Ginástica

pág. 6



da festa!

ALTO DA AJUDA • 6, 7 E 8 SETEMBRO

Avante!

Director

António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 3

1 de Agosto de 1985

Não pode ser vendido
separadamente

Os artistas da Festa

pág. 4/5



Carlos Mendes

Sérgio Godinho

Divulgar
a Festa
o Cantaz
e a EP



pág. 2

Exposição Internacional de Gravura

pág. 8

6, 7 e 8 Setembro 1985 - Alto da Ajuda



O cartaz

O cartaz, os cartazes. Neste ano da décima edição da Festa do «Avante!», o cartaz que já chegou e que em breve vai profusamente anunciar — diríamos melhor lembrar — por todo o país a nossa festa, é não apenas as cores e as letras de um anúncio mas a recordação das festas anteriores.

História, portanto, que a Festa do «Avante!» é a única festa nacional que faz história, que se não resume a um convívio e a espectáculos, que não se queda na exposição fria do que quer que seja, mas traz ao seu recinto um país vivo que se transforma e que luta.

Os anos passaram. Onze sobre o 25 de Abril, nove sobre a primeira festa na FIL que logo se revelou pequeno recinto para a grandiosidade da realização dos comunistas. E desde a sua primeira edição, Abril tem sido o tema central, Portugal de Abril o que se mostra na festa, o que Abril, isto é, a democracia e o povo, os trabalhadores e a liberdade, o que Abril conquistou, os seus caminhos abertos, a riqueza e a variedade das transformações alcançadas. E mais: o projecto de Abril. Ainda. Porque não cumprido, porque ferozmente atacado e vivamente defendido pelos comunistas e pelos democratas.

Um cartaz, dez cartazes — dez anos de jornadas de luta, de resistência, de esperança, de transformações concretas e entusiásticas, de vitórias num caminho que tem sido difícil mas não abandonado, antes nele se juntaram cada vez menos democratas, como a própria festa o tem demonstrado, na participação aberta de cada vez mais portugueses. Ano a ano, desde a FIL ao Jamor e ao Alto da Ajuda transformado em cidade, na Festa vive o país, cada edição é o espelho da situação que nesse ano se viveu, do que se projecta para mais um ano político. E não só político, mas cultural nas suas mais diversas manifestações, social nas suas mais variadas transformações e batalhas.

Efémere nos seus três dias de duração, a Festa é muito mais, portanto, do que três dias de festa. É um longo período que perdura na memória dos que nela vão buscar a força da fraternidade, reconhecer-se na solidariedade internacionalista dos que pelo mundo nos acompanham e acompanhamos, encontrar o entusiasmo e a combatividade necessárias para mais um ano.

Efémere, ela constrói-se laboriosamente. Como o cartaz deste ano nos recorda no traço forte da estrutura — de aço? — que enquadra cada um dos cartazes anteriores. No azul do céu de Setembro drapejam bandeiras, e a Festa, entre as cores variegadas da alegria fraterna, assenta no verde da esperança. O cartaz está aí a dizê-lo.

Há-de dizê-lo pelo país fora. Não é a anunciar, já que toda a gente sabe. Apenas a lembrar que no Alto da Ajuda nos encontraremos todos.

■ L. M.

Boletins de organizações para divulgar a Festa

A um mês que estamos da abertura, e quando o cartaz já está cá fora e começa a encher as paredes deste País, a propaganda torna-se um elemento essencial para o êxito da nossa Festa. Disto se dão conta as diversas organizações do Partido que, além da venda da EP e da distribuição dos materiais centrais, estão já a editar os seus próprios materiais de propaganda.

Neste contexto, adquirem particular importância os boletins das organizações sobre a Festa do «Avante!». Como se sabe, trata-se de folhetos onde, além de notícias gerais — quais os artistas que participam, como vai o trabalho no terreno... — falam da sua participação na preparação e durante os três dias da Festa. Falam das jornadas de trabalho previstas, de como vai a venda da EP e de que formas se reveste a sua participação durante os três dias da Festa; quais as frentes de trabalho que exigem maior esforço, quais as tarefas que é necessário assegurar.

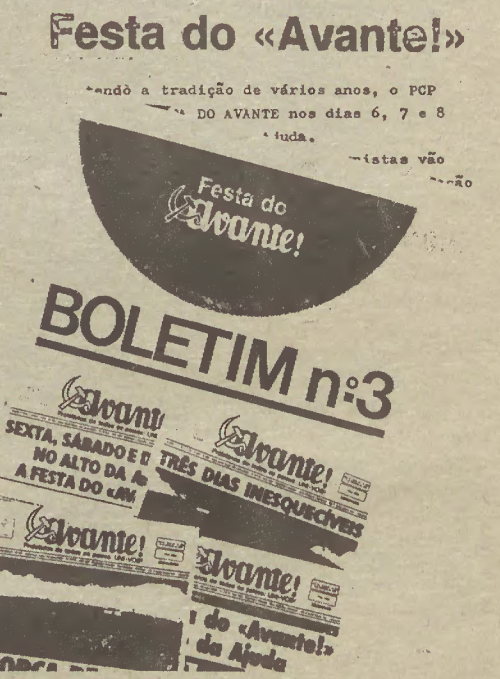
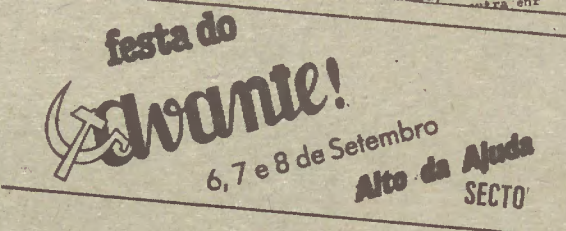
Neste quadro, grande parte da atenção dos boletins vai para a venda da EP, para as jornadas de trabalho voluntário no Alto da Ajuda e para a recolha de materiais que serão necessários durante os três dias da Festa. Neste último caso, adquirem particular importância os géneros alimentícios.

Pelo que vimos, a edição de boletins sobre a Festa assume um papel deveras importante,

quer pelo papel que desempenham na divulgação da Festa nos seus diversos aspectos, quer pelo papel mobilizador de que se revestem. São já muitas as organizações que editaram os seus primeiros boletins. Trata-se de um esforço que urge ser continuado por todas as outras

que ainda não o tenham começado. Com a feitura dos boletins, a venda das EP's, as pichagens, a colagem do cartaz da Festa, a feitura dos panos e de pinturas murais, a nossa Festa fica mais rica. Há, pois, que continuar o esforço de divulgação da Festa, para que ela chegue ao

maior número possível de pessoas. Para que cada vez mais saibam como ela vai ser nesta sua décima edição. Para que, um mês antes da sua abertura, a Festa adquira desde já a dinâmica que a torna na maior iniciativa de massas jamais realizada em Portugal. Mesmo antes de abrir as portas.



Vamos aproveitar o princípio do mês

Agosto chegou. Setembro está aí à porta e com ele a Festa do «Avante!». A venda da EP continua — hoje mais do que nunca — na ordem do dia.

Trata-se de uma tarefa que não pode ser encarada displicentemente. Bem pelo contrário; sendo a EP o grande suporte financeiro da nossa Festa, a sua venda é uma contribuição fundamental para o êxito de uma Festa que é construída por todos e por cada um de nós.

Além do mais, a venda da EP pode ser — nestes meses de Verão e de férias — uma forma de fazer chegar a voz do Partido a todos aqueles que se colocam um bocadinho à margem — não só da água, mas também da vida colectiva do País —, é fazer-lhes chegar as opiniões do Partido sobre as grandes questões da vida nacional.

Vender a EP pode ser, por isso, um importante contributo para o esclarecimento de todos quantos são constantemente assediados pela propaganda governamental. Assim, a importância da venda



da EP é clara. Contribuir para o êxito da nossa décima Festa; contribuir para que a voz do Partido chegue ao maior número possível de pessoas. Desde a realização do porta-a-porta, que tão bons frutos deu o ano passado, aos contactos pessoais, passando pela realização de bancas e de acções de propaganda, a venda de EP's reveste-se de tantas formas quantas a imaginação permitir. Trata-se de meter mãos à obra. A dois meses da Festa, tinha-se alcançado um número record de vendas, relativamente ao tempo que faltava para a abertura da Festa.

Vamos pois manter o ritmo. Vamos fazer para com que a Festa seja desde já um êxito. Vamos vender EP's. A começar por nós, a EP tem um cada vez mais vasto número de pessoas que estão à sua espera. Vamos ter com elas, hoje mesmo, se for possível. Não vamos deixar esta tarefa para o fim. Quanto mais cedo começarmos, mais serão as pessoas que a querem comprar.

Jornadas de trabalho A festa de se fazer a Festa

Como todos os anos, também nesta sua décima edição as jornadas de trabalho são um contributo importante para o êxito da Festa do «Avante!». No passado fim-de-semana, estiveram no Alto da Ajuda 710 camaradas e amigos que assim vieram dar o seu contributo para que a Festa seja a Festa de todos.

Trabalhar no Alto da Ajuda é uma oportunidade única de juntar o trabalho com o convívio. De diversos pontos do País, mas essencialmente dos distritos de Lisboa e Setúbal, são muitas as dezenas de pessoas que, prescindindo de um fim-de-semana de descanso, resolvem passar dois dias a construir a Festa.

Assim se organizam sardinhas e outros petiscos para o intervalo entre duas sessões de trabalho. Come-se, canta-se, contam-se histórias e revêem-se amigos ou perdidos há muito, ou que se sabe serem fáceis de encontrar todos os anos na nossa Festa. E isto porque trabalhar na Festa é fazer a Festa. Ou seja, participar nas jornadas de trabalho é participar na grande festa que é fazer a Festa. Neste momento, os carpinteiros, montadores e pedreiros são os operários especializados mais necessários. No entanto, todos aqueles que queiram participar na implantação sem terem

qualquer especialidade, não se preocupem porque trabalho não falta e todos são fundamentais para que a Festa possa abrir as suas portas no próximo dia 6 de Setembro.

Faltam apenas 36 dias para o

começo da Festa. Não há que hesitar, trabalho não falta e vontade de o fazer também não. E, ao fim e ao cabo, trabalhar na Festa é melhor do que ir à praia: fica-se com a mesma cor e ganha-se em convívio.



Os Pioneiros na Festa

Todos os anos a Organização dos Pioneiros tem participado na «Festa do Avante!» com criatividade e alegria. Desde os palhaços que a todos fazem rir, passando pelas caras e mãos sujas de tinta das

crianças que se divertem dando asas à imaginação enquanto pintam, até assuntos mais sérios como, por exemplo, a presença de um mapa feito por miúdos sobre a caracterização da economia portuguesa e a

exibição de cartazes alusivos ao desemprego na Setenave e Lisnave, que tanto deteriora e impossibilita o desenvolvimento dos mais novos a vários níveis. Este ano, e à semelhança do que tem sido feito anteriormente, os Pioneiros têm para oferecer a todas as crianças, o famoso «atelier» de barro, de desenhos e de colagens, um carrossel, a exposição de vários trabalhos feitos pelos próprios miúdos, um «mini-palco» com diferentes e divertidas actividades e o tal microfone aberto onde tu podes dizer tudo, mas tudo mesmo, do teu direito de pessoa pequenina. Há que cuidar da cultura, e é por isso que lá vai estar a minibiблиотека, onde se poderá ler (ou reler) as histórias favoritas. E para divulgação e venda dos materiais feitos pelos Pioneiros lá estará a banca, assim como o bar «Pirilima» a refrescar os mais sequiosos de uma bebida em alegre companhia. Quanto aos desportistas, para já, podem contar com o torneio de futebol. Mas o ponto alto da Cidade dos Pioneiros será a Exposição Nacional subordinada ao tema «Crescer, brincar, estudar, viver no Portugal de Abril», acompanhada de minidebates e da participação de artistas e outras pessoas da vida cultural do nosso país. As crianças merecem tudo e por isso mesmo não faltarão o já conhecido parque infantil, os balões para dar mais cor e alegria e os muitos artistas tão do agrado da pequenada.



Através das Organizações Regionais

Na Festa, reencontramos em Lisboa as diferentes regiões do País, desde Trás-os-Montes até aos Açores. Os seus usos, costumes, alimentação e também as dificuldades e sucessos ali estão representados, através das Organizações Regionais do PCP. É um Portugal pequeninho que todos os anos se ergue no Alto da Ajuda. As Organizações Regionais começam a preparar, com a devida antecedência, a sua participação na Festa. Estuda-se com afinco o que cada ano deve ser a exposição que exprime bem a região, fazem-se contactos para os materiais regionais que serão vendidos, não se esquece a culinária tradicional. Os problemas das empresas ou dos agricultores são igualmente tratados para que, na Festa, os milhares de visitantes possam saber, directamente, o que se passa na Beira ou no Minho. Mas não fica por aqui o trabalho das Organizações Regionais. É preciso, também, tratar da implantação dos respectivos pavilhões na Festa. Muitas vezes promovem-se jornadas de trabalho, para que tudo esteja pronto quando as portas se abrirem na sexta-feira à noite. Excursões dos que pretendem ir à Festa são programadas e tantas vezes as pessoas que vêm só se deslocam a Lisboa por esta época do ano. Fazem-se as marcações das camionetas. Quantos

PORTUGAL REENCONTRADO

preparativos não são necessários para que tudo funcione perfeitamente nos três dias de Festa. Mas o trabalho — e todos estes anos de Festa, e não só, são prova disso — não assusta os comunistas. A imaginação também não fica adormecida, pois de outro modo a Festa seria uma repetição. O tema que se utilizou não será o mesmo no ano seguinte. E depois há os ranchos folclóricos, os espectáculos nos diferentes palcos regionais e que atraem sempre multidões, que ali reencontram a sua terra de origem. Não ficam por aqui as tarefas das Organizações Regionais do PCP. À última da hora falta sempre qualquer coisa que é preciso resolver ou mesmo substituir. A decoração do pavilhão também não foi descurada. Em letras bem grandes tem de estar indicada a Organização Regional, para que os visitantes a possam descobrir. É preciso descarregar os materiais, desembulhá-los, pô-los nas prateleiras, limpá-los do pó (sim, que o pó não falta no recinto da Festa apesar das camionetas que vão regando o terreno). Enfim, trabalho, trabalho, trabalho para que,

durante três dias, se proporcione toda a alegria possível às dezenas de milhares de visitantes que ali acorrem. Mas o aspecto político-social não está ausente. Como poderia estar se a Festa é também e principalmente uma Festa política? As tarefas que se colocam aos comunistas e outros democratas estão bem patentes, assim como as ofensivas da reacção (ou seja do Governo). Não são esquecidas as empresas onde houve e continua a haver despedimentos. As empresas onde a política do Governo as levou à falência. A situação dos reformados, dos beneficiários da Previdência, dos produtores de batata, etc., etc. Contudo, nem só os aspectos negativos são os abordados. Casos há — e são mais do que se pensa — onde a actuação dos comunistas e de outros democratas proporcionou uma melhoria de vida. É o caso das autarquias administradas pela APU, certas lutas vitoriosas que foram travadas, enfim, numerosos exemplos que também estarão presentes através das diferentes Organizações Regionais. Só vendo. Só indo à Festa — uma espécie de Portugal reencontrado!



Um espaço vivo e aberto

A Festa do «Avante!» tem sido um espaço vivo e aberto de cultura, no qual a música portuguesa, na diversidade das suas formas e estilos, ocupa um lugar de plano primeiro. Assim foi ao longo de nove anos. Assim voltará a ser este ano. Em 1976, na sua primeira edição, a Festa constituiu o reconhecimento do significativo contributo dado pelos cantores para a elevação da consciência política e cultural do nosso povo. Com Abril registou-se uma substancial melhoria nas condições de intervenção dos músicos e cantores progressistas que passaram, sem restrições, a dar voz e corpo aos anseios, sonhos e lutas de amplas camadas das massas trabalhadoras. O PCP, agrupando a maioria desses cantores, encontrava-se e encontra-se numa situação privilegiada para transformar a festa anual do seu órgão central num espaço de encontro entre os artistas e o seu público, entre as várias correntes estéticas, entre a juventude e os sons que melhor a representam. Ao longo de nove anos, a Festa do «Avante!» assumiu a música

portuguesa como um símbolo da transformação da sociedade portuguesa nos planos social, político e cultural. Pelos seus palcos passaram, ao longo destes anos, os mais representativos criadores de uma música que, nas suas várias vertentes, corporiza o desejo de mudança de um povo que se recusa a aceitar o retrocesso. Sendo o maior acontecimento cultural do Portugal de Abril, a «Festa do Avante!», por ser também um espaço internacionalista, converteu-se no ponto de encontro dos cantores e músicos portugueses com aqueles que, noutros países, também creem na capacidade transformadora da arte posta ao serviço da mudança, do sonho e do progresso.

Alargou-se o horizonte da unidade

Com o 25 de Abril alargou-se o campo de intervenção dos cantores progressistas que passaram a ter na Festa do «Avante!» um espaço de unidade efectiva, no qual,

independentemente das suas posições ideológicas, põem em prática as suas concepções de trabalho.

Ao longo de uma década a Festa do «Avante!» contribuiu para unir, para juntar, para proporcionar o encontro entre os criadores musicais e o seu público. Tornou-se o maior e o mais fascinante palco do país. Enquadrou o trabalho dos artistas no quadro mais amplo da luta de um povo que não dissocia a criatividade e a alegria do combate pela defesa de Abril. Em nenhum espaço ou lugar como na Festa do «Avante!» os músicos e os cantores se sentem tão ligados ao povo a que pertencem, pois é ali que a multiplicidade das suas realizações, desde o Poder Local à Reforma Agrária, surge com a máxima pujança.

Diferentes modos de cantar, de estar na sociedade, de criar e comunicar através da música vencem na Festa do «Avante!» as barreiras artificiais que uma certa área da Informação se tem apostado em instituir, visando com isso separar o que é inseparável, dissociar o que é indissociável.

A hora da música portuguesa

Nos últimos anos a música portuguesa, na multiplicidade dos estilos e géneros que comporta, tem tido na Festa do «Avante!» o seu principal espaço de afirmação. Os criadores musicais preparam-se arduamente para esta experiência marcante nas suas carreiras. O público, por sua vez, sabe que durante três dias tem na Festa uma soberana oportunidade de ver e ouvir os artistas que admira e com cujo trabalho se identifica. Ao longo de uma década a Festa do «Avante!» ganhou para a música portuguesa novas e significativas camadas de público, designadamente o mais jovem. O que, nos últimos cinco ou seis anos tem sido a luta dos criadores musicais pela construção de sonoridades que de algum modo preservem a nossa identidade cultural, foi antecipado pela Festa do «Avante!». Com efeito, devem-se-lhe os primeiros esforços visíveis no sentido de defender, divulgar, dignificar e promover a música portuguesa sem

discriminações nem barreiras. Reconhece-o o público. Sabem-no os artistas. Este ano a Festa do «Avante!» reforçará ainda mais a sua capacidade de unir aqueles que fazem a música que melhor traduz os nossos sentimentos colectivos. Pelos seus palcos passarão os nomes mais representativos da canção, da música instrumental, da interpretação vocal. Os espectáculos de música portuguesa que a Festa programou para este ano constituirão a demonstração de como, na diversidade, se pode construir a unidade, de como os artistas podem prolongar, através do trabalho criador, as esperanças e as lutas do seu povo. A música portuguesa surgirá de novo como um dos aspectos mais ricos e progressistas da nossa realidade portuguesa. A hora será de unidade e de encontro num tempo que é de mudança e de inadiável transformação. A qualidade será uma constante, pois nela reside a suprema forma de respeito pelo público. Pelo Povo.

■ José Jorge Letria

MÚSICA PORTUGUESA

Sérgio Godinho

Autor-interpretar de algumas das mais importantes canções da Música Popular Portuguesa, não é esta a primeira vez que encanta na Festa do «Avante!». A primeira foi em 1977, a última em 1983. Cantando, perguntou de quem eram as terras deste País, alertou para que Portugal não se deixasse assim vestir. Hoje com quarenta anos, é cantor interveniente desde sempre. Emigrou para fugir ao serviço militar e à guerra; voltado à sua terra, desde o primeiro dia — literalmente — canta histórias dispersas, sempre tão unidas. Nasceu no Porto, cantou a Etelvina e disse-nos a todos nós que hoje é o primeiro dia do resto da nossa vida; Passou pela Suíça, pela Holanda, França e Canadá. Preso no Brasil, todo o processo da sua detenção e a sua popularidade originaram um vasto movimento de solidariedade. Recentemente, editou um álbum. Chamou-se «Era Uma Vez Um Rapaz». Era uma vez um rapaz chamado Sérgio Godinho. Um rapaz que um dia começou a escrever canções que hoje são cantadas

por toda a gente. Canções onde o amor é um acto interveniente; canções onde a intervenção é um acto de amor. O seu primeiro álbum, «Os Sobreviventes», vale-lhe o prémio da Casa da Imprensa para a melhor letra do ano. O segundo, «Pré-Histórias», é considerado, pela mesma instituição, como sendo o melhor disco do ano. Desde 1971 que as suas músicas encantam por este mundo fora. Desde então, publicou já nove álbuns. Uma discografia que, quer pela sua qualidade, quer pela sua popularidade, é caso raro no nosso País.

O teatro e o cinema

Mas a actividade artística de Sérgio Godinho não se restringe à música. Em Paris participa como actor na ópera rock «Hair», depois integrou o elenco do célebre grupo teatral norte-americano «Living Theatre». É com outros membros deste grupo

que conhece pela primeira vez as prisões brasileiras, mercê da pressão exercida por uma associação fascista. Já em Portugal, protagoniza o filme de Fonseca e Costa «Os Demónios de Alcácer-Quibir». Finalmente, ingressa no elenco do grupo de teatro «Os cómicos».

Sérgio na Festa

É, pois, este rapaz, que este ano, uma vez mais, vai cantar e encantar na Festa do «Avante!», que nos vai lembrar para pormos a máquina a gravar porque nos vem dizer que é como o pano cru. Sérgio Godinho na Festa. Mais uma oportunidade — sempre única — para acompanhar este senhor da música portuguesa em canções que marcaram uma época. Sérgio Godinho na Festa. Um espectáculo que, quer pelas canções, quer pela sua forma de as interpretar, quer ainda pelo seu poder de comunicação, é uma certeza.

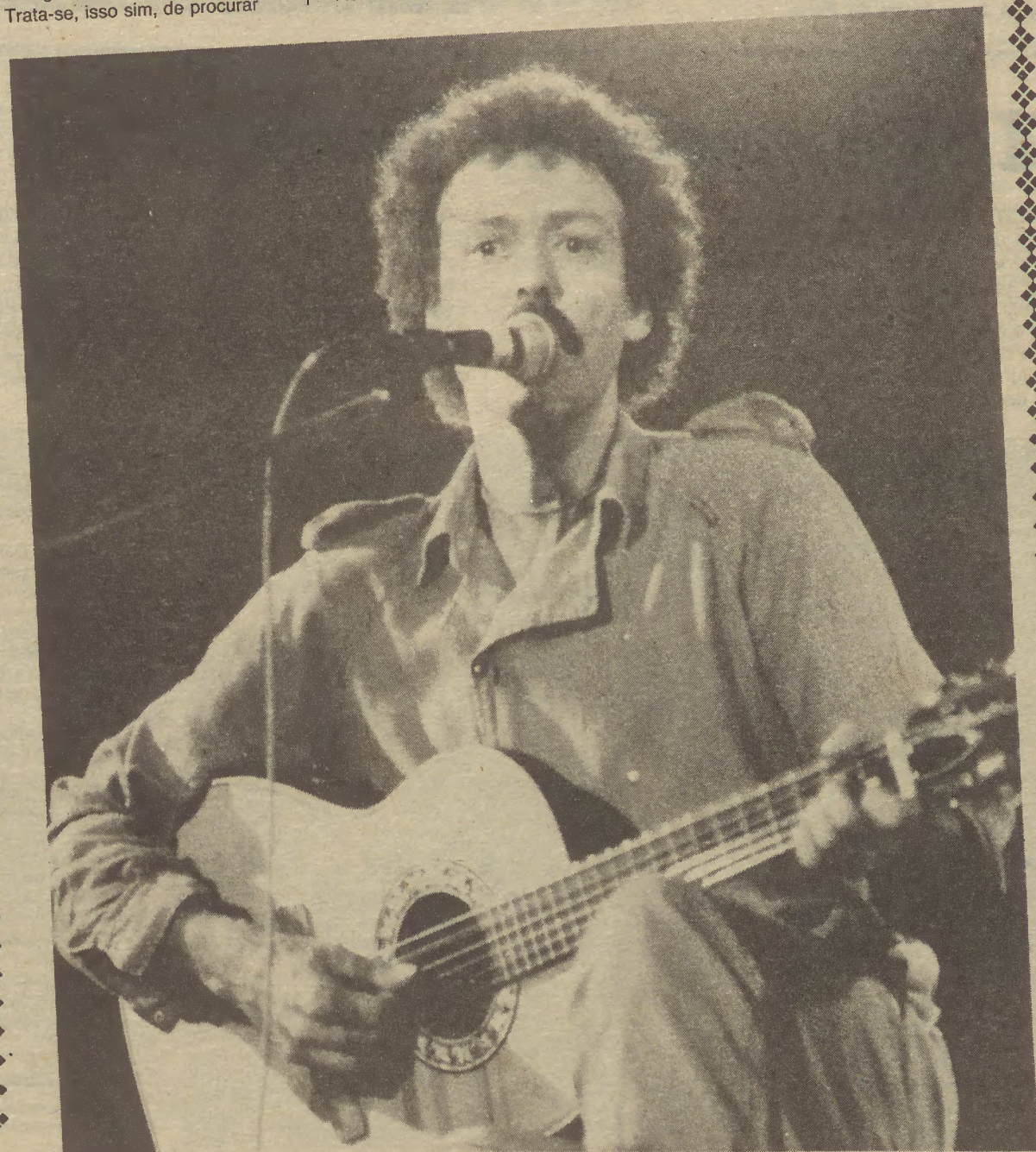


Carlos Mendes

«Triângulo do Mar» foi o ponto de viragem, a descoberta de um novo trajecto musical, a partida para a grande aventura que é ser-se pioneiro de uma proposta musical. Para trás ficou «Amor Combate», ficaram os tempos da música ligeira, do canto livre e das baladas. Com «Triângulo do Mar» e «Chão do Vento» continuou a preocupação de qualidade posta nas letras e poemas. Estamos a falar de um artista que desde a primeira Festa actuou nos nossos palcos. De um artista que, uma vez mais, vai fazer a Festa no Alto da Ajuda. O seu penúltimo álbum foi o ponto de viragem na sua carreira musical. A partir de então, Carlos Mendes percorre a mesma viagem dos negreiros: África, Brasil e Portugal. O seu objectivo, claro está, é bem diferente. Não se trata aqui de desligar povos das suas raízes. Trata-se, isso sim, de procurar

as raízes comuns dos diversos povos. Trata-se de, a partir das músicas tradicionais dos diversos povos — de Angola, a Portugal, passando pelo Brasil — dizer ser possível encontrar raízes comuns, dizer ser possível a construção de uma música com identidade. Os resultados dessa aposta ainda agora começam a ser conhecidos. Se «Triângulo do Mar» foi a descoberta, «Chão do Vento» foi a confirmação. Esta procura da interpenetração e de fusão de ambiências não é única de Carlos Mendes. Artistas como Zeca Afonso, Sérgio Godinho, Fausto e Tóvão Monteiro ensaiaram já o mesmo caminho. É, no entanto, Carlos Mendes quem mais profundamente o continua a explorar, numa viagem que parece não ter fim, tantas são as possibilidades que oferece. Actualmente em Moscovo, onde

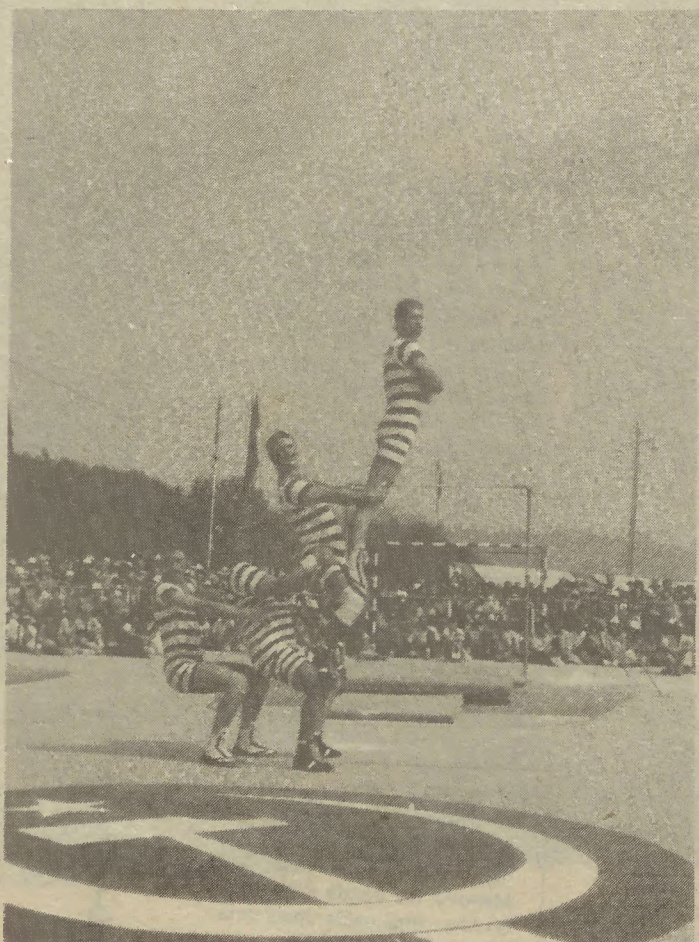
participam no XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, Carlos Mendes e a sua banda «Triângulo do Mar», participaram na sessão comemorativa — vai para um ano — do 5.º aniversário da Revolução Sandinista. Cantar é, portanto, um acto solidário para este artista. É a sua arte é posta ao serviço de uma causa: a cultura. Com ela alerta, pesquisa e encanta. Com ela, enfim, diz-nos de como é bom estar vivo e de como é necessário sermos vivos. No Alto da Ajuda, com a sua banda, Carlos Mendes vai, uma vez mais, actuar na Festa do «Avante!». Vai, uma vez mais, encantar na Festa. «É pois, com o prazer de saber que vão gostar — dir-se-á —, que vos anuncio o artista. Carlos Mendes, e a banda «Triângulo do Mar» aqui estão, mais uma vez ao vivo na Festa do «Avante!».



continua

GINÁSTICA

Dois festivais internacionais



Uma vez mais, Festivais Internacionais de Ginástica no Alto da Ajuda. A perícia de atletas soviéticos, búlgaros, checoslovacos e polacos. A festa dentro da Festa



O ritmo, a elegância e a destreza fazem da ginástica rítmica uma das mais belas modalidades desportivas

A Festa é, desde a sua primeira edição, uma oportunidade única que o público português tem para assistir a exibições de ginastas mundialmente famosos. Este ano, mais uma vez, a oportunidade não vai faltar. Na noite de dia 7 e na manhã do dia 8, o Alto da Ajuda vai ser palco de dois Festivais Internacionais de Ginástica. Neles participarão atletas da União Soviética, da

Checoslováquia, da Bulgária e da Polónia.

A ginástica desportiva, rítmica e acrobática encantarão assim todos aqueles que, tendo-se habituado a assistir a outros festivais, não perderão mais estes; e deslumbrará todos os outros que em anos anteriores assistiram a outros espectáculos e que este ano se resolveram —

e muito bem — pelo Festival Internacional. Pela primeira vez na Festa do «Avante!» actuará uma embaixada da ginástica rítmica da Polónia, pelo que esta iniciativa se revestirá de um particular interesse.

Poder assistir à actuação de ginastas destes países constitui sempre um privilégio, dado o seu

alto gabarito. Assim, mais uma vez, os Festivais Internacionais de Ginástica da Festa do «Avante!» serão pontos altos de todo o programa da Festa. Este ano com dois aliciantes. Além da presença polaca, virá também uma delegação da ginástica rítmica búlgara, país que é campeão mundial da modalidade.

VII Torneio de Damas

Desde 1979 que se realiza anualmente o Torneio de Damas da Festa do «Avante!». Desde 1979 que a Festa desempenha um importante papel na divulgação de um jogo tão popular no nosso País.

Quer pelo número de participantes, quer pela sua qualidade, o torneio que se realiza no Alto da Ajuda é já hoje uma tradição na nossa Festa, tendo conquistado um lugar de particular destaque no seu programa desportivo.

A falta de um campeonato nacional de damas — hoje já

existente — levou a que o torneio da Festa adquirisse uma dimensão que o tornou numa verdadeira prova nacional, contando assim com a participação dos melhores damistas do País.

Este ano, realiza-se o VII Torneio de Damas da Festa do «Avante!». Mais uma vez, por lá passarão os melhores jogadores da modalidade. Mais uma vez, como acontece desde a sua formação, terá o apoio da Federação Portuguesa de Damas.

Regulamento

1. Decorrerá nos dias 7 e 8 de Setembro de 1985 o VII Torneio de Damas da Festa do «Avante!».

1.1 — Cada Centro de Trabalho ou Organização Regional procederá de forma a mobilizar o maior número de inscrições para estarem presentes no Alto da Ajuda, nomeadamente através da organização de torneios de preparação.

1.2 — Os campeão e vice-campeão de 84 terão a sua presença assegurada no torneio a partir da 2.ª eliminatória.

1.3 — A participação far-se-á mediante a inscrição nos Centros de Trabalho do PCP ou directamente para a Comissão Organizadora do Programa Desportivo da Festa do «Avante!», Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa Codex, até 31 de Agosto, ou no próprio local da Festa, até às 14 horas do dia 7 de Setembro, hora do início da prova.

Primeira fase

2. Será o seguinte o Regulamento deste VII Torneio Nacional:

2.1 — A primeira sessão é disputada por 60 damistas que

se eliminarão até à quarta sessão, incluindo a partir da segunda, os campeão e vice de 1984.

2.2 — Transitarão para a segunda fase os quatro apurados destas eliminatórias.

2.3 — O emparelhamento para a primeira eliminatória será designado por sorteio no local e à hora do início: 14 horas do dia 7 de Setembro.

2.5 — Os emparelhamentos para as sessões seguintes far-se-ão também por sorteio até à quarta sessão.

2.6 — As sessões terão a duração de 2 horas, assim: 14-16 horas; 19-21 horas.

2.7 — Sendo necessário haverá repescagens.

2.8 — Se houver número ímpar de jogadores folgará um designado por sorteio, que não poderá voltar a folgar.

3. Na 4.ª sessão serão disputados os quartos de final com 8 jogadores em prova.

4. Nas três sessões anteriores as partidas de quatro jogos serão de abertura livre.

4.1 — Nos quartos-de-final (21 horas) as aberturas serão sorteadas e comuns aos quatro tabuleiros, e tempo controlado por relógios.

4.2 — O tempo é de 90 minutos por cada jogador.

5. Nas partidas empatadas, os desempates far-se-ão por partidas rápidas:

a) Desempate por meio de um jogo em abertura sorteadas e 10 minutos para cada jogador.

b) Prevalecendo o empate jogar-se-á outro jogo de 10 minutos para cada.

c) Se o jogo for empatado considera-se vencedor o jogador

que tiver gasto menos tempo no último jogo (o 6.º).

d) Se mesmo assim subsistir o empate, o vencedor será designado por sorteio.

Segunda fase

6. A segunda fase começará dia 8, pelas 13 horas, e será disputada pelos quatro apurados na primeira fase, os quais jogarão em «poule» (todos contra todos).

7. Partidas de quatro jogos, abertura sorteadas e 90 minutos para cada jogador.

7.1 — Se na classificação final houver empates em pontuação, far-se-á o desempate pelo sistema «Sonneborn-Berger».

8. Os horários das sessões são: 13 horas; 16 horas; 21 horas.

9. No início das sessões serão postos os relógios a trabalhar, tendo os jogadores uma hora para comparecer.

9.1 — Se o(s) faltoso(s) comparecer(em) dentro do prazo terá(ão) de jogar com o tempo que lhe(s) restar.

9.2 — Se o prazo for ultrapassado será considerado derrotado quem prevaricar.

10. Estarão em disputa três taças para os três primeiros e uma medalha para o quarto classificado.

11. Nesta prova vigorarão as Leis do Jogo aprovadas pela Federação Portuguesa de Damas.

12. Os casos omissos serão da competência da Comissão Técnica.



Pela sua importância, o Torneio de Damas da Festa do «Avante!» é hoje uma das maiores provas nacionais da modalidade



«Quantos não morreram, quantos não sofreram para que este sonho se concretizasse? E quantos não desejavam ardentemente esta Festa, este grito de alegria e combate, incentivo da luta quotidianamente prosseguida?», perguntava o «Avante!» na sua edição de 23 de Setembro de 1976.

No dia seguinte, abria as portas a maior festa jamais realizada em Portugal. Abria as suas portas a primeira Festa do «Avante!». Antes, no entanto, «em cada comunista, em cada trabalhador, em cada homem e mulher amantes da paz e da justiça» havia já uma «bandeira desfraldada saudando a Grande Festa do «Avante!», Saudando a Festa do Portugal libertado, do futuro, de todo um povo que anos a fio lutara contra as trevas e o obscurantismo.

Antes do começo já as potencialidades e objectivos, já a verdade da Festa estava exposta um pouco por todas as paredes desse País, no cartaz que mostrava duas mãos a abraçar o arco-íris.

Depois, durante os três dias, a realidade ultrapassou as expectativas mais optimistas. De todo o lado chegavam as palavras mais entusiásticas. A enorme multidão que enchia a Feira Internacional de Lisboa e terrenos adjacentes era sinónimo de futuro, de alegria e de confiança. Nem as provocações fascistas dos dias que a antecederam fizeram desta Festa o estertor de um belo sonho. Muito pelo contrário, também elas trouxeram novas razões para que a Festa — por mérito próprio — adquirisse foros de cidadania, para que o sonho se tornasse realidade, para que o futuro se fizesse Festa.

Antes, a Festa era outra. No editorial do programa que desde a primeira hora fala das nossas Festas, tornando-se um instrumento precioso a todos quantos nelas participam, falou-se delas, lembrando «esses

O grande sonho torna-se realidade

dias, quando ciosamente levavas contigo a voz do teu Partido e traduzias quantas vezes soletrando para que Maria ouvisse, nesses dias, camarada, na tua casa havia festa — a festa do «Avante!»». Era outra, de facto, era a Festa de se estar em contacto com o Partido, o que só era possível graças ao esforço dedicado de muitos milhares de camaradas que, eludindo todos os perigos, levavam a voz do Partido a todos quantos estavam em luta. Todo um trabalho que não foi esquecido naquela primeira Festa do «Avante!» em que já era a alegria da liberdade reencontrada que imperava.

O internacionalismo

Desde sempre, a Festa do «Avante!» foi também sinónimo de internacionalismo. Sinónimo de solidariedade para com os povos em luta e para com todos os outros que dia a dia constroem o futuro com suas próprias mãos. Nesta primeira Festa do «Avante!» participaram 25 delegações de países e partidos estrangeiros, naquela a que se chamou «cidade internacional». Um nome que, desde logo, grangeou o carinho e a solidariedade de todos quantos passaram pela FIL. Um nome que se tornou obrigatório em todas as posteriores edições da Festa do nosso Partido.

A Festa

De todo aquele imenso espaço sempre tão estático, os comunistas conseguiram fazer uma grande cidade, com toda a animação e o debate que a

passaram a caracterizar. Seis palcos, 1 circo, 1 sala de cinema e concertos, 1 arraial da juventude, dezenas de stands de organizações, 114 grupos e artistas; música, teatro, mímica e cinema animaram os muitos milhares de pessoas que — pela primeira vez de uma maneira tão intensa — foram conviver com os comunistas; vários colóquios disseram da justeza das suas opiniões, todo um rol de intensa actividade que podia ser

acompanhado pelo circuito interno de televisão que funcionou durante aquela Festa que o secretário-geral do PCP considerou, durante o comício de encerramento, ser «a maior, a mais extraordinária, a mais fraternal e humana jamais realizada no nosso país».

A solidariedade

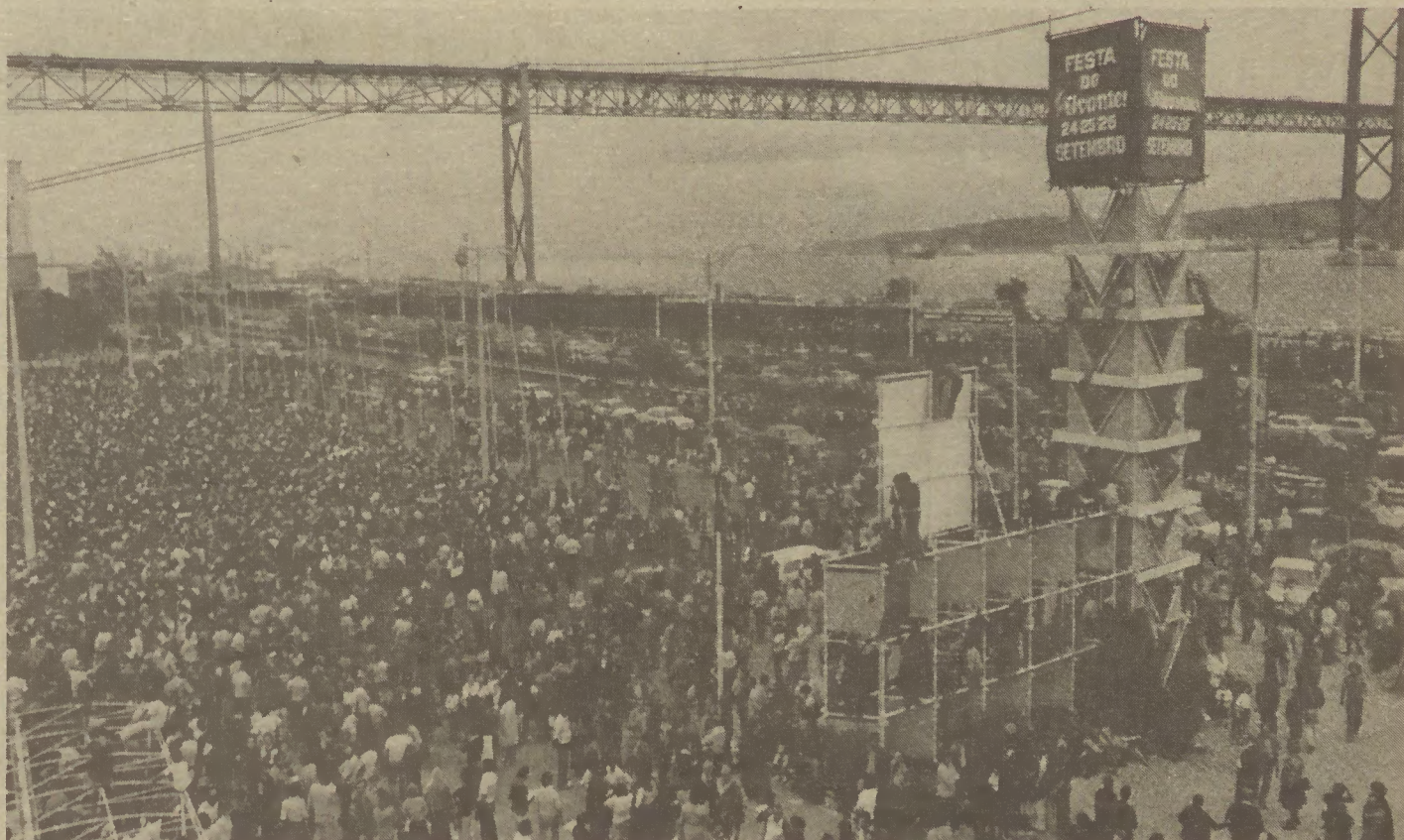
A solidariedade internacionalista na Festa foi uma constante, quer pelas provas de apreço que

rodearam os camaradas de países como o Chile, o Brasil, a Espanha, ou a Palestina, por exemplo, quer pelos colóquios que se realizaram. No entanto, também a solidariedade para com o nosso povo foi igualmente intensa. Solidariedade para com os obreiros da Reforma Agrária, para com os trabalhadores, para com todos aqueles que diariamente constroem o futuro com o seu trabalho e a sua luta;

para com os jovens, para com as mulheres e os idosos. Solidariedade, enfim, para com os artistas, o livro e o disco; para com o Portugal de Abril, e que era expressada, quer pelas diversas iniciativas que preencheram estes três dias, quer pelo público anónimo, quer pelas delegações estrangeiras que vieram participar na nossa primeira Festa do «Avante!».

O futuro

Fosse pela intensa actividade necessária à preparação da primeira edição da nossa Festa, pelos inúmeros assuntos que aí se focaram, ou ainda pela alegria, pela qualidade e pela grande combatividade, a Festa do «Avante!» desde a primeira hora se afirmou como a Festa dos comunistas e de todo o povo português... como a Festa do Futuro!



Com o Tejo por pano de fundo, a multidão que encheu por completo a FIL — dentro e fora — fez da nossa Festa a Festa de todo um povo em luta

Uma novidade na Festa

Exposição internacional de gravura

A Exposição Internacional de Gravura é já uma realidade presente para alegrar e encantar os conhecedores e os desconhecedores dessa arte que se chama Gravura!

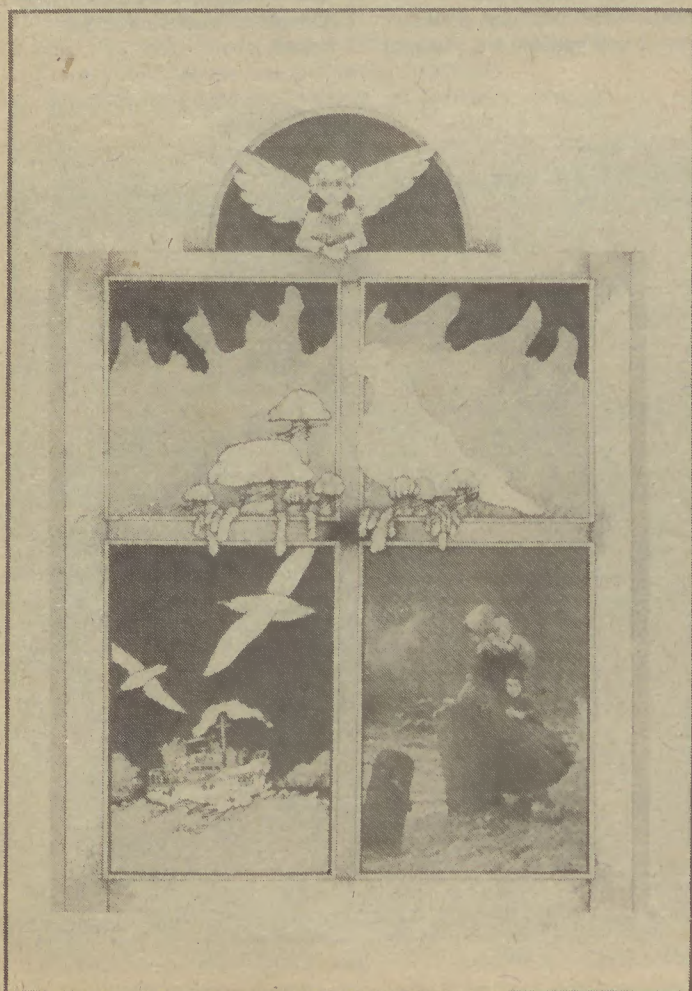
Na Festa do «Avante!» terá lugar este ano uma exposição Internacional de Gravura, integrada na 5.ª Bienal de Artes Plásticas para a qual foram convidados artistas estrangeiros premiados em certames internacionais de Gravura, tendo a grande maioria confirmado já a sua participação. Além destes, outros gravadores, também de nomeada, ofereceram-se para estar presentes.

A Comissão Organizadora teve o cuidado de convidar grandes vultos, pessoas de enorme valor no campo da gravura, não se detendo apenas neste ou naquele país ou continente, pois irão estar representantes de toda

a América, de África, da Ásia e da Europa. Pretende-se com esta exposição reunir obras de artistas de reconhecido valor mundial, renovar o encontro entre dezenas de pessoas que são expoentes altos das Artes Plásticas nossos contemporâneos e um público



Raimo Kanerva



em parte já exigente, atendendo ao nível artístico-cultural com que a Festa do «Avante!» apresentava todos os anos os seus visitantes; e por outro lado, estas grandes obras irão ser confrontadas com espectadores que não estão habituados a frequentar galerias, onde geralmente são expostas. É pois de evidenciar aqui o importante papel da Festa do «Avante!», que contribui de uma forma relevante para o enriquecimento da cultura no nosso país, a comprová-lo aí estão as muitas dezenas de milhar de pessoas que participam anualmente na Festa. Todos aqueles que visitarem o Pavilhão da Exposição Internacional de Gravura, travarão ali conhecimento com as últimas novidades dos grandes artistas que vêm de toda a parte do mundo colaborar neste grande acontecimento cultural e artístico da Festa do «Avante!» de 1985.

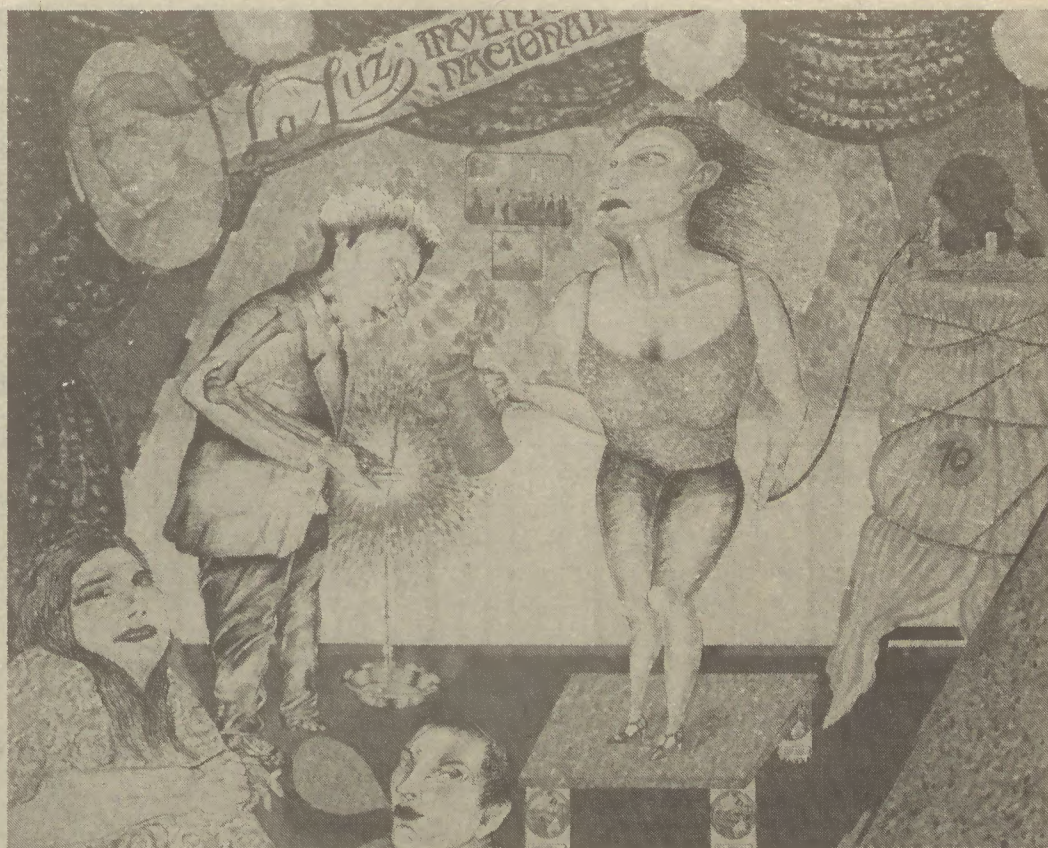
As obras presentes

Nos dias 6, 7 e 8 de Setembro, no Alto da Ajuda, todas as pessoas que visitem a Festa poderão encontrar um vasto leque de obras de autoria dos artistas mais famosos mundialmente na arte de gravar na Exposição Internacional de Gravura, que promete ser — temos a certeza que será — um exemplo do que de melhor se faz em qualquer local do mundo. Todos estes artistas oriundos dos mais diversos países, pertencem a escolas e estilos bem diferentes, do Japão ao Egipto, do Brasil à Finlândia, de França à União Soviética. Os artistas responderam da melhor forma a esta iniciativa, enviando cada um deles um conjunto de 3 trabalhos, certamente aqueles mais expressivos e representativos de cada autor.

As obras continuam a ser recebidas e correspondem às expectativas assegurando assim o elevado nível e riqueza que promete ser esta Exposição.

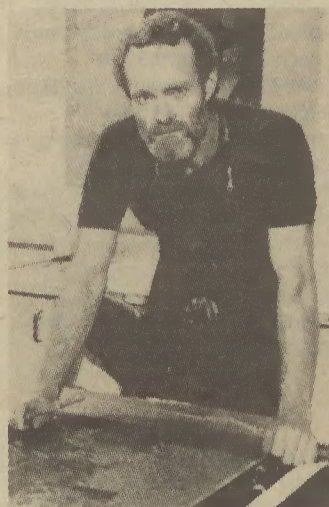
Os artistas já confirmados

Muitos dos nomes internacionais da gravura já responderam

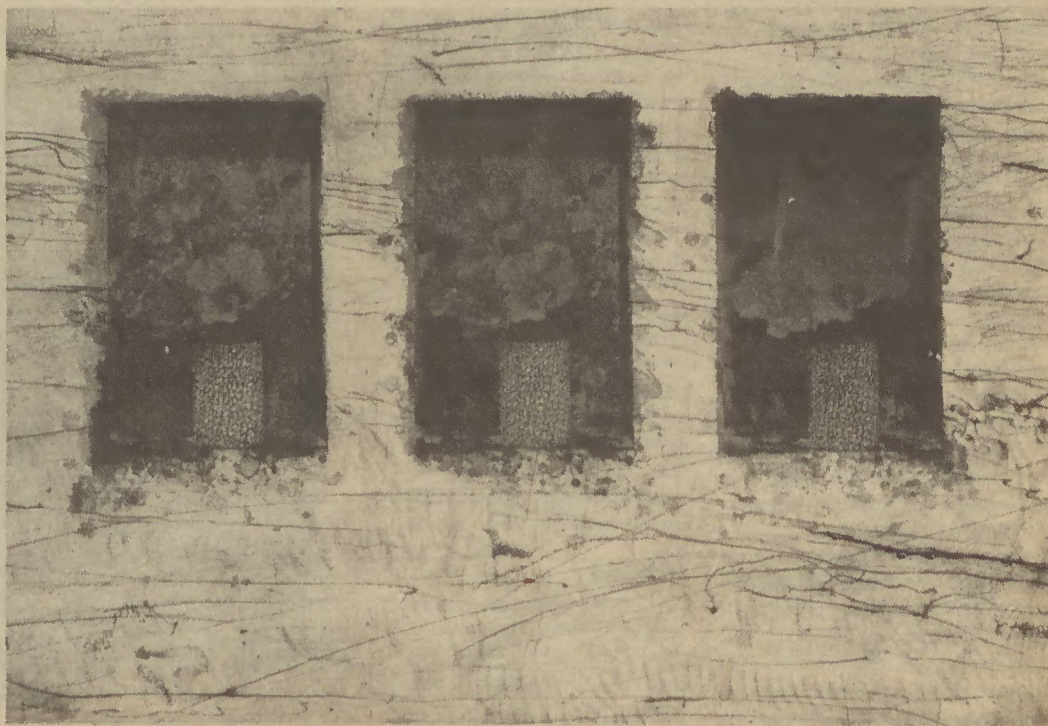


Julio Paz

positivamente a esta iniciativa, sendo acusadas diariamente a confirmação dos muitos autores convidados e a oferta para participar na Exposição de muitos outros. O mundo das artes é assim: solidário! Na Exposição Internacional de Gravura estarão presentes artistas das mais diversas origens, acontecendo deste modo um formidável conjunto de gravuras intercontinental. Desse tão grande continente de países tão diferentes que é a América já temos os trabalhos de Julio Paz da Argentina, de



J.C. Heywood



Carlos Scliar do Brasil, de Adolfo Quinteros do México, de Liliana Porter dos Estados Unidos da América, de J. C. Heywood e Jo Manning do Canadá. Da Ásia temos a participação de Kunito Nagaoka do Japão. Vindos de África teremos Koraichi da Tunísia e Awad El-Shimy do Egipto. Mas, como é evidente, é daqui do velho continente que é a grande maioria: Finn Lohmann da Dinamarca, Per Kleiva e Herman Hebler da Noruega, Raimo Kanerva da Finlândia, Guenadi I. Troshkov, Vitali N.

Petrov e Victor S. Vilner da União Soviética, Arnold Gross, Ádám Würtz e Károly Vagyóczky da Hungria, E. Marze da França, Joze Ciuha da Jugoslávia. E também para já estão assentes as representações da RDA, da Inglaterra e da Checoslováquia. Perante este rico rol de artistas de nomeada mundial da arte de gravar é, pois, obrigatória a visita à Exposição Internacional de Gravura no Pavilhão da 5.ª Bienal de Artes Plásticas nos dias 6, 7 e 8 de Setembro no Alto da Ajuda.